

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

RUAN FELLIPE MUNHOZ

**O VIAJANTE E SUA BAGAGEM:
IMAGENS DO BRASIL E DOS BRASILEIROS (RE)PRODUZIDAS POR
DOIS ESPANHÓIS NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO**

Maringá
2019

RUAN FELLIPE MUNHOZ

**O VIAJANTE E SUA BAGAGEM:
IMAGENS DO BRASIL E DOS BRASILEIROS (RE)PRODUZIDAS POR
DOIS ESPANHÓIS NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: **Estudos Literários**. Linha de pesquisa: **Literatura e Construção de Identidades**.

Orientadora: Profa. Dra. Alba Krishna Topan Feldman

Maringá
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR, Brasil)

M966v Munhoz, Ruan Fellipe
O viajante e sua bagagem : imagens do Brasil e dos brasileiros (re)produzidas por dois espanhóis no início do novo milênio / Ruan Fellipe Munhoz. -- Maringá, PR, 2019.
118 f.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Alba Krishna Topan Feldman.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Relato de viagens - Brasil. 2. Imagologia - Imagem - Literatura. 3. Amazônia - Descrição e viagens. 4. Nart, Javier, 1947-. 5. Gutiérrez, Bernardo. I. Feldman, Alba Krishna Topan, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 800


RUAN FELLIPE MUNHOZ

**O VIAJANTE E SUA BAGAGEM: IMAGENS DO BRASIL E DOS BRASILEIROS
(RE)PRODUZIDAS POR DOIS ESPANHÓIS NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários**.

Aprovada em 08 de março de 2019.

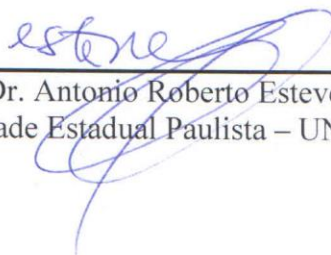
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Alba Krishna Topan Feldman
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof^a. Dr^a. Roselene de Fátima Coito
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Antonio Roberto Esteves
Universidade Estadual Paulista – UNESP

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Dra. Alba Krishna Topan Feldman, por ter me acolhido como parte da família.

Ao Dr. Antonio Roberto Esteves e à Dra. Roselene de Fátima Coito, pelos carinhosos apontamentos e contribuições dadas a este trabalho.

Aos meus pais, Teresinha e Benedito, e aos meus irmãos, Rafael e Renan, que, mesmo com a distância física, sempre se fizeram presentes.

Aos amigos e às amigas que compartilham comigo todas as alegrias e as tristezas da vida acadêmica.

Às professoras e aos professores que colaboraram na minha formação acadêmica e humana.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, por oportunizar este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro.

MUNHOZ, Ruan Fellipe. **O viajante e sua bagagem:** imagens do Brasil e dos brasileiros (re)produzidas por dois espanhóis no início do novo milênio. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

RESUMO

A escrita é um instrumento utilizado para romper as barreiras de gênero, classe ou raça, funcionando como uma forma de resistência contra os poderes hegemônicos instituídos em uma sociedade. Porém, ao pensar nos textos pertencentes ao gênero relato de viagens, observamos que eles apresentam memórias, informações sobre as experiências vividas e imagens, muitas vezes, pautadas em uma postura colonizadora e opressora do viajante estrangeiro. Tudo o que nos é transmitido não reflete uma realidade pura e definitiva, mas uma imagem produzida por um indivíduo inserido em determinada sociedade, detentor de uma cultura específica e reprodutor de ideologias próprias da sua classe social. A partir desses pressupostos, realizamos uma leitura de relatos baseados nas viagens de dois espanhóis pelo Brasil no início deste milênio. O primeiro, *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* (2002), publicado por Javier Nart, apresenta uma visão (ou revisão) do Brasil baseada no seu deslocamento por parte do centro-oeste, norte e nordeste. O segundo, *Calle Amazonas: De Manaus a Belém por el Brasil olvidado* (2010), escrito pelo jornalista Bernardo Gutiérrez que, após uma viagem de pouco mais de um mês, descreve o trajeto que tem início em Manaus e termina na Ilha de Marajó, no estado do Pará. Buscamos destacar e discutir as imagens do Brasil e dos brasileiros produzidas e reproduzidas pelos estrangeiros, indicando uma leitura possível das imagens simplistas explicadas historicamente e o preconceito nelas inseridas, repensando, dessa forma, as construções imagéticas como representações ideológicas que se configuram como uma estratégia de dominação social e hierarquização cultural. Para dinamizar o processo de análise literária, utilizamos o contributo da imagologia, teorizada no Brasil pela professora Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Souza (2004). Fundamentalmente, este trabalho considera os seguintes tópicos para estudo: 1. O relato de viagens e seus atravessadores extralinguísticos; 2. A investigação dos imagotipos comuns veiculados nas duas obras aqui trabalhadas; 3. A biblioteca utilizada por cada narrador como grande diferencial na produção dos seus relatos.

Palavras-chave: Relato de viagens; Imagologia; Amazônia; Javier Nart; Bernardo Gutiérrez.

MUNHOZ, Ruan Fellipe. **El viajero y su equipaje:** imágenes del Brasil e de los brasileños (re)producidas por dos españoles en principios del nuevo milenio. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

RESUMEN

La escritura es una herramienta utilizada para romper las barreras de género, clase o raza, funcionando como una forma de resistencia contra los poderes hegemónicos instituidos en la sociedad. Pensando en los textos pertenecientes al género relato de viajes, observamos que ellos presentan memorias, informaciones sobre las experiencias vividas e imágenes muchas veces pautadas en una postura colonizadora y opresora del viajante extranjero. Todo lo que nos transmiten no refleja la realidad pura y definitiva, pero una imagen producida por un individuo inserido en determinada sociedad, detentor de una cultura específica y reproductor de ideologías propias de su clase social. A partir de esos presupuestos, presentamos una lectura de relatos basados en los viajes de dos españoles por Brasil en el inicio del nuevo milenio. El primer, *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* (2002), publicado por Javier Nart, presenta una visión (o revisión) del Brasil basada en su dislocamiento por parte del centro-oeste, norte e nordeste. El segundo, *Calle Amazonas: De Manaus a Belém por el Brasil olvidado* (2010), escrito por el periodista Bernardo Gutiérrez que, después de un viaje de poco más de un mes, describe el trayecto que tiene inicio en Manaus y termina en la Isla de Marajó, en el estado de Pará. Buscamos destacar y discutir las imágenes de Brasil y de los brasileños producidas y reproducidas por extranjeros, presentando una lectura posible de las imágenes simplistas explicadas históricamente y sus preconcepciones, repensando, de esa forma, las construcciones como representaciones ideológicas que se configuran como una estrategia de dominación social y jerarquización cultural. Para dinamizar el proceso de análisis literario, utilizamos la contribución de la imagología, teorizada en Brasil por la profesora Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Souza (2004). Fundamentalmente, este trabajo considera los siguientes tópicos para estudio: 1. El relato de viajes y sus atravesadores extralingüísticos; 2. La investigación de los imagotipos comunes vehiculados en las dos obras acá analizadas; 3. La biblioteca utilizada por cada narrador como gran diferencial en la producción de los relatos.

Palabras-clave: Relato de viajes; Imagología; Amazonia; Javier Nart; Bernardo Gutiérrez.

MUNHOZ, Ruan Felipe. **The traveler and his baggage: images of Brazil and Brazilians (re)produced by two Spanish in the beginning of the new millennium.** 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

ABSTRACT

Writing is a tool used to break down gender, class or race barriers, acting as resistance against hegemonic powers instituted in a society. However, regarding texts belonging to the travel report genre, it is observed that they present memoirs, information about experiences and images generally biased by a colonizing and oppressive posture of the foreign traveler. None of what is transmitted to us reflects the pure and definite reality, but an image formed by an individual that belongs to a particular society, holding a specific culture and reproducer of ideologies owned by his social class. Starting from these assumptions, we undertake a reading of reports based on travels of two Spanish across Brazil in the beginning of this millennium. The first, *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* (2002), by Javier Nart, presents a view (or review) of Brazil based on his journey through part of Central-West, North and Northeast regions. The second, *Calle Amazonas: De Manaus a Belém por el Brasil olvidado* (2010), written by journalist Bernardo Gutiérrez who, after a trip of a few more than a month, describes the path beginning in Manaus and ending in Marajó Island, in Pará state. We seek to emphasize and discuss the images of Brazil and Brazilians produced and reproduced by foreigners, showing a possible reading of the historically explained simplistic images and the prejudices they hold. In that way, rethinking imagetic constructions as ideological representations that configure a strategy of social domination and cultural hierarchy. To stimulate the literary analysis process, we draw on the contribution of imagology, theorized in Brazil by Professor Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Souza (2004). Fundamentally, this work considers the following topics for study: 1. Travel report and its extralinguistic elements; 2. Investigation of common imagotypes carried on the two works here analyzed; 3. The library used by each narrator as a distinctive feature in creating their stories.

Keywords: Travel report; Imagology; Amazon; Javier Nart; Bernardo Gutiérrez.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	08
1. AS VIAGENS E O SEU RELATO	
1.1 - VIAGENS E NARRATIVAS DE VIAGENS	12
1.2 - A AMÉRICA E A QUESTÃO DO OUTRO	22
1.3 - A IMAGOLOGIA E A PRODUÇÃO DE IMAGENS	29
2. AS IMAGENS (RE)PRODUZIDAS POR VIAJANTES	
2.1 - DOIS ESPANHÓIS VISITAM O BRASIL NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO	36
2.2 - AS IMAGENS DO BRASIL	46
2.3 - AS IMAGENS DOS BRASILEIROS	59
3. A BIBLIOTECA DOS NARRADORES COMO ESTRATÉGIA PARA A ESTRUTURAÇÃO DO RELATO	
3.1 - A BAGAGEM DOS VIAJANTES	83
3.2 - A ESCRITA EXPERIMENTAL DE BERNARDO GUTIÉRREZ	93
3.3 - ESCREVER AS VIAGENS (ENTRE FICÇÃO E RELATO DE VIAGENS)	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Brasil sempre foi retratado pelo olhar estrangeiro e a sua identidade construída também por interferências externas. No século XVI, com a chegada dos europeus na América, as novas terras eram vistas com certa curiosidade, seja nas questões que se referem à cultura, seja na observação dos *modi operandi* dos habitantes da nova terra. A viagem se constitui como um dos temas mais antigos e frequentes na literatura, isso ocorre pela sua potência em expressar não apenas sensações e percepções a partir do deslocamento sobre determinado espaço, mas também pelo seu poder de produzir representações mentais e intelectuais do caminho. Dessa forma, independentemente dos objetivos do viajante, é importante que o conjunto de viagens se transfigure em informações que possam ser transmitidas por meio da narração oral e escritas.

A história da humanidade está permeada por relatos de viagens. Essa prática atravessa os séculos e se constitui como uma forma possível de apresentar as percepções do mundo, por meio da experiência dos viajantes. Diversos povos buscaram (e ainda hoje buscam) representar, por meio de relatos, as suas aventuras por lugares desconhecidos, as peripécias colonizadoras, o exílio, a busca por um espaço idílico, a fuga para os problemas e demais conhecimentos adquiridos em contato com o *outro*. Para que isso possa ser concretizado, utiliza-se o livro como um veículo de informação, sonhos e mitos.

Esta dissertação está fundamentada em dois relatos de viagens, duas narrativas escritas em primeira pessoa por dois autores espanhóis que apresentam olhares estrangeiros sobre o espaço brasileiro e tudo o que nele existe, representando uma oposição às culturas europeias e, por isso, digna de uma narrativa de experiência e de aprendizagem pela oposição ao *outro* selvagem.

A primeira obra selecionada é *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* (2002), título dado ao relato de viagens produzido por Javier Nart e publicado pela *Punto de Lectura*, editora espanhola especializada em livros de bolso. O autor, além de escritor e viajante, é advogado, fotógrafo, antigo correspondente de guerra, político. Nesta obra, especificamente, apresenta uma narrativa baseada no seu deslocamento por parte do centro-oeste, norte e nordeste brasileiro.

A segunda obra escolhida como *corpus* para esta pesquisa é *Calle Amazonas: De Manaus a Belém por el Brasil olvidado* (2010), obra publicada pelo jornalista Bernardo

Gutiérrez após uma viagem que se inicia em Manaus e termina na Ilha de Marajó, no estado do Pará. Segundo afirma o viajante, no início do seu relato, o “olhar é uma escolha¹” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 11), evidenciando, assim, a sua pretensão de não apenas falar das belezas encontradas, mas, também, apresentar e discutir os problemas enfrentados pelos moradores das regiões visitadas, corrompidos através dos anos, desde a colonização.

Para a consecução de nossos objetivos, dividimos este trabalho em três capítulos que se complementam. O primeiro, intitulado **As viagens e seu relato**, foi elaborado pela necessidade de apresentar uma base teórica que fundamentasse os estudos aqui realizados. Nele, tratamos dos conceitos de viagem, partindo dos pressupostos apresentados pelo sociólogo brasileiro Octavio Ianni (2003), entendendo que as viagens oportunizam aprendizagens e transformações pelo contato com o diferente. Esse acúmulo de experiências e conhecimentos pelos deslocamentos do sujeito dá origem a narrativas que podem apresentar maior ou menor nível de verossimilhança. Nesse sentido, trabalhamos com as considerações críticas de Sofía M. Carrizo Rueda (2008) a respeito dos gêneros que trabalham com a temática de viagens, considerando os aspectos sociais que atravessam os narradores viajantes e formatam as imagens por eles construídas. Ademais, centrados na leitura das viagens de Colombo realizadas por Tzvetan Todorov (1983), refletimos sobre as imagens criadas pelo europeu a partir do contato com o *outro* selvagem desde o primeiro desembarque nas Américas.

Todas as descrições apresentadas na literatura são baseadas em sensações e percepções de um sujeito específico que se insere em determinado contexto e, por esse motivo, corre o risco de criar simplificações ou generalizações que podem ser explicadas por aspectos históricos, sociais ou culturais. Essas construções imagéticas de países veiculadas pela literatura nos leva a um campo específico dentro dos estudos literários: a imagologia. Para dinamizar o processo de análise, consideramos, fundamentalmente, o trabalho de definição e desenvolvimento da teoria realizada pela professora Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Souza (2004) que baseará todo o estudo das imagens de Brasil produzidas pelos viajantes em questão.

No segundo capítulo, intitulado **As imagens (re)produzidas por viajantes**, apresentamos uma síntese das duas obras aqui trabalhadas, para, em seguida, debruçar-nos sobre as descrições do território e da população brasileira. Com relação às imagens do Brasil, selecionamos imagotipos que o vinculam ao Jardim do Éden e ao Eldorado, para discutir a

¹ “mirada es una elección” (GUTIÉRREZ, 2010, p.11).

concepção presente desde os primórdios, no imaginário europeu, de que este país se configura como um ambiente rico, fértil, próspero e que precisa ser explorado segundo as necessidades do estrangeiro colonizador. Em contraponto a essa posição de valorização da paisagem nacional, aparece os imagotipos relacionados ao Inferno Verde, expressão que indica a posição ideológica de um grupo que busca transmitir a imagem da selva amazônica como problemática e traiçoeira, devido às suas características climáticas e adversidades naturais. Para tanto, nos basearemos fundamentalmente nos estudos realizados por Sérgio Buarque de Holanda (2000) e nas posições críticas de Antonio Roberto Esteves (2007).

Associada às imagens edênicas da paisagem, encontra-se a ideia de que o brasileiro é determinado pelas emoções, pela subjetividade e a ele se aplicam as características da própria terra. Nesse sentido, trabalhamos com o imagotipo do homem cordial e do bom selvagem, para evidenciar as simplificações (re)produzidas sobre os habitantes desta terra. Para discutir essas generalizações, baseamo-nos nas definições presentes no dicionário organizado por Zilá Bernd (2007), sobretudo nos verbetes escritos por Alba Regina Neves Ramos e por Heloísa Toller Gomes. Considerando as imagens construídas da população negra brasileira, mais especificamente da mulher sempre vinculada aos seus aspectos físicos exuberantes e exóticos, recorreremos, principalmente, às teorias críticas de Paulo Vinícius Baptista da Silva e Fúlvia Rosemberg (2012).

No terceiro e último capítulo, intitulado **A biblioteca dos narradores como estratégia para a estruturação do relato**, passeamos pelas referências de viagem que os dois viajantes apresentam em suas narrativas. Para isso, buscamos, na teoria desenvolvida por Tiphaine Samoyault (2008), um fundamento consistente de que todo narrador carrega consigo uma biblioteca pessoal ou coletiva que formata as imagens por ele criadas. Além disso, fundamentados em Ângela de Castro Gomes (2004), discutimos a forma como os viajantes registram as suas memórias advindas de experiências em uma narrativa em primeira pessoa.

Com base nessas discussões, podemos repensar os imagotipos (d)escritos sobre o Brasil e dos brasileiros pelos viajantes estrangeiros, entendendo que todas essas imagens são posições ideológicas que se configuram como uma estratégia de dominação social e hierarquização cultural. Após esse estudo sobre os atravessadores dos discursos, podemos repensar as simplificações e generalizações que colaboram para formatar negativamente a identidade dos seus habitantes, colaborando para a desconstrução dessas imagens no imaginário brasileiro e estrangeiro.

Por fim, resta-nos alertar para o fato de que não existe uma versão das obras literárias apresentadas como base para esta dissertação em Língua Portuguesa. Por esse motivo, todas

as traduções citadas são de nossa responsabilidade. Importante indicar também a nossa preocupação em nos aproximar ao máximo do estilo de cada escritor, traduzindo os excertos da forma mais próxima com os originais, uma vez que a manipulação excessiva comprometeria a credibilidade do trabalho.

1. AS VIAGENS E O SEU RELATO

1.1 - VIAGENS E NARRATIVAS DE VIAGENS

Inicialmente, é preciso explicitar que trabalhamos aqui com um conceito amplo do termo viagem, conceito que vai além da definição comumente utilizada para descrever o deslocamento pelo espaço e pelo tempo que um indivíduo realiza em um determinado momento da vida, seja em um contexto turístico, de trabalho, artístico ou motivado por algum tipo de infração penal. O sociólogo brasileiro Octavio Ianni (2003) ressalta os sentidos metafóricos para esse termo utilizado nas ciências sociais e humanas, explicando que é possível viajar para longe, na memória, na história, na realidade, na utopia, sem ao menos sair do lugar.

Por sua vez, investigando o amplo conceito de viagem, Tzvetan Todorov (1993) questiona-se sobre o que não se encaixa nessa definição. Dessa forma, percebe-se a dificuldade de se encontrar uma descrição precisa sobre esse ato que, em sentido figurado, coincide com a própria vida, essa viagem que tem início com o nascimento e termina com a morte, e que promove tanto a mudança espaço-temporal quanto a mudança psicológica do indivíduo que entra em contato com diferentes realidades e transforma essas sensações exteriores em experiência.

Independente da constituição de uma sociedade, todos os seres que se aventuram nas diferentes e inúmeras formas de viagens possíveis, atravessam as fronteiras regionais e as próprias fronteiras, buscando ter contato com o desconhecido, desvendar o novo, descobrir o *outro* e, em consequência disso, recriar o *eu*. As inquietações nascidas do contato com os seres que habitam o território e com as novas realidades visitadas fazem com que o viajante entre em contato com as suas certezas, com aquilo que imagina saber, para se modificar, se reconstruir e até mesmo se reencontrar. Dessa forma, viajar também é mergulhar em si mesmo, percorrer um trajeto pessoal, tranquilo ou desesperado, em busca de respostas coerentes para a própria existência.

Todorov (1993) sugere diferentes formas de descoberta. É possível analisar o que nos faz parte do *outro* observado, já que todos os seres humanos compartilham características e absorvem parte da cultura da sociedade em que se inserem. Essa aproximação revela que o *outro* também é parte do *eu*, apresentando como base de diferenciação o fato deles estarem lá,

enquanto eu estou aqui. O sujeito pode, ainda, compreender o *outro* como uma abstração, como um ser único e isolado, detentor de características próprias, como um ser diferente de mim ou pertencente a um grupo social distinto. Esse grupo, segundo o autor, pode estar contido dentro de uma mesma sociedade, como as mulheres para os homens e os ricos para os pobres; ou seres pertencentes a sociedades que se distanciam no plano cultural, moral e histórico, fazendo com que exista a hesitação em se reconhecer como membros de uma mesma espécie.

As viagens não são atos realizados somente para se chegar a um destino; sua importância encontra-se, sobretudo, na travessia, pois nela o viajante entra em contato com um novo espaço, insere-se em uma realidade diferente da sua, viaja pelo tempo, pela memória, pela história, oportunizando aprendizagens e transformações pessoais. Em síntese, entendemos que com a “travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado” (IANNI, 2003, p. 26).

Essa questão nos leva a pensar que os viajantes estão sempre sob o domínio do acaso, pois, mesmo que planejada, a viagem está sempre aberta ao inesperado. Além disso, é de conhecimento público que nem todos os caminhos do mundo estão desenhados nas cartografias presentes nos atlas, uma vez que o indivíduo pode desvendar novos trajetos, descobrir o desconhecido, compreender o que antes era incompreendido, presenciar fatos surpreendentes. A rigor, como resume Ianni (2003, p. 29), “cada viajante abre seu caminho, não só quando desbrava o desconhecido, mas inclusive quando redesenha o conhecido”.

Ao realizar uma análise, mesmo que superficial da história da humanidade, percebemos que, desde o passado mais remoto, os seres humanos acumulam experiências advindas das viagens. A esse respeito, Carrizo Rueda (2008) reconhece as narrativas míticas que utilizam viagens como uma das formas mais antigas de ordenar, por meio da palavra, as percepções de mundo. Essas narrativas atravessam gerações representando a história dos povos mais diversos, possibilitando que as sociedades em geral trabalhem e retrabalhem esses textos como uma forma válida de entrar em contato com o inexplorado ou como uma estratégia de autoconhecimento. Dessa forma, podemos dizer de forma incisiva que todas as viagens têm como aspecto central o fato de dissolver e recriar fronteiras físicas, de caráter individual e/ou coletivo, afinal um indivíduo não existe em sociedade por acidente, ele precisa de *outros* para aprender, para se desenvolver e para se integrar.

A narração escrita das experiências adquiridas nas viagens é natural e pode acontecer de duas formas, diferenciando-se pelo seu nível de ficcionalidade. Carrizo Rueda (2008) indica que o relato de viagens é o texto em que se apresentam as memórias, as informações e

as experiências adquiridas através das viagens, exemplificado com os textos de Marco Polo, Pigafetta e Darwin. Por outro lado, o gênero literatura de viagens faz referência às obras com maior nível ficcional, que apresentam em sua trama um itinerário a que se subordinam os personagens, citando as obras canônicas de Homero, Virgílio e Jonathan Swift (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 10).

Considerando o potencial transgressor das viagens, vários estudiosos se dedicaram (e ainda se dedicam) a analisá-las como materiais históricos e, conseqüentemente, revelar novas realidades, lançar o olhar para uma realidade já conhecida ou mergulhar em outros momentos históricos, para escrever (ou reescrever) a sua história pessoal ou a história de uma comunidade. Ianni (2003) assevera que são inúmeras as contribuições dos cientistas sociais que se utilizam das viagens em suas pesquisas e estudos. Ao entrar em contato com o novo, temos reveladas as impressões advindas da comparação entre as realidades próximas ou remotas, presentes ou pretéritas, visíveis e invisíveis. Como consequência desses atos, “desenham-se cartografias, geografias, histórias, formações sociais, culturas e civilizações, articuladas em suas configurações e em seus movimentos, abarcando épocas e ciclos demarcados por rupturas ou reviravoltas” (IANNI, 2003, p. 22).

Tendo em vista esse potencial representativo das viagens enquanto documento histórico, devemos pensar em como essa particularidade é ressignificada no relato de viagens. Em seu estudo sobre o gênero, Carrizo Rueda (2008) ressalta o seu caráter híbrido e a impossibilidade de separar o documental dos recursos atribuídos à literariedade. Nesse sentido, é preciso lembrar que durante muito tempo o relato de viagens foi considerado material destinado a historiadores, sociólogos e antropólogos, sendo relegados à margem pela crítica literária, justamente por suas características fronteiriças entre o ficcional e o documental. Essa qualidade dual e indivisível levou os textos pertencentes a esse gênero ao patamar da literatura somente com a “segunda modernidade”, ou, melhor dizendo, a partir do momento em que passaram a compreender que todos os narradores recorrem as suas experiências pessoais, uma visão de mundo específica, para produzir um texto.

Avaliando as características dos relatos de viagens, entendemos a dificuldade de reconhecer imediatamente os textos dessa categoria, tendo em vista que tudo o que é observado passa pelo crivo do observador que transmite uma série de representações desenvolvidas a partir do seu contato com o mundo exterior. Por esse motivo, precisamos destacar a impossibilidade de se obter uma realidade única e concreta pela interpretação, pois esse processo passa também pelas percepções dos leitores como seres subjetivos, o que interfere no seu processo de significação.

A oposição entre ciência e arte é uma controvérsia antiga que surge periodicamente renovada. Há várias discussões e pontos de vista convergentes ou díspares sobre o assunto. Alguns estudiosos afirmam que essas duas linguagens se contrapõem, enquanto outros contestam que há ressonância entre elas quando se avalia determinadas obras. Existem ainda aqueles que ressaltam o caráter artístico da ciência e as características científicas da arte: “Há filósofos dedicados à poesia, música, teatro, romance e outras linguagens. Assim como há autores de ficção cujos textos literários envolvem hipóteses científicas ou enigmas filosóficos” (IANNI, 2003, p. 169).

É provável que nunca se chegue a uma conclusão definitiva sobre o assunto levantado, visto que a discussão é complexa, porém, precisamos salientar que tanto a ciência quanto a arte são formatadas com base em duas linguagens distintas que se aproximam pelo fato de se constituírem de conhecimento e imaginação, enfatizando que ambas as formas de expressão “revelam algum compromisso com a ‘realidade’, taquigrafando-a ingênua ou criticamente, procurando representá-la, sublimá-la ou simplesmente inventá-la” (IANNI, 2003, p. 170).

A despeito disso, fica evidente que a “narrativa sociológica ressoa na literária, assim como esta naquela” (IANNI, 2003, p. 180). Essas duas maneiras de narrar se aproximam e se complementam, porque os escritores de forma geral precisam delimitar o tema, compreender o conteúdo exposto, interpretar o referente, e, conseqüentemente, exorcizar as impressões e as representações subjetivas baseadas nas suas vivências e construídas de processos imaginativos complexos. Em outras palavras, tanto a produção sociológica quanto as narrações literárias ressaltam revelações surpreendentes, as mais insólitas fabulações. Então, o relato de viagens propriamente dito se apresenta sob uma máscara sofisticada de expressão da cultura e da sociedade, porém essa realidade passa por uma viagem labiríntica que se decanta em poética. É abstração e subjetividade.

Por ser formada de imagens e de uma linguagem carregada de descrições, compreendemos que o relato de viagens é construído com marcas literárias e sociológicas, envolvendo conceitos e estruturas que levam o leitor a pensar que está diante de um texto histórico, porém, ao mesmo tempo, surgem, pelas frestas, características do inconsciente do autor e da cultura na qual ele se enquadra. Nesse sentido, um escritor-viajante necessita entender o modo de fazer e pensar a arte, para além da sua função de selecionar elementos para a construção de um discurso que vise atingir essa expectativa e fascinar o interlocutor. Para isso, o relato precisa, necessariamente, apresentar uma descrição rica em adjetivos, buscando, ao mesmo tempo, informar e aproximar o leitor do lugar visitado. A trama deve

estar subordinada às descrições para produzir verossimilhança e revelar uma imagem do espaço, possibilitando o pacto comunicativo entre o emissor e o receptor.

As descrições se apresentam como um recurso fundamental no relato de viagens, porém não podemos dizer que essa é uma característica exclusiva desse gênero específico, visto que “a ‘literatura de viagens’ escolhe muitas vezes se travestir de ‘relato de viagens’ como recurso de verossimilização²” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 17). Sendo assim, para diferenciar o uso do recurso nas diferentes narrativas, entendemos que na literatura de viagens a função das descrições parece estar permanentemente a serviço da narração, enquanto no relato de viagens elas se apresentam como parte central da trama, uma vez que é a partir dela que o viajante apresenta suas experiências e constrói um fragmento de mundo.

O surgimento da literatura que trata de viagens surge juntamente com os primeiros narradores, que, de acordo com Benjamin (1994), recorrem às suas experiências pessoais e aos saberes coletivos na composição do texto. Com base nessa afirmação, percebemos que o autor valoriza a transmissão oral e, ao exaltar essa prática, defende que a literatura escrita precisa se assemelhar a esse tipo de narrativa para adquirir maior valor. Então, para atender a essas especificidades, o narrador de viagens precisa considerar as suas próprias experiências, mas também as experiências de narradores-viajantes anteriores e de narradores locais que, sem sair do seu país, conhecem suas histórias e podem transmiti-las. Esses dois narradores arcaicos são exemplificados como o “camponês sedentário” e como o “marinheiro comerciante”, ressaltando a qualidade estática do primeiro, comparada ao dinamismo do segundo.

Ao entrar em contato com textos que apresentam a temática de viagem, Carrizo Rueda reflete sobre a recepção dessas produções, indicando que “O receptor confronta a leitura do texto com o seu próprio contexto e pode encontrar respostas, ideias novas, elementos revulsivos, confirmações de uma postura já tomada, etc, etc.³” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 27), fazendo com que as expectativas, as preocupações, os questionamentos, os elementos imaginários, as inquietudes e os temores levantados pelos leitores sejam atendidos.

Entretanto, a pesquisadora ainda enfatiza que “as distinções e classificações nunca podem estar fundamentadas na análise dos conteúdos, pois o resultado desemboca em tais

² “la ‘literatura de viajes’ elige muchas veces travestirse de ‘relato de viajes’ como recurso de verosimilización” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 17).

³ “El receptor confronta la lectura del texto con su propio contexto y puede encontrar respuestas, ideas nuevas, elementos revulsivos, confirmaciones de una postura ya tomada, etc, etc.” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 27).

casos, uma série de superposições entre os elementos das categorias assim delimitadas⁴” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 15). Dessa forma, entendemos que, ao analisar um texto que trata de viagens, precisamos avaliar o conteúdo, juntamente com as questões formais e discursivas, para, assim, chegar a um resultado satisfatório de leitura.

Ao percorrer a história da crítica literária, Catherine Belsey discorre sobre o conceito de senso comum, afirmando que ele pressupõe que os textos literários válidos e que merecem ser lidos apresentam “verdades – acerca da época que lhes deu origem, do mundo em geral ou da natureza humana – e que, ao fazê-lo, exprimem as percepções particulares e o mundo interior individual dos seus autores” (BELSEY, 1982, p. 12). Esse entendimento colabora para a desconstrução da ideia presente no imaginário das pessoas que ainda hoje esperam que os viajantes apresentem uma narrativa que reflita a realidade objetiva, permitindo a utilização dos textos como documentos históricos e sociológicos.

Por essa busca incansável pela verdade incontestável, pressupõe-se não uma prática baseada em posições teóricas efetivas, mas uma forma óbvia e natural de abordar as obras literárias em geral, esquecendo-se de que todos os dados produzidos por um emissor são construídos socialmente. Então, o discurso produzido por uma pessoa não é transparente, porque recupera elementos com um determinado objetivo, algo consciente, uma ideologia.

De acordo com Althusser (1974), todo indivíduo é interpelado por diversas construções ideológicas e se constrói na formação social em que está inserido. Em outras palavras, todo indivíduo é atravessado por formações discursivas e está posicionado dentro de construções ideológicas específicas, fazendo com que não tenha controle sobre o que diz ou pensa. Isso porque a ideologia é um sistema de representações que, além de marcar linguística e discursivamente o posicionamento do indivíduo, também tem o poder de dominá-lo.

A ideologia não é um constructo psicológico, mas um produto representativo da relação do imaginário individual do sujeito com as suas condições reais de existência em sociedade. Podemos falar de formações religiosas, morais, jurídicas e políticas que interferem em como determinada pessoa observa o mundo e constrói a imagem do que por ela é observado. Dessa forma, entendemos que não existe prática que não envolva diferentes posições ideológicas e nem que essas formações existam sem um interlocutor, uma vez que todo discurso é construído no contato do sujeito com outros discursos, em determinado

⁴ “las distinciones y las clasificaciones nunca pueden estar fundamentadas en el análisis de los contenidos, pues el resultado desemboca en tales casos, un una serie de superposiciones entre los elementos de las categorías así delimitadas⁴” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 15).

contexto histórico e mediante uma formação ideológica específica. Essas relações definem o que pode ou não ser dito.

Compreendendo a ideologia como um direcionamento nos processos de significação, fica evidente o caráter político desse tipo de representação. As imagens são cristalizadas e naturalizadas e expõem a relação de poder instituída entre as camadas hegemônicas da sociedade em oposição às camadas marginais.

Baseada nos pressupostos da Análise de Discurso, Orlandi (1990) afirma que a ideologia não é uma dissimulação de sentidos, mas se apresenta como a injunção de uma interpretação veiculada como única, real e indiscutível. Com isso, podemos afirmar que é por meio da ideologia que o sujeito se constitui e significa o ambiente no qual está inserido, como se os sujeitos, para existirem como seres na sociedade, tivessem de dispor de certas imagens do mundo, para que todas as atividades, tais como religiosas, econômicas e políticas, fossem investidas e sustentadas por uma adesão, consciente ou não, a esse conjunto de representações ideológicas produzidas e reproduzidas por instituições presentes em todos os campos sociais.

Considerando essa discussão sobre ideologia, devemos pensar que comumente entramos em contato e analisamos a sociedade pelos temas presentes na literatura e nas demais produções artísticas. Essas construções não são neutras, mas desenvolvidas por um sujeito inserido em contexto específico, o que nos faz entender como a sociedade se desenvolveu em determinado momento da história, mas, ao mesmo tempo, promove a reflexão acerca dos elementos que interferiram na construção das imagens apresentadas. Um referente não é percebido pela mente humana tal como ele é na realidade, uma vez que existem barreiras sociais e históricas que atravessam as relações entre sujeito e referente, palavra e pensamento. Podemos depreender, então, que o ser humano é incapaz de experimentar sensações puras e objetivas, assim como não é possível compreender um objeto de arte fora do seu contexto de produção.

Souza (2004) afirma que as sensações apresentam um caráter subjetivo e um valor relativo, já que não revelam os objetos reais, mas subjetivados pelo ser que observa. Portanto, ao realizar a tarefa de objetivar e interpretar essas imagens, percebemos o referente contextualizado pelas sensações obtidas em contato com o objeto, associado a conhecimentos anteriormente adquiridos e arquivados na memória, promovendo a integração do passado no presente. Dessa forma, devemos reconhecer que o mesmo referente pode ser apreendido de diferentes formas nos diversos momentos da vida de um mesmo indivíduo e que cada pessoa percebe o referente de acordo com seus interesses, suas necessidades, sua posição social.

No âmbito do relato de viagens, observamos que o narrador exibe de forma muito expressiva uma imagem pessoal, suas memórias e suas vivências, uma visão da terra visitada e uma interpretação do que ele observa. Assim como o narrador tradicional, ele precisa oferecer a ilusão de uma realidade perfeita, usando uma técnica que permite causar no leitor um sentimento de confusão: um querer acreditar em todas as informações transmitidas, mas, ao mesmo tempo, desconfiar do ponto de vista apresentado. A esse respeito, Tacca (1983, p. 64) define narrador como a voz que traz informações sobre a história narrada, ressaltando que “Não lhe é permitida a falsidade, nem a dúvida, nem a interrogação nesta informação. Apenas varia (apenas lhe é concedida) a *quantidade* de informação”.

Ao ter contato unicamente com o narrador, deixamos de conhecer os demais personagens, o que implica a forte participação do receptor que se vê obrigado a completar as lacunas existentes na narrativa com a sua imaginação e experiência de mundo. Iser (1996) trabalha com a ideia de que essas lacunas, esses segredos escondidos, esses silêncios, se tornam acessíveis pelo horizonte de expectativa do leitor que desenvolve a significação pelos elementos “ocultos” do texto. Por esse motivo, as teorias atuais impõe ao leitor o papel de selecionar as descrições e elaborar uma interpretação do texto, tendo em vista que toda produção apresenta marcas do discurso de um autor que se encontra inserido em uma sociedade que é constituída de tradições e ideologias próprias. Essa leitura pede uma maior participação do receptor que se vê obrigado a realizar uma leitura dos elementos não visíveis na narrativa, transformando os silêncios em informações significativas para a compreensão da mensagem.

Por consequência, fica evidente que as viagens nem sempre produzem imagens e miragens exteriores ao viajante e essas produções frequentemente se configuram como um reflexo representativo do que ele tem no seu interior. Ou seja, na tentativa de retratar o *outro*, fica evidente a perspectiva do *eu*, o seu modo de pensar, os juízos impregnados nas imagens. Nesse jogo de espelhos, o que nos é transmitido não é a imagem observada, mas um produto que sempre se apresentará como um reflexo da identidade do viajante. Esse exercício de comparação revela-se como um modo válido de contrapor situações e promover mudanças nas configurações da realidade em que se vive ou na que se observa. Ianni (2003, p. 22) afirma que “A viagem pode alterar o significado do tempo e do espaço, da história e da memória, do ser e do devir”.

Seja qual for a sua motivação, o viajante aprende que o mundo não está totalmente traçado ou conhecido. Ainda que o caminho tenha sido percorrido, descoberto, colonizado, todo viajante tem a oportunidade de redesenhar a história e redescobrir o já conhecido,

alcançar a surpresa ou o deslumbramento no desvendar dos segredos de um espaço. À medida que viaja, o ser humano se liberta das amarras que o seguram ao chão, podendo se aventurar pela imaginação e, assim, ultrapassar as fronteiras e recriar as realidades. Por outro lado, o viajante pode estar tão enraizado nas suas ideologias que não consegue transpor as amarras impostas a ele, fazendo com que não consiga se desvincular das imagens pré-concebidas e fortalecidas pelas instituições ideológicas.

Como podemos perceber, a construção de imagens é um exercício assaz complexo e subjetivo e, por isso, requer o reconhecimento de que vários fatores interferem nos mecanismos que articulam a relação entre o sujeito e a realidade. Sendo assim, asseguramos que o narrador de viagens apresenta de forma muito expressiva um caráter mediador ao utilizar-se de suas vivências para transmitir uma mensagem, uma visão da terra visitada e uma interpretação do que foi observado. Desse modo, é construída uma ponte que aproxima o narrador do seu leitor, ou, melhor dizendo, o indivíduo que percorre determinado espaço e vive suas especificidades e o indivíduo que acompanha e se insere nessas viagens através da leitura. O autor que apresenta maior conteúdo ficcional em sua obra surge como um pintor, fazendo com que a realidade observada ganhe matizes próprios, pintados de acordo com o momento histórico, suas particularidades culturais e sua posição social. Ao buscar relatar as experiências vividas, o viajante apresenta as características pessoais, por meio de uma ressimbolização do que foi visto e vivido.

A esse respeito, Carrizo Rueda (2008, p. 9) comenta que “As tradições greco-latina e judaico-cristã geraram (...) certos arquétipos de viajantes que continuarão reaparecendo século após século, por trás de rostos sempre renovados⁵”. Merecem destaque da pesquisadora, os heróis Odisseu/Ulisses, conhecido por suas peripécias de volta ao lar; Teseu e Eneias que fundamentaram suas viagens na missão fundadora; Jasão que é considerado um viajante buscador; e Abraão e Moisés, que guiaram os seus povos no caminho para a terra prometida. Essas imagens são construídas a partir de análises e juízos simplistas, que visam à generalização e tipificação do objeto observado.

Essas construções produzidas na relação entre observador e observado são relevantes para compreender o mundo e tudo o que nele existe. Para realizar esse exercício, o ser humano precisa se dedicar “a tarefa infundável de ordenar as sensações, de reconhecê-las, de classificá-las e prevê-las” (SOUZA, 2004, p. 79). Afinal, o mundo se renova e se transforma constantemente e todas as imagens que construímos, por mais real que possa parecer, não

⁵ “Las tradiciones grecolatina y judeocristiana generaron (...) ciertos arquetipos de viajeros que continuarán reapareciendo siglo tras siglo, bajo rostros siempre renovados” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 9).

passam de construções formatadas pela consciência como cópia: o sistema nervoso encaminha os estímulos exteriores até o cérebro, produzindo interpretações do que é observado, transformando esses fatores excitantes em sensações, que, em um primeiro momento, podem ser classificadas como um dado imediato da consciência.

Quando exposto ao mundo exterior, o ser humano adulto experimenta múltiplas sensações e soma essas informações às que já tem sobre o objeto observado. Souza (2004) apresenta uma tipologia das sensações, separando-as como visuais, auditivas e tácteis, todas elas representativas. Já as sensações gustativas, olfativas, térmicas e álgicas estão na categoria das sensações externas. Existem também as quínestésicas, cenestésicas e estáticas, que são sensações internas que se encaixam no campo afetivo. Em síntese, podemos perceber que toda produção imagética é desenvolvida a partir do contato do ser humano com o mundo exterior, com auxílio de reações nervosas que passam pelos órgãos sensoriais. Esses elementos constituem a forma como temos acesso ao mundo: “os órgãos dos sentidos funcionam como ruas de mão dupla: o mundo exterior vem até nós por meio das sensações que desencadeiam e, por meio destas mesmas sensações posteriormente elaboradas, chegamos ao mundo exterior” (SOUZA, 2004, p. 82).

Porém, é preciso enfatizar que os órgãos sensoriais possuem limitações que impossibilitam que o mundo exterior chegue até nós: “Não se veem de modo natural realidades que se descobre existirem através das lentes dos microscópios ou telescópios; também não se ouvem sons abaixo ou acima de uma determinada onda vibratória” (SOUZA, 2004, p. 83). Toda produção imagética é resultado da síntese de vários conhecimentos obtidos através dos sentidos e interpretados pelo cérebro, dando origem a estados de consciência armazenados na memória.

Então, a imagem é a representação das sensações e percepções que se encontram arquivadas na memória e que podem se presentificar na ausência do referente. Essas imagens afloram através da imaginação. Podemos definir a imaginação como a capacidade de trazer ao nível da consciência as imagens arquivadas na memória e que provêm das sensações e percepções obtidas pelo contato com seres e objetos externos: “a imaginação é a faculdade não de formar imagens, mas de deformar as imagens fornecidas originalmente pela percepção” (SOUZA, 2004, p. 89) e funcionam como uma tradução do referente em si.

Nesse cenário, surge a generalização que é um processo mental que simplifica os nossos conhecimentos, facilitando o trabalho da memória. Importante recuperar a ideia de que o pensamento é desenvolvido pela capacidade de abstração de um indivíduo inserido em um meio social específico. Nesse sentido, construímos nosso arquivo no contato com o *outro*, na

relação com o mundo. Em consequência da experiência adquirida nesse processo, reunimos no nosso imaginário várias realidades distintas que sobrecarregam a nossa memória e, para aliviar o seu trabalho, precisamos produzir imagens simplificadas, ou seja, criar generalizações.

Souza (2004, p. 91) define generalização como “a operação pela qual o ser humano reúne numa representação os elementos comuns a muitas realidades e aplica esta representação a um número indeterminado de realidade da mesma espécie”. Esse fenômeno evidencia a falta de capacidade do ser humano de perceber o todo e, dessa forma, “corre o risco de considerar como verdades absolutas realidades ou fenômenos que o são apenas em parte, abrindo-se aqui a brecha para a criação de estereótipos, preconceitos, provérbios, *topoi*” (SOUZA, 2004, p. 92).

A generalização funciona como uma operação que permite ordenar e estabelecer hierarquias ao pensamento, sendo uma maneira natural de aquisição de conhecimento. Porém, apesar dessa vantagem, também apresenta desvantagens. Os mecanismos que formatam o imaginário de um povo e a forma como ele recria a imagem do *outro* são complexos, por isso constantemente nos deparamos com estereótipos baseados em preconceitos explicáveis por fatores históricos, sociais e reforçados pela mídia e por uma elite com pensamento colonizador. É indiscutível que tais estratégias são utilizadas com uma finalidade específica: o objetivo sempre será a manutenção do poder colonial.

Dessa forma, a generalização é uma condição da linguagem que, somado a outras estratégias sensoriais, exprime a realidade. Pela generalização a consciência exprime estados que permitem aproximar, classificar, hierarquizar e criar sistemas de imagotipos (SOUZA, 2004, p. 92) para melhor compreendê-los. Por esse motivo, é necessário que o ser humano compreenda essa deficiência na aquisição de conhecimento e tente se distanciar dos aspectos negativos advindos dessa operação representativa.

1.2 - A AMÉRICA E A QUESTÃO DO OUTRO

Ao discutir os mecanismos que formatam o imaginário de um povo na descoberta do *outro*, podemos voltar ao momento do desembarque dos europeus na América para refletir sobre as imagens criadas por eles desse território e, mais especificamente, dos seres humanos que aqui habitavam. As informações prestadas sobre esse encontro surpreendente estão

baseadas fundamentalmente nas reflexões de Tzvetan Todorov (1983) encontradas na célebre obra *A conquista da América*.

Tomando o caso específico de Colombo, percebemos que a grande dificuldade inicial da sua viagem era o fato de não poder ter a certeza de que no outro lado do oceano não havia um abismo, e, conseqüentemente, a queda no vazio. A dúvida estava na possibilidade de não se voltar daquela viagem: não havia a certeza de que o retorno era possível, já que se poderia enfrentar a descida do cume da terra. Nesse sentido, apesar de toda a incerteza, precisamos pensar nos motivos que levaram Colombo a viajar.

Ao analisar os diários, as cartas e os relatórios, Todorov (1983) comenta que a primeira impressão é que a motivação do viajante era o desejo de enriquecer. A procura do ouro tem lugar central no decorrer da primeira viagem, porém, ao ter contato com toda a produção, o pesquisador conclui que Colombo sabia o poder atrativo do elemento químico precioso e usava esse conhecimento para acalmar a sua tripulação e os mandatários da expedição em momentos difíceis.

No entanto, parece que a expansão do cristianismo tinha mais importância para Colombo que a própria busca por riquezas materiais. A ideia de propagar o santo nome e seu Evangelho é o que anima o viajante. E nesse ponto percebemos a primeira interferência no olhar de Colombo, pois ele vê por toda parte a intervenção divina, isso é, deixa que sua crença interfira na imagem produzida nas mais diversas instâncias do olhar.

Por outro lado, sabendo que a obtenção de lucro é um interesse secundário, também a exaltação do Evangelho não parece ser o projeto central de Colombo. Existe nele um plano mais preciso: a descoberta das terras e o relato das viagens produzidas a partir do deslocamento pelos novos territórios. Segundo Todorov (1983), Colombo teria sido inspirado pelas viagens de Ulisses e pelos relatos de Marco Polo, reiterando que o relato de viagens é ao mesmo tempo o ponto de chegada e o ponto de partida para uma nova viagem.

A viagem de Colombo está apoiada nas três esferas que dividem o seu mundo: uma é natural, a outra divina e a terceira, humana. Esses três aspectos definem também os impulsos pela conquista: o primeiro quesito é o humano (a riqueza), o segundo divino, e o terceiro ligado à apreciação da natureza. E, para se comunicar com o mundo, Colombo se comporta de acordo com as influências desses três pilares norteadores do pensamento, características que interferem nas interpretações feitas por ele. Não há dúvida de que essas interferências também influenciam a comunicação e as imagens construídas pelo viajante espanhol.

As crenças de Colombo ultrapassam os dogmas cristãos, uma vez que ele acredita em ciclopes, sereias, amazonas, entre outros elementos míticos. Esses elementos o levarão a crer

em um aspecto importante nos relatos de viagens desde os primórdios que mistura esses dois aspectos culturais: o Paraíso terrestre. Sérgio Buarque de Holanda (2000, p. 1) destaca, logo nas primeiras linhas de *Visão do Paraíso*, que o gosto pela maravilha e pelo mistério, característica importante na qual se centralizam os viajantes e cronistas espanhóis na época das grandes navegações, emergem de forma exacerbada nos textos hispânicos que apresentam viajantes maravilhados com o espaço que surge à frente dos olhos.

Ainda de acordo com Todorov (1983), Colombo tinha a convicção de que as terras encontradas eram ricas e férteis. Parecia que o mundo ali se renovava. Algo semelhante acontecia no contato com os indígenas que habitavam o lugar. Eles eram sempre vistos por olhares curiosos e hierarquizantes, ressaltando as diferenças culturais e sociais americanas em oposição à norma europeia, tema discutido com mais detalhes no segundo capítulo deste trabalho.

As imagens construídas por Colombo e as interferências no seu olhar fazem parte do imaginário europeu da época, por esse motivo vemos a sua figura como um exemplo entre muitos outros navegadores que compartilharam o momento histórico. A relação entre o Velho e o Novo Mundo possibilitou que a conquista ocorresse de várias formas e de diversos níveis. Essas diferentes modalidades de conquista evidenciam o caráter social, cultural e político desses navegadores que manipulam a perspectiva e conservam velhas ideologias hierarquizantes nesse novo espaço. Então, a exploração e a consequente conquista se tornaram um foco intenso de interesse público e um instrumento ideológico poderoso, por meio dos quais os cidadãos europeus se relacionavam com o resto do mundo.

Importante destacar também que esse discurso ideológico hegemônico criado na época foi desenvolvido por uma pequena parcela da população que se apresentava como autoridade urbana, letrada e do sexo masculino, sendo transmitido aos demais como norma. Iniciava-se o projeto europeu de construção de um conhecimento que propiciaria uma nova consciência planetária, eurocêntrica. A partir da descrição do espaço, da valorização das riquezas, da catalogação das espécies animais e vegetais, criava-se uma força que faria com que o continente europeu permanecesse como uma potência e um grande centro de poder planetário.

Essa hierarquização dos seres humanos, pela visão eurocêntrica, possibilita a destruição de culturas e o extermínio de uma população desvalorizada e reconhecida como inferior pelos próprios genocidas. Aliás, é justamente esse ideário de superioridade racial que possibilita essas destruições, uma vez que é praticado um terrível encadeamento de ações que tem início com o ato de conhecer, passando pelo compreender, pelo tomar e que,

consequentemente, levará ao destruir no sentido amplo da palavra. Esse julgamento de valor que cria axiomas negativos sobre o *outro* e possibilita a criação de hierarquias sociais e de violências de diversos níveis.

O desejo de enriquecer e a pulsão de domínio são as duas formas de poder nas quais se centralizam os europeus durante as primeiras navegações. Com o passar do tempo, esses sentimentos são transfigurados e atualizados para atender as necessidades dos novos expedicionários que continuam acreditando na sua superioridade racial em detrimento da inferioridade dos nativos que são concebidos como indivíduos pertencentes a um grupo que se encontra entre os homens e os animais. Esse debate evidencia questões relativas à identidade e à diferença. De forma geral, para os viajantes primários, a partir da diferença se constrói a identidade dos americanos e essa diferença degrada em desigualdade na oposição *eu* e *outro*.

No âmbito da filosofia, o pensamento e visão a que fazemos referência podem ser chamados genericamente de Orientalismo. A terceira definição dada por Edward Said (2007) para o termo é uma instituição que, autorizada a discutir, analisar, lidar com temas relacionados ao Oriente, fortalece “afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p. 29). Cerceada a liberdade e sem o discernimento para agir de acordo com seus princípios e filosofia, as culturas pertencentes a esse bloco não fixo que engloba o chamado Oriente são levadas a agir de acordo com os interesses do Ocidente, uma vez que a criação de imagens e estereótipos difundidos como corretos e superiores fazem com que as culturas marginalizadas se alimentem das tradições ocidentais para se adequarem ao modelo normativo. É a alteridade gerando a identidade.

A respeito da utilização dos termos “Oriente” e “Ocidente” para dividir o globo, precisamos considerar que essa dualidade não é natural, não é separada somente por aspectos geográficos e culturais: essas regiões foram desenvolvidas e sustentadas pelos homens ocidentais. Said (2007, p. 32) deixa claro que “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa”. Então, podemos dizer de forma definitiva que o Oriente passou pelo processo de orientalização não por livre e espontânea vontade, mas porque foi colocado em um patamar inferior dentro dessa grande pirâmide sociocultural criada pelos países autoproclamados como Ocidentais.

Por esse ponto de vista, percebemos que essa divisão se estabelece como uma forma de dominação imperial do Ocidente sobre o Oriente, aplicada de forma determinista nos discursos correntes e em objetos artísticos e culturais que penetram instituições como escola,

família, sindicatos, templos religiosos, exército, polícia, promovendo a reprodução mecânica, constituindo o inconsciente dos seres humanos, tornando-se norma, desenvolvendo-se como verdade.

A distribuição geográfica somada às imposições sociais ressaltadas e constantemente reafirmadas pelas instituições de propagação ideológica expõem uma trama de interesses que são expressos pela vontade de compreender, controlar, manipular: “é sobretudo um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe num intercâmbio desigual com vários tipos de poder” (SAID, 2007, p. 41).

A partir desses pressupostos, é significativo observar que os relatos de viagens criados durante todo o processo de navegação, colonização e conquista, produziram e difundiram “o resto do mundo” para os leitores europeus. Resta-nos pensar, ainda, que, ao criar paradigmas hierarquizantes na sociedade primitiva, também se produziu concepções europeias de si mesmos, diferenciando o *eu* do *outro*, a sociedade europeia e o resto do mundo. Nessa conjectura, recuperamos a teoria desenvolvida por Pratt (1999, p. 27) sobre o que ela denomina de Zonas de Contato, descritas como “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”, configurando-se como um espaço de encontros coloniais, no qual os indivíduos, separados geográfica ou historicamente, se encontram e estabelecem relações, geralmente associadas a circunstâncias desiguais e que gera efeitos tanto para o colonizador quanto para o colonizado.

Essa retórica de contato entre orientais e ocidentais evidencia seres radicalmente diferentes que se aproximam e, através dos discursos, constroem representações mentais sobre o *outro*. Nesse sentido, como assegura Orlandi (1990), o ato de ver faz com que o referente ganhe estatuto de existência e isso se configura como um mecanismo para se atingir a posse. Então, podemos inferir que o tornar visível, o transcrever, o representar, é uma forma de apropriação do *outro* e pode gerar diferentes tipos de violência.

Fica evidente que é por meio do discurso que a história é contada e esse discurso não é nada além da produção de sentido promovida por uma pessoa ou um grupo inserido em determinada sociedade e dominada por diferentes ideologias. O que precisamos observar é a forma como se dão as relações interpessoais e o poder instituído sobre o *outro*, porém, de qualquer maneira, é o discurso colonial que possibilita o autoconhecimento enquanto colonizados e, no constante jogo de espelhos, determina também a identidade do colonizador.

É patente que não existe uma única realidade ou um único sentido para a história do Brasil. Os processos de significação e as interferências atestadas ao longo da produção das imagens desta terra é o que produz generalizações que regem a visão estrangeira e, conseqüentemente, passa a fazer parte do imaginário dos habitantes da colônia. Sendo assim, o discurso colonial funciona como uma forma de opressão instituindo marcas que permanecerão gravadas na memória tanto do colonizador como na do colonizado.

Portanto, temos contato dessa forma com um discurso ideológico considerado perverso, uma vez que ele apaga o discurso histórico e produz um discurso sobre cultura, tendo em vista marcas hierárquicas instituídas. Como efeito desse apagamento, a cultura do colonizado é apresentada como exótica aos olhos do colonizador: os seres humanos são apreciados como objetos e suas qualidades se tornam superficiais, padronizadas e generalizadas. O discurso das descobertas está diretamente ligado ao discurso da conquista e da dominação.

Da mesma forma, é preciso observar que essa violência não é sofrida com passividade, pois, ao passo que os indivíduos das colônias empreendem a representação de si mesmo de forma comprometida com os termos dos colonizadores, também há resistência desses grupos subordinados ou marginais de se recriarem e reinventarem a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Nesse sentido, Pratt (1999, p. 30) justifica dizendo que “Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam”.

No imaginário do brasileiro não há a plena assimilação com uma cultura específica: não nos identificamos com os grupos indígenas naturais desta terra, nem tampouco com os europeus que aqui chegaram. Somos uma mistura indefinida e formatada pelo trânsito, pelo contato entre diferentes culturas e realidades. Temos, como qualquer indivíduo, em qualquer espaço e em épocas distintas, nossa identidade construída pelo movimento e pelo contato.

No âmbito da transculturalidade, pensamos na forma como a periferia se apropria das representações da metrópole e também como a metrópole absorve as características identitárias da periferia. Os efeitos dos discursos imperiais na elaboração da cultura, da história e da sociedade colonizada são conhecidos e indiscutíveis. Porém, é preciso compreender que as construções europeias sobre os *outros* subordinados foram moldadas através da construção das experiências pessoais próprias do ambiente em que estão inseridos. Sendo assim, a partir do momento em que a metrópole imperial observa um referente desconhecido e distante, ela também é observada pela periferia. Esse exercício se constitui de

um jogo obsessivo de continuamente apresentar, reapresentar, representar e auto-representar para si mesma as periferias e os seus habitantes. Nesse processo amplo e complexo nos deparamos com vários níveis de representação e reconhecimento que geram, afirmam, reafirmam ou combatem imagens modulares construídos com determinada intenção política.

A reflexão sobre a constituição do *outro* se relaciona com questões diretamente ligadas à ideologia, tema introduzido anteriormente neste trabalho. O sujeito tem o *outro* como ser constitutivo do seu discurso, pois essa relação de exterioridade é necessária para a sua auto-representação e a representação das coisas alheias. Orlandi (1990) afirma que todos os seres se diferenciam uns dos outros e que estão separados por uma mesma distância que pode ser modificada pelo movimento. Os efeitos de sentido são naturais nessas relações e, por meio da linguagem – a forma materializada do pensamento –, conseguimos exteriorizar formações discursivas construídas pela bagagem social do sujeito.

Ao transpor todas essas questões para a realidade brasileira, para os objetos de estudo neste trabalho e para a temática da identidade, devemos nos indagar a respeito da constituição dos habitantes desta terra, visto que o europeu construiu imagens consolidadas a nosso respeito a partir do discurso colonizador e pela crença de que fazem parte do *centro*. Para sintetizar e evidenciar a ideia aqui discutida, concordamos quando Orlandi (1990, p. 48) enfatiza que “não é o discurso do Brasil que define o brasileiro, é o discurso *sobre* o Brasil”, evidenciando, então, a hierarquização que constitui tal exercício.

Importante observar que esse intercâmbio desigual entre Oriente e Ocidente, metrópole e periferia, gera imposições e, conseqüentemente, a construção da identidade do dominado e promove a construção do dominador pela relação com o *outro*. É nesse contexto que muitos tentaram desenvolver uma imagem do Oriente, transmitindo o discurso orientalista. Essa posição autoritária é construída e disseminada de forma persuasiva e manifesta-se como cânone por meio do discurso hegemônico dignificado como verdadeiro. Isso ocorre de forma impositiva e violenta, tendo como objetivo a dominação que, no mínimo, constrói de forma coercitiva uma “teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político, ideologia desumanizadora que reprime” (SAID, 2007, p. 59).

Os estereótipos asseguram a perpetuação de imagens convenientes ao emissor, imagens essas que são repetidas até que sejam transformadas em caricatas. Nesse contexto, o nativo e todas as suas práticas são retratadas com base em um discurso racista proveniente da ciência colonial que exalta suas diferenças e potenciais distúrbios físicos e mentais, a partir de aspectos da superfície física, tais como a tonalidade da pele e a estatura.

Reconhecer o estereótipo é importante para compreender as imagens como positivas ou negativas, exercício fundamental para repensar como as diferenças interferem nas relações interpessoais, muitas vezes pautadas em um conjunto de preconceitos que evidenciam as práticas de hierarquização cultural e racial, rompendo dessa forma o pacto com o discurso colonial que “se concentra em construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais” (BHABHA, 1991, p.184).

1.3 - A IMAGOLOGIA E A PRODUÇÃO DE IMAGENS

Nota-se uma grande preocupação no reexame da contribuição dos viajantes que passaram pelo Brasil e o reconhecimento de que as suas produções são importantes para a construção da nossa história e identidade. Como vimos anteriormente, os relatos de viagens apresentam a imagem de um Brasil pensado por outros. Portanto, o olhar dos viajantes espelha uma representação e proporciona aos brasileiros uma autoanálise pelos olhos deles.

Ao estudar as imagens de países criadas e veiculadas na literatura estamos diante de uma área específica: a imagologia. Souza (2004, p. 21) explica que “a imagologia é o nome atribuído a um enfoque específico – as imagens de países – através do qual também é possível examinar a literatura”. Nesse contexto, devemos restringir o estudo realizado neste trabalho ao âmbito da imagologia literária, visto que existem diversos materiais que servem como suporte para o estudo nessa disciplina.

A investigação imagológica realizada com base no estudo da obra literária faz com que o leitor extrapole os limites textuais e construa uma relação entre o literário e outros aspectos culturais e extralinguísticos. Necessário enfatizar que “as imagens literárias exercem sua ação não só na literatura e na vida literária, mas que, a partir da literatura, também influenciam o público leitor e a formação da opinião pública” (SOUZA, 2004, p. 69). A imagologia apresenta, então, um valioso contributo para a análise das imagens de países produzidas pela literatura, uma vez que propõe, a partir de uma tarefa comparatista, a investigação da estrutura dessas produções e a sua repercussão. Por esse motivo, devemos esclarecer que a imagologia apresenta uma oposição às ideologias hegemônicas ao elaborar esquemas para repensar as imagens literárias formadas no encontro de culturas.

Souza (2004) propõe uma sequência de ações, um método de investigação para realizar um estudo na área dos estudos imagológicos, visando garantir a obtenção de

resultados válidos e consistentes. Todavia, esse roteiro não se configura como estanque e definitivo, visto que o trabalho admite outras organizações, indicando que nem todos os passos precisam que ser considerados ou esgotados:

- 1 - Recorte e descrição do(s) trecho(s) que veiculam imagem(ns) de um país.
- 2 - Análise estilística e interpretação da(s) imagem(ns).
- 3 - Análise e interpretação ideológica da(s) imagem(ns).
- 4 - Análise e interpretação das relações dessa(s) imagem(ns) com outras dentro de uma mesma obra.
- 5 - Análise e interpretação das relações dessa(s) imagem(ns) com outras em outros livros do autor.
- 6 - Análise e interpretação das relações dessa(s) imagem(ns) com a visão de mundo do autor.
- 7 - Análise e interpretação das relações anteriores no contexto da época.
- 8 - Comparação da(s) imagem(ns) veiculadas por um autor a(s) imagem(ns) veiculadas por outro autor de uma mesma época.
- 9 - Comparação da(s) imagem(ns) veiculadas numa época com a(s) de outra(s) época(s).
- 10 - Identificação de imagotipos. Formação de tipologias. Formação de sistemas.
- 11 - Desconstrução dos imagotipos, para encontrar os constructos teóricos por trás do pensamento/ideologia latente na(s) imagem(ns) (SOUZA, 2004, p. 22).

Ao perseguir os imagotipos, presentes na literatura, é possível estudar o processo de construção imagética e repensá-los de forma que a sua desconstrução possa ser formulada. Isso só pode ser realizado a partir da reflexão profunda das influências do poder e da manipulação política através de instituições ideológicas. Além disso, esse exercício pode promover o intercâmbio literário, cultural e político, questionando as influências exercidas por grupos hegemônicos que detêm e perpetuam o poder ideológico e político entre os seres humanos. Podemos pensar ainda que esse tipo de pesquisa pode promover discussões a respeito da diferença e da diversidade cultural, refletindo questões multi e interculturais como estratégia viável para uma compreensão satisfatória da alteridade.

Parece conveniente neste momento definir um termo importante no campo dos estudos imagológicos. O termo estereótipo é comumente utilizado para definir as imagens criadas a partir de análises simplistas de uma sociedade específica, porém, na imagologia, esse termo é frequentemente substituído pelo vocábulo imagotipo, visto que “trabalha-se com um objeto – a imagem – que, mesmo podendo manter a sua essência inalterada, suas formas e expressões através de tons cambiantes, ao passo que o *estereótipo* pressupõe uma estrutura e um significado inalteráveis” (SOUZA, 2004, p. 26). É possível observar que esses dois elementos não estão totalmente desvinculados, porém, em síntese, a diferença entre eles se dá justamente pela complexidade do imagotipo e da sua importância para os estudos literários,

em detrimento do caráter linear e sintético do estereótipo, alimento para os estudos sociológicos.

Tanto a formação de estereótipos como a de imagotipos constitui uma estratégia necessária e natural de retenção de informações e conhecimento. O importante é enfatizar que os imagotipos não revelam a realidade, mas um recorte da realidade traduzido de acordo com convenções e interesses que dominam determinado grupo social, determinado espaço e a uma determinada época. Ao “desvendar os processos, as intenções, as motivações subjacentes à criação de determinados imagotipos (às vezes nem mesmo percebidos pelo próprio escritor que se acha inconscientemente inserido num determinado sistema)” (SOUZA, 2004, p. 27), o estudioso da imagologia poderá contribuir para a desconstrução de mal-entendidos e fornecer material que proporcionem o “entendimento do mecanismo de pensar pertencente ao outro, desenvolvendo assim a tolerância; ao fim e ao cabo, estará contribuindo também para um melhor entendimento entre os povos” (SOUZA, 2004, p. 27).

De forma geral, a imagologia se ocupa das imagens criadas de um país pelos olhos estrangeiros ou pelos membros de uma mesma sociedade, ou seja, de como diferentes povos se veem uns aos outros para, conseqüentemente, analisar os mal-entendidos, as limitações, as generalizações criadas nesse contato. Por esse processo, percebemos que as imagens produzidas são formuladas a partir de análises e juízos simplistas, fazendo com que se origine dessas ações os célebres estereótipos ou imagotipos.

A partir do trabalho com essas imagens conseguimos pesquisar o grau de deturpação existente na produção dos imagotipos e investigar a sua gênese e recepção. Pretendendo chegar, assim, “ao funcionamento do pensamento e às estruturas mentais que se escondem por detrás dessas categorias ideológicas” (SOUZA, 2004, p. 26). Essas pesquisas possibilitam um estudo interdisciplinar desses materiais, uma vez que compreende diferentes níveis de investigação, iniciando pela análise textual, passando pelos estudos culturais, pelas questões de tradução imagética, pela crítica ideológica e desembocando numa reflexão profunda dos problemas decorrentes da manipulação linguística e literária.

É indiscutível que nós não entramos pura e simplesmente em contato com um referente. A realidade é que criamos imagens, entendendo que “a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos” (BERGER, 1999, p.10). Ou seja, toda produção de imagem pela mente humana resulta de uma representação baseada em elementos recuperados pela memória de situações vividas anteriormente pelo observador. A esse respeito, Souza (2004, p. 84) afirma que a memória tem “o poder de conservar, reproduzir, reconhecer e localizar os estados de consciência anteriormente experimentados,

oriundos de sensações e percepções. A memória revive o passado sem o confundir com o presente”. Então, essa imagem recuperada da memória é colocada em uma tela em branco, podendo-se, assim, reconstruir tudo ao seu entorno, fazendo com que essa produção imagética ganhe novos matizes e seja utilizada em outros contextos.

Por sua vez, o filósofo francês Jacques Rancière (2012, p. 14) esclarece que a imagem não representa de forma alguma uma realidade pura e simples. Ao referir-se às imagens cinematográficas, conclui que elas “são antes e mais nada operações, relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar com o antes e o depois, a causa e o efeito”. Por essa perspectiva, entendemos que toda produção de imagem pela mente humana é resultado de uma criação individual, desenvolvida a partir das subjetividades de cada sujeito inserido em um contexto histórico, cultural e social.

Ainda de acordo com Rancière (2012, p. 15), as “palavras descrevem o que o olho poderia ver ou expressam o que jamais verá, esclarecem ou obscurecem propositalmente uma ideia. Formas visíveis propõem uma significação a ser compreendida ou a subtraem”. Com isso, compreendemos que definir o conceito de imagem e investigar o seu processo de construção é algo extremamente trabalhoso, visto que todas as relações entre o observador e o referente são transpassadas por elementos extralinguísticos diversos que interferem na produção e também podem afetar a recepção.

O potencial das palavras não está somente na sua utilização como ferramenta para simbolizar as referências, elas também expressam as emoções, os humores, os estados de espírito do observador ao entrar em contato com as referências, uma vez que as referências não aparecem isoladas, mas em contextos. Por esse motivo, faz-se necessária uma interpretação ativa por parte do leitor que precisa analisar os símbolos e os sinais verbais que identificam o estado de espírito em que aquelas aparecem. Reconhecer os mecanismos que articulam o sujeito com a realidade é um exercício de alto grau de complexidade já que se faz necessário entender as influências e as interferências que regem a imagem, a sua produção e a recepção.

Considerando todas as informações até agora apresentadas, concluímos que o que move os viajantes é, sobretudo, a curiosidade sobre o *outro* desconhecido e distante. Esses fatores também estimulam a produção de documentos que retratam as descobertas, as paisagens, as diferenças, por meio de descrições dos espaços, pessoas e fatos de modo a construir sua representação como se o inventasse. Esse exercício, muito utilizado nos processos de encontros culturais desde as grandes navegações, evidencia o interesse dos países hegemônicos em retratar os países periféricos, desde sempre com orientações

econômicas e ideológicas. Essas imagens, baseadas no olhar estrangeiro sobre a América, expõem um ponto de vista, servindo como um referencial para estabelecer igualdades e desigualdades, semelhanças e diferenças, como conformam o mesmo e o *outro*, evidenciando versões para um fato.

Belluzzo (1996) apresenta Américo Vespúcio como um viajante que acreditava ter atingido um mundo novo ao desembarcar na América; Cristóvão Colombo pensava ter chegado ao paraíso bíblico; enquanto Pero Vaz de Caminha fazia mais ou menos a mesma coisa, de acordo com o imaginário de seu tempo, embora não tenha contribuído para enriquecer esse imaginário, uma vez que seu texto foi publicado somente em 1817. De toda forma, podemos afirmar que, a partir dessas descobertas, os europeus se veem obrigados a repensar a própria cultura e reconstruir as bases sobre as quais erguiam sua visão de mundo.

Ainda de acordo com Belluzzo (1996), as primeiras imagens construídas sobre o Brasil correspondem a dois impulsos. O primeiro tem a ver com a construção simbólica do espaço, uma projeção sobre o desconhecido construída a partir dos olhos curiosos dos viajantes. Já o segundo corresponde a uma posição mais científica, direta e calculista, que proporciona descrições geográficas, cartografias, roteiros de conquista, pelos quais se definem os domínios e limites espaciais entre terra e mar, e apresenta uma investigação sobre as características do país, necessária para a colonização. Contudo, ambas as posições apresentam uma ação política desenvolvida a partir da construção de imagens e podem coexistir com maior ou menor expressividade em uma obra.

De modo geral, as produções dos viajantes parecem sempre se guiar por um interesse comum: a criação de uma série de representações acerca da natureza local e restringi-las de modo que as pessoas, os animais e a vegetação pareçam estranhos e exóticos. Por outro lado, a vertente naturalista apresenta uma crença nas formas de civilização, apresentando formas idealizadas da vida na floresta e do indígena como seres em perfeita harmonia com o universo, recuperando o mito do *bom selvagem*. Essas referências clássicas que atestam as idealizações paradisíacas e as visões da floresta frequentada pelo homem natural são revisitadas ainda hoje pelos artistas que apresentam reedições dos mitos originais.

Belluzzo (1996, p. 16) indica que esse “prestígio do tema natural se deve, principalmente, à reconstrução da ideia de natureza a partir do século XVI, através da arte e da ciência, quando tem início o projeto enciclopédico”. Ao longo dos séculos seguintes, os trabalhos estavam vinculados no intuito de reconhecer cientificamente os seres da natureza, sempre vinculando as informações sobre espécies naturais, território e paisagem com a sua representação artística, proporcionando indícios do poder dos países que patrocinavam as

missões e indicando que eles possuíam conhecimento de recursos das terras americanas. Com isso, fica evidente o interesse colonizador e, conseqüentemente, econômico na exploração dos recursos da terra visitada.

Também no século XVI encontramos viajantes que escolheram retratar os animais como seres fantásticos, as curiosidades dos indígenas e as paisagens como exóticas. Assim é, entre outros, Álvar Núñez Cabeza de Vaca, personagem que a partir de seus relatos nos introduz em um mundo mágico, apresentando a América como um ambiente maravilhoso. Esse material, assim como tantos outros, explicitam o pensamento e o imaginário europeu da época. Esse potencial imaginativo nos permite inferir que os narradores de viagens nem sempre estão preocupados em reconstruir uma realidade, mas buscam, sobretudo, construir, a partir de um universo em que a fantasia é o elemento central na descrição, imagens que satisfaçam as necessidades de entretenimento do seu público. Essa reflexão faz pensar sobre os limites históricos do olhar, os elementos que formatam as imagens e o gosto da época, tanto para pintar quanto no ato de observar essas produções que prezam pelo exótico.

Theodoro (1996, p. 77) se questiona sobre a centralidade do sonho nos relatos e conclui que esses “sonhos do século XVI estavam ligados ao movimento, à fuga, já que o cotidiano transcorria de forma profundamente estática e opressiva”. Cabeza de Vaca ilustra bem a questão da zona de contato levantada por Pratt (1999), uma vez que, ao desembarcar na América, não só tenta inserir sua cultura como também agrega outras formas de ver o mundo: “O resultado desses primeiros anos de confrontos e convívios entre Europa e América é a descoberta da capacidade conjunta de invenção, transformação e criação, tanto da Europa como da América, de ambos os acervos culturais” (THEODORO, 1996, p. 79).

Até esse momento entramos em contato com as produções imagéticas desenvolvidas pelos estrangeiros e as interferências nessas produções, entendendo que, desde que os primeiros viajantes desembarcaram na América, as imagens foram construídas sobre aspectos simplistas e generalizadores. Essa necessidade de representar o *outro* evidencia as relações de poder estabelecidas no contato entre culturas distintas. Por esse motivo é tão importante os estudos imagológicos no Brasil, justamente porque essas imagens podem delinear uma identidade para a cultura nacional. Pesquisar e analisar essas imagens é despir a América, e conseqüentemente também o Brasil, de uma fantasia impregnada e costurada pelos colonizadores. “Trata-se, naturalmente, de uma investigação multidisciplinar, trabalhando simultaneamente em várias frentes” (SOUZA, 2004, p. 31), tornando-se relevante para o país atualmente.

Para tanto, o primeiro estágio desta pesquisa imagológica se desenvolve a partir da análise de duas obras literárias, mais especificamente os dois relatos de viagem produzidos por narradores europeus que veiculam imagens do Brasil, *corpus* de análise deste trabalho. Para isso, precisamos considerar o fato de que o Brasil desde os tempos de sua descoberta foi abordado por algumas imagens cultivadas até os dias de hoje.

2. AS IMAGENS (RE)PRODUZIDAS POR VIAJANTES

2.1 - DOIS ESPANHÓIS VISITAM O BRASIL NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO

Com base nos pressupostos levantados no capítulo anterior, propomos a análise dos olhares estrangeiros sobre o espaço brasileiro e tudo o que nele existe, representando uma oposição às culturas europeias e, por isso, digna de uma narrativa de experiência e de aprendizagem pela oposição ao *outro* selvagem. Para tanto, utilizamos dois relatos de viagens produzidos neste século carregados de referências históricas, mal-entendidos e simplificações. Nesta seção, interessa-nos, sobretudo, realizar uma leitura introdutória dessas suas obras, para, em seguida, propor uma análise mais aprofundada dos temas e discussões levantadas.

O primeiro relato aqui analisado tem como título: *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* (2002) e apresenta as viagens realizadas por Javier Nart pelo território brasileiro. O autor, além de escritor, é advogado, antigo correspondente de guerra, fotógrafo e político. Ele desenvolve uma narrativa em primeira pessoa a partir do seu deslocamento de quarenta dias, realizado juntamente com a sua filha Laia. Nessa obra o viajante constrói uma narrativa a partir da tradução de Brasil e do contato entre mundos distintos e entre culturas que se apresentam como opostas.

Atualmente, Nart é deputado do Parlamento Europeu pelo *Ciudadanos*, partido que se define como estando à margem da clássica polarização entre esquerda e direita, definindo-se como constitucionalista, pós-nacionalista, liberal e progressista. Quando candidato, discursava em favor da ética e contra a política tradicional, afirmando que ele, assim como os membros do seu partido, não é político, mas um cidadão preocupado⁶. Além disso, enfatiza, em uma entrevista, a sua liberdade e a não domesticação do seu pensamento. Por sua vez, o nome do deputado surge constantemente nas páginas jornalísticas envolvido em alguma polêmica, como, por exemplo, na situação em que ele aparece chamando os portadores de

⁶ Fonte: https://elpais.com/ccaa/2014/05/19/catalunya/1400515768_777001.html

síndrome de down de retardados⁷, ou quando o seu partido não votou a favor de uma moção contra a violência de gênero⁸, mesmo que, na teoria, se aproxime dos valores da esquerda.

O segundo relato é *Calle Amazonas: De Manaus a Belém por el Brasil olvidado* (2010), de Bernardo Gutiérrez, também jornalista. O autor tem passagem por veículos de comunicação como *Al Jazeera*, *20 Minutos*, *El País*, *El Mundo*, *Público*, *National Geographic*, *La Repubblica* (Roma), *Visão* (Lisboa), *La Vanguardia*, *Der Tagesspiegel* (Berlín) e *Esquire*. Porém, atualmente, de acordo com dados apresentados em seu blog pessoal⁹, prefere publicar seus textos em plataformas livres como *Occupy.com*, *Eldiario.es* (Madrid) ou *Al Jazeera*. Essa atitude é condizente nessa transmodernidade, termo utilizado por ele e recuperado de Enrique Dussel (1999), cujo sentido tem a ver com o caráter transversal e transterritorial das redes vinculadas às tecnologias.

De forma geral, os interesses de Gutiérrez giram em torno de temas como política, sociedade, tecnologias e a criação de processos colaborativos em diversos espaços onde o social possa ser inserido. Nesse sentido, busca pensar a participação cidadã na política, nas redes e nos espaços urbanos. Também publicou obras como *Calle Amazonas* (Altair, Barcelona) e *#24H* (dpr-barcelona); participou de livros coletivos como *Amanhã vai ser maior* (Anna Blume, São Paulo), *JUNHO: a potência das ruas e das redes* (Friedrich Ebert Stiftung, São Paulo) e *Asalto* (Fundación Robo). Sua última produção é intitulada *Pasado mañana: viaje a la España del cambio* (ARPA, 2017).

A narrativa de Javier Nart tem início entre o suor e o medo do viajante que se encontra suspenso a setenta e quatro metros de altura, no Abismo Anhumas, ponto turístico localizado no município de Bonito, Mato Grosso do Sul. A cidade que, segundo ele, faz jus ao nome, chama a atenção do viajante pelos inúmeros lugares para se praticar o seu esporte preferido, o mergulho. Esse remoto e desconhecido paraíso situado no interior da América do Sul foi o ponto de partida da viagem que teria sido inspirada pelo Marechal Rondon, militar famoso por suas viagens pelo interior do Brasil e por manter boa relação com os grupos indígenas, tema discutido com maior profundidade no capítulo seguinte.

Bonito é descrita como uma vila, uma fileira de casas, poucas ruas e uma praça, onde se localiza a prefeitura, o banco e o coreto, lugar de reuniões e festas vicinais. E nada mais. O que chama a atenção nesse lugar, importante destino turístico brasileiro, é a natureza, merecendo destaque também a descrição de aspectos cotidianos e estranhos para esse

⁷ Fonte: <https://www.sindromedown.net/noticia/ciudadanos-pide-disculpas-por-las-declaraciones-de-javier-nart-en-las-que-tildaba-de-subnormales-a-las-personas-con-sindrome-de-down/>

⁸ Fonte: https://www.eldiario.es/zonacritica/machismo-Ciudadanos_6_448015211.html

⁹ Fonte: <http://codigo-abierto.cc/todo-el-mundo-tiene-un-pasado-biografia/>

estrangeiro, como, por exemplo, a refeição feita em um rodízio, cercada de frutas, café e cachaça, produto esse “que te reconcilia contigo mesmo e com o mundo¹⁰” (NART, 2002, p. 25).

O segundo lugar que merece a atenção do viajante é o Pantanal mato-grossense, também importante destino turístico do país, região composta de duzentos e trinta mil quilômetros quadrados de extensão que abriga um dos maiores ecossistemas existentes na Terra. Esse lugar, constituído de espaços permanentemente inundados e de ambientes onde a fluidez da água é mínima, é descrito como sendo limpo e biologicamente conservado, mesmo com a violenta invasão agropecuária na região.

Campo Grande, a capital do estado de Mato Grosso do Sul, é apresentada como centro provinciano, uma grande cidade adormecida de centenas de milhares de pessoas (atualmente composta por 840 mil habitantes). Essa cidade serve apenas para o encontro com um amigo ex-militar, Singefredo Sá, que promoverá uma viagem pela história do Brasil e uma reflexão sobre as forças armadas e o comandante Carlos Prestes, tema que também discutiremos no capítulo seguinte, buscando compreender a ligação entre a escrita e a citação de personagens históricas no livro.

Após “setecentos quilômetros de estrada perfeitamente asfaltada¹¹” (NART, 2002, p. 77) e doze horas depois, entre o verde e as vacas, a dupla formada pelo narrador e sua filha chega a Cuiabá. Merece destaque no caminho os comentários sobre as queimadas no Brasil, essa prática que destrói a vida vegetal e animal e desertifica imensidões, um dos problemas reais para o desmatamento, segundo o autor. A cidade pouco tem a oferecer à narrativa, porém serve como caminho para se chegar ao Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, destino turístico elevado que chama a atenção pelas cachoeiras e pelo verde da natureza.

Depois dessa passagem pela Chapada dos Guimarães, o narrador, acompanhado de sua filha, visita Poconé, a noventa quilômetros de Cuiabá, e contempla a riqueza presente entre a vegetação rasteira e as minguadas árvores do Pantanal. Nesse espaço, em um passeio feito em dorso de animal, ainda observa diferentes tipos de aves, macacos, serpentes, formigas, capivaras, quatis, as afamadas piranhas, os jacarés aterrorizantes e sentir na pele o poder dos carrapatos, elementos que direcionam sua visão para o ambiente selvagem marcado no imaginário europeu desde os primórdios.

Chegando a Porto Velho, capital de Rondônia, estado que leva o nome do principal personagem da sua viagem literária, Nart percebe que ali ninguém se importa em saber quem

¹⁰ “que te reconcilia contigo mismo y con el mundo” (NART, 2002, p. 25).

¹¹ “setecientos kilómetros de carretera perfectamente asfaltada” (NART, 2002, p. 77).

foi, o que fez e o que pensava o patrono, cuja estátua se encontra na praça central. O estado parece ser agora, após as glórias do passado, apenas a porta de entrada para as drogas bolivianas. No século XIX, o látex se tornou o produto brasileiro mais apreciado. Essa resina vegetal era encontrada em vários pontos da Amazônia, especialmente na confluência do Rio Negro com o Solimões e nas cabeceiras de vários afluentes do Amazonas. A borracha das cabeceiras do Purus e dos formadores do Madeira, no atual estado do Acre, então território boliviano, precisava chegar ao Oceano Atlântico. Como o alto Madeira não é navegável devido a uma série de corredeiras, se pensou na construção de uma ferrovia que cobrisse o trajeto encachoeirado, até chegar à parte navegável, que começa exatamente no lugar onde foi fundada a cidade de Porto Velho. Os trezentos e sessenta e quatro quilômetros que compreendem a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré nasceram de uma ilusão e se tornou inútil pouco depois da inauguração, pois o látex brasileiro se tornou um produto pouco rentável, já que a Grã-Bretanha iniciara a exploração de seringueiras na Malásia e a importação de matéria prima. Hoje a estrada de ferro é apenas um cemitério de ferros e dos milhares de homens que morreram na sua construção.

Os dois viajantes partem em direção a Manaus, navegando pelo Rio Madeira abaixo, mais de mil quilômetros de extensão de águas cor café com leite, passando por Borba até encontrar o Amazonas, rio esse que é formado pela junção de dois grandes cursos de água: as águas terrosas do Solimões e as limpas e escuras águas do Rio Negro. O famoso encontro das águas, que a princípio não se misturam, dá origem ao gigante Amazonas, que desembocará no Atlântico: “O Amazonas não é um rio, é uma gigantesca avenida de água: imponente, impressionante, descomunal¹²” (NART, 2002, p.179).

Manaus, localizada praticamente no centro da selva amazônica, foi chamada assim em honra dos índios exterminados para a sua construção. Era o centro de comercialização da borracha retirada por seringueiros semiescravidados, produto que fez prosperar os patrões e a cidade a partir da segunda metade do século XIX. O patrão era um comerciante que proporcionaria alimentos básicos e materiais úteis para que os trabalhadores pudessem entregar a quantidade determinada de látex, quantidade essa muitas vezes impossível de ser atingida, fazendo com que eles contraíssem uma dívida impossível de ser paga e ficassem presos àquela terra.

O viajante conclui que a cidade, atualmente com mais de um milhão de habitantes, que cresceu tendo os grandes e luxuosos centros urbanos europeus como espelho e que se

¹² “El Amazonas no es un río, es una gigantesca avenida de agua: imponente, impresionante, descomunal” (NART, 2002, p.179).

desenvolveu com o sofrimento dos trabalhadores herdeiros dos indígenas da região, agora agoniza: os anúncios publicitários fazem frente aos prédios de modelo europeu, as ruas tradicionalmente estreitas agora cheias de vendedores ambulantes e os usuários de drogas lícitas e ilícitas insultam os transeuntes: marcas da decadência da capital do ouro negro que agora vive das glórias do passado.

Ao sair da Amazônia, após “dois mil e quinhentos quilômetros de salto aéreo¹³” (NART, 2002, p. 283), entre os estados do Amazonas e Belém do Pará, Javier Nart segue viagem pelo norte do país, dirigindo-se à São Luís, a capital do Maranhão. Ali o viajante percebe a influência da cultura negra na região, diferentemente do mundo amazônico composto majoritariamente por brancos e mestiços, com forte marca indígena. Mesmo com o protagonismo da cultura negra, baseado nos costumes, músicas, danças herdadas do trabalho forçado dos homens escravizados, a sociedade branca continua sendo hegemônica no nordeste do Brasil. A capital do estado do Maranhão foi construída tendo como modelo a cidade de Lisboa, porém, já praticamente em ruínas, a beleza está na simplicidade do lugar. Vale ressaltar ainda a exaltação da segurança e da felicidade das pessoas, destacada pela descrição de uma procissão festiva que abre espaço para um cortejo fúnebre. Tudo observado com enorme interesse pelo viajante.

Após breve passagem por outro importante cartão postal do Brasil, os Lençóis Maranhenses, a dupla segue para o litoral nordestino, mais precisamente para Fortaleza, capital do Ceará, onde avistam belas paisagens naturais ao som do ritmo que, segundo o narrador, move o Brasil, o forró. Há uma interrupção no relato da viagem com tentativas frustradas de definir um gigante país miscigenado e complexo, que é o Brasil. Voltando à viagem, resta ainda um passeio de *Buggy* pelas praias de Natal, antes de fazer a última parada em Fernando de Noronha, o paraíso isolado e protegido que se encontra no meio do oceano atlântico.

Além de analisar a cara do país, Javier aponta um olhar ateu para aspectos religiosos no Brasil, desde o catolicismo do Padre Marcelo, descrito como fundador, diretor e proprietário de uma agência de passaportes para a divina glória, passando pelo espiritismo de Kardec, pelos deuses importados do Candomblé, pelo sincretismo religioso praticado pelos umbandistas e pelas diversas instituições evangélicas que abundam no Brasil.

O estrangeiro percebe, então, que o país que transmite a ideia de liberdade sexual, também é composto por miseráveis que são pressionados a buscar a salvação por meio dos

¹³ “dos mil quinientos kilómetros en salto aéreo” (NART, 2002, p. 283).

mistérios religiosos. Porém, toda diversidade cultural e todos os problemas do país parecem não ofuscar a beleza da mulher-modelo brasileira, todas elas apenas citadas, sem voz, até mesmo a filha Laia, evidenciando que, nessa tentativa de criar um ensaio sociológico, explicando a multifacetada cultura brasileira, o que predomina é a descrição pautada em elementos simplistas, preconceituosos e pertencentes ao senso-comum.

A viagem física que dá origem à narrativa de Bernardo Gutiérrez tem início na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, sob o olhar do patriarca dos *Sateré Mawé*, cacique Luiz, e de seus netos que se revezavam para brincar com uma máscara do *Batman*, com um objeto que imita um telefone celular e se encontram próximos a uma grande televisão, na qual uma telenovela era exibida. Esses produtos tem um potencial tão grande que chegam às comunidades mais isoladas do Brasil, adentrando às suas casas e apresentando mundos diferentes aos seus habitantes.

Como parte desse mundo globalizado, os indígenas transculturados precisam enfrentar os problemas urbanos dessa capital, já que o prefeito da cidade, na época, Serafim Correia, prometeu durante a campanha que daria o título de propriedade das terras, promessa essa que nunca foi cumprida. Diante desse problema social, o viajante-escritor se pergunta: “O que estou fazendo em Manaus, em uma cidade recôndita, ilhada por terra do resto do Brasil? O que busco no coração da selva mais indômita do planeta?¹⁴” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 21). E, a partir dessa reflexão, percebemos que o narrador evidencia que não irá apenas descrever o seu deslocamento turístico por esta terra, mas denunciará os problemas sociais enfrentados pelos grupos indígenas e pelos brasileiros em geral, expondo a função do seu relato.

A viagem continua pelo centro de Manaus, que viveu seu esplendor entre o final do século XIX e início do século XX, com o ciclo da borracha. Como já comentamos, a *Belle Époque* selvática figurou como uma época gloriosa para a cidade, porém o luxo e a prosperidade urbana faziam frente ao precário tratamento dado aos seringueiros, os extratores da matéria prima da borracha, que viviam como escravos em meio à selva amazônica. Nesse contexto, o viajante-escritor observa as contradições desse lugar que recebe milhares de pessoas, mas que não as acolhe como membro da sociedade.

Sentindo a necessidade de viajar e de sair da gigante, contaminada, ruidosa e estressante cidade de Manaus, Gutiérrez navega com destino a Maués, capital do valioso guaraná. O Rio Amazonas, formado pelo encontro das águas do Rio Negro com o Solimões,

¹⁴ “¿Qué estoy haciendo en Manaos, en una ciudad recôndita, aislada por tierra del resto de Brasil? ¿Qué busco en el corazón de la jungla más indômita del planeta?” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 21).

faz com que o viajante relembre viagens do passado, servindo também como rua e cenário para as suas aventuras pelo exótico lugar. Dentre os atrativos do município está o fato do guaraná não estar presente em toda a sua extensão, o som constante do technobrega e a ascensão da internet nessa região abençoada pelo Deus *Orkut*, evidenciando a ideia de que uma comunidade indígena não é mais o que se espera, não condiz com a imagem que é transmitida pela mídia e reconhecida como própria desses ambientes.

Navegando por outros roteiros, tomando o afluente Trombetas, o viajante busca chegar a sua próxima parada: Oriximiná. Para isso, precisa passar por Parintins, a famosa cidade dos festivais de boi-bumbá, onde os bois Garantido e Caprichoso garantem público e fama para o festival que acabou por se transformar em um dos pontos turísticos da Amazônia, comparado, como um irmão de menor fama midiática, ao carnaval carioca.

O objetivo desse aparente desvio de uma rota apenas turística é conhecer um pouco da cultura negra da região, já que “no Rio Trombetas se encontra a maior comunidade de remanescentes de quilombos, os descendentes dos escravos africanos fugidos, os negros da selva¹⁵” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 94). Além disso, nesse lugar o viajante tem o intuito de entender os séculos de pesadelo causado pelo branco e as angústias dos caboclos, os habitantes da Amazônia rural, esse povo marcado pela invisibilidade que aprendeu com os índios a sobreviver no meio da floresta.

Segundo o autor, seria muito fácil narrar uma viagem turística, estar alienado dos problemas da região. Nesse contexto, a próxima escala, Santarém, de volta ao Amazonas, na foz do Tapajós, poderia ser descrita apenas como o lugar dos índios tupaiu e tapajó, mas “na Amazônia os caminhos-que-não-são-rios se traduzem em *débâcle*, devastação e desolação¹⁶” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 133). Por esse motivo, o viajante interrompe a narrativa para voltar ao ano de 2005 e relembra outra viagem, viagem dentro da viagem, narrativa dentro da narrativa. Não se trata de uma viagem turística, mas jornalística, pela Transamazônica, na mesma região, mais ao sul, para acompanhar a Polícia Federal na investigação e na resolução de casos de trabalho escravo em grandes fazendas nas regiões de Marabá, Pacajá e São Félix do Xingu.

Alter do Chão, uma charmosa aldeia próxima às margens do Rio Tapajós, abaixo de Santarém, atualmente vive do turismo e respeita a natureza, servindo de trampolim para o viajante chegar a Fordlândia e Belterra, as cidades perdidas da borracha, das quais quase

¹⁵ “en el río Trombetas se encuentra la mayor comunidad de *remanescentes de quilombos*, los descendientes de los esclavos africanos huidos, los negros de la selva” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 94).

¹⁶ “En la Amazonia, los caminos-que-no-son-ríos se traducen en *debacle*, devastación y desolación” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 133).

ninguém se recorda. Com o *boom* automobilístico, Henry Ford construiu esses lugares a imagem e semelhança das urbes estadunidense para suprir as demandas das suas fábricas. O plano lunático de criar um pedaço dos EUA na selva não levou em consideração a realidade da região: os horários rígidos de trabalho (das seis até às quinze horas, quando o calor não permite que se passe do meio dia), a obrigação de usar sapatos, a dieta a base de hambúrgueres, as casas que não permitiam a ventilação, a proibição de bebida alcoólica. Todos esses problemas causaram a indignação dos trabalhadores e, como consequência, o fracasso da empresa de Ford, que perdeu por volta de vinte milhões de dólares na época. As cidades, hoje fantasmas, perdidas no meio da selva que reconquistou seu espaço, vivem hoje praticamente do turismo especializado e caro que consegue chegar a essa região perdida no interior da Amazônia.

Retomando o relato principal e a viagem primitiva, seguindo a descida do rio Amazonas, que o jornalista chama de rua, ele chega à foz do rio, em sua margem norte: Macapá, cidade cortada pela linha do equador e capital do estado do Amapá. Lugar de gente pobre, a cidade é descrita como sendo “apenas uma favela superlativa¹⁷” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 174). Para fugir da pobreza, muitas pessoas se dirigem ao norte e tentam cruzar o Oiapoque com destino à Guiana Francesa, porém muitas delas morrem pelas mãos dos agentes europeus. Nessa região de garimpo, o jornalista chama a atenção para o fato de que o paraíso do ouro recebe muitas meninas brasileiras que trabalham como prostitutas, recrutadas por redes internacionais.

A viagem poderia terminar na Ilha de Marajó, lugar onde o rio Amazonas se parte em centenas de braços, mas Gutiérrez se dirige a Belém do Pará, na margem sul do rio, outro final possível para o rio e outro final para a história. Assim como o rio que se desmembra em diversos outros rios, a viagem também apresenta outras viagens e o viajante se lembra de um período que viveu em Belém, no ano de 2004, quando a Amazônia era apenas uma tela em branco para ele. Lembra-se também dos misteriosos e fantásticos rituais africanos em Belém, as noites de umbanda, do misticismo, da fé e da diversidade de crenças brasileiras, indicando o respeito que o viajante tem pelas diversas instituições religiosas que coexistem no Brasil, descrições que buscam a neutralidade de um narrador que não impõe uma crença específica sobre os habitantes visitados.

Na mesa do bar Veneza, entre memórias e conversas com os dois amigos, Karla e Paulo, Gutiérrez relembra o “boi, cavalo, terreiro, asfalto, bumbá, floresta urbana, caboclos,

¹⁷ “apenas una *favela* superlativa” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 174).

cidade, Orkut, África, virgens católicas, selva, urbe, soja transgênica¹⁸” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 188), elementos que, para ele, representam a síntese da Amazônia. Após a viagem física e as viagens pela retrospectiva dos fatos vividos, Gutiérrez, caminhando pela areia da praia de Marajó, onde pode finalmente se encontrar com Raquel, seu porto seguro, a brasileira com quem construirá uma família. Depois de tanto rio, de tanta água, de tanta vida, chegou a hora de descansar.

Como já dissemos anteriormente, a viagem coloca o viajante diante do *outro* e de suas próprias convicções, uma vez que é obrigado a olhar para os indivíduos com curiosidade e de forma ampla, para fazer com que aquele ato tenha uma função específica para a sua vida. Para tanto, é necessário que ele retome as suas experiências e bagagens como forma de aprendizado e evolução. É nesse ponto que podemos perceber pontos de distanciamento entre os dois relatos.

Javier Nart relata sua passagem por lugares desconhecidos e estranhos, limitando-se a descrever o que para ele é interessante, sem se preocupar com os seres que ali vivem e com a imagem que por ele é transmitida. Já Bernardo Gutiérrez produz uma narrativa mais voltada aos aspectos sociais, colocando-se em uma posição crítica e apresentando uma visão jornalística, ao mesmo tempo em que busca na literatura e na história modos de comprovar o que por ele é relatado, apresentando sua experiência pessoal somada às necessidades da população visitada. Todavia, precisamos indicar que essa oposição entre o turista e investigador social será discutida com maior profundidade no capítulo seguinte.

Não há dúvida de que Gutiérrez se preocupa com a construção da sua identidade, da identidade do ser observado e também da identidade do seu leitor, que busca satisfazer sua curiosidade, discutir problemas pessoais e fugir da sua realidade para se aproximar dos indivíduos observados. Apesar de muitas vezes apresentar traços arquetípicos, o viajante trabalha com uma imagem caleidoscópica de um Brasil formado pelo conjunto de raças e culturas, somado a diversidade de problemas sociais, que formam um país miscigenado e real.

Dessa forma, percebe-se um número maior de viagens realizadas por Gutiérrez, uma vez que o seu deslocamento físico e a observação das coisas exteriores fazem com que produza viagens psicológicas, buscando elementos na memória, na história, na literatura, nas lendas e na realidade para realizar um mergulho em si mesmo, para refletir sobre a própria existência e a existência do *outro*.

¹⁸ “Boi, cavalo, terreiro, asfalto, bumbá, jungla urbana, caboclos, ciudad, Orkut, África, vírgenes católicas, selva, urbe, soja transgênica (GUTIÉRREZ, 2010, p. 188).

O trajeto de Gutiérrez pela região amazônica fez com que ele entrasse em contato com uma nova realidade, oportunizando aprendizagens e transformações individuais, transpondo as suas próprias fronteiras pessoais e possibilitando, por meio do seu relato direcionado aos compatriotas, a ressignificação das imagens do Brasil veiculadas ao longo da história. O olhar para os aspectos sociais e a ênfase nos problemas enfrentados pelo brasileiro faz com que o relato seja mais verossímil, característica extremamente relevante se pensarmos na necessidade de reconstruir as imagens nacionais que sempre foram pautadas em descrições simplistas e generalizadoras.

Por sua vez, o Brasil de Javier Nart é, de modo geral, apresentado como paraíso terreal, psicológico e carnal, cujas belezas naturais, a rica flora, os animais exóticos servem como prova de que esse é o espaço perfeito para o refúgio. Essas construções que são pautadas no olhar para o que é considerado exótico e distante do viajante europeu reforçam o imaginário desde que os primeiros viajantes desembarcaram no Brasil. Fica evidente que as viagens realizadas por Nart se configuram como um reflexo representativo formulado a partir das informações adquiridas com o tempo e pelo contato com os temas clássicos desenvolvidos sobre o Brasil, disseminados e reforçados pelas instituições ideológicas, representando, assim, um reflexo da identidade do viajante.

Nart se aproxima dos inúmeros viajantes europeus que vieram à América e representaram a região de acordo com a ideologia hegemônica, autoritária e normativa. A descrição espacial, a valorização das riquezas e a caracterização dos observados pelo caráter exótico faz com que seja mantida a posição do continente europeu como uma potência e um grande centro de poder planetário. Essa posição de superioridade se configura como um (r)estabelecimento da dominação imperial do Ocidente sobre o Oriente.

Diante dessas informações, podemos analisar o nível de verossimilhança atingida pelos narradores, hierarquizando esse aspecto entre maior e menor nível de harmonia com os fatos, uma vez que um viajante entra em contato com os aspectos sociais do ambiente visitado e outro se encontra mais atrelado às imagens históricas criadas sobre o Brasil, auxiliando, assim, na reprodução desses imagotipos. Neste ponto, é preciso ressaltar que não existe uma realidade unívoca que possa ser transmitida pela literatura, porém faz-se necessário o afastamento dos processos de significação e interferências desenvolvidas pelas generalizações que regeram sempre a visão estrangeira sobre esta terra, distanciando-se da posição colonizadora que ainda vigora em alguns povos.

Para refletir sobre o nível de verossimilhança atingido pelos dois narradores em seus textos, precisamos considerar os imagotipos clássicos disseminados desde a chegada dos

primeiros viajantes no Brasil, enfatizando a ideia de paraíso exótico e Eldorado, atrelada às noções de dominação cultural, colonialismo, subdesenvolvimento, ideologia, racismo, terceiro mundo, entre outros temas caros aos estudos culturais e pós-coloniais. Em síntese, buscaremos apontar os traços característicos desses imagotipos, visando combater os mal-entendidos, as generalizações e simplificações construídas com o intuito de manter a dominação das classes hegemônicas sobre outras classes subalternas.

2.2 - AS IMAGENS DO BRASIL

Desde o primeiro momento do desembarque dos espanhóis na América, estava criada no imaginário europeu uma paisagem edenizada, os olhos viam o que era conveniente, se escutava o que reforçava o mundo imaginário criado anteriormente. Nesse contexto, a natureza era apresentada com todo seu esplendor, a beleza dos animais exóticos era ressaltada, o diferente clima chamava a atenção dos viajantes. A América era apresentada como um espaço paradisíaco e um lugar livre de todo pecado.

Essas descrições que levam a crer que o Novo Mundo é o próprio Paraíso Terrestre, cuja ideia surgiu de textos anteriores, remontam às tradições ligadas ao cristianismo e à visão simbólica da natureza difundida pelos padres da Igreja durante os séculos. Estão diretamente ligadas à passagem encontrada em *Gênesis*, 2, 9-25 e 3, 1-24, onde se narra a forma como Deus criou os primeiros seres humanos e os deu como habitação um horto localizado nas bandas do Oriente. O lugar é apresentado como um espaço agradável, cheio de plantas, que proporcionam alimento necessário para a sobrevivência. Nesse jardim havia ainda a árvore da vida, cujos frutos dariam vida eterna, e também a da ciência do bem e do mal, única expressamente proibida aos seres que lá habitavam, sob pena de morte (HOLANDA, 2000).

Para os primeiros viajantes, a América era um cenário miraculoso, um espaço cheio de mistérios e de infinitas possibilidades. A exuberância da vegetação, a fertilidade da terra, o colorido das aves, a falta de pecado dos índios, ofereciam-lhes descrições que remetiam diretamente ao Éden. Segundo Holanda (2000), é nesse contexto que a expressão Novo Mundo, criada por Anghiera, antes mesmo de Vespúcio, é utilizada pelos viajantes para designar as terras “descobertas”.

Essa mesma fantasia ainda perdura, uma vez que, ao analisar os temas levantados nas obras estudadas neste trabalho, observamos, em maior ou menor grau, que as imagens são

construídas a partir de elementos exóticos, formatadas pelas diferentes modalidades da mídia e absorvida pelos brasileiros na construção discursiva de sua identidade nacional. Difícil estipular quando exatamente essa imagem foi criada, porém, ao analisarmos superficialmente as primeiras escritas sobre esta terra, veremos que as descrições não fogem muito desse padrão. A população brasileira sempre foi pintada como diferente, exótica, anormal. Devido à absorção desses elementos como parte da composição da cultura nacional e a posição de subalternidade que o país ainda enfrenta, percebemos que as mesmas construções imagéticas continuam a vigorar nos relatos atuais.

Nessa perspectiva, observamos que Javier Nart apresenta uma visão mais edênica, mais presa aos imagotipos brasileiros. Desenvolverá, por esse viés, uma narrativa simplista sobre o ambiente amazônico e pantaneiro por extensão. Essas construções vão desde o fato de considerar o clima da Cuiabá, cidade que bate recordes de alta temperatura no Brasil, de um “seco perfeitamente suportável¹⁹” (NART, 2002, p. 91), até descrever “O ônibus, como todos no Brasil, era amplo, limpo, potente e veloz. E, graças a Deus, silencioso²⁰” (NART, 2002, p. 114). Nesse mesmo viés, a mobilidade, tanto por terra quanto pela água, no Brasil ocorre, pelos olhos desse viajante, dentro de uma ordem indiscutível, quase mágica. Essa imagem idílica pode ser observada também nas descrições dos barcos utilizados na Amazônia, onde os banheiros “permaneceram indefectivelmente limpos nos quatro dias de duração da viagem. Dois sanitários para mais de duzentas pessoas. Tão inverossímil como certo²¹” (NART, 2002, p. 158).

Alimentando-se também desse mito, Bernardo Gutiérrez realiza descrições que privilegiam os aspectos positivos das florestas, chamando a atenção do viajante pela beleza, pelos aspectos contemplativos, promovendo nele uma espécie de transe introduzido pela imponência desse espaço mágico.

Estamos em abril, ao final da estação das chuvas. A paisagem – pastos, lagoas, árvores, casas de madeira – me absorve durante uma hora. Me deleito no famoso bosque inundado, que em ocasiões se estende por quase cem quilômetros pelos leitos dos rios afora. Sua vegetação se denomina igapó. Suas plantas são hidrófitas, estão preparadas para a água. O igapó exhibe também profusão de orquídeas e nenúfares, conhecidos no Brasil como vitória régia. Os seres humanos deste reino metade água-metade terra, deste universo flutuante e indefinido, são seres anfíbios

¹⁹ “seco perfectamente soportable” (NART, 2002, p. 91).

²⁰ “El autobús, como todos los de Brasil, era amplio, limpio, potente y veloz. Y, a Dios gracias, silencioso” (NART, 2002, p. 114).

²¹ “se mantuvieron indefectiblemente pulcros en los cuatro días que duró el viaje. Dos retretes para más de doscientas personas. Tan inverosímil como cierto (NART, 2002, p. 158).

que constroem casas elevadas com palafitas de madeira que os resguardam das elevações do rio²² (GUTIÉRREZ, 2010, p. 54).

Essa imagem mostra uma Amazônia detentora de diversas qualidades que precisam ser exaltadas, criando, a partir de uma descrição poética, um ambiente que proporciona viagens pela sua própria imaginação e pelo imaginário tão difundido desde o início da colonização americana. Além de evidenciar uma tentativa de associar a Amazônia com o paraíso bíblico, observamos também a comparação dos seres humanos que habitam esse lugar com anfíbios que se adaptam facilmente ao ambiente e, por esse motivo, precisam ser valorizados como seres diferenciados, exóticos. Interessante ressaltar ainda que os seres humanos são valorizados pelo poder de adaptação, gerando uma aproximação deles com os animais e colaborando com a ideia de que a região precisa de cuidados externos, proposta difundida desde as primeiras crônicas sobre o país.

Da mesma forma, em outro momento, viajando pelo encontro das águas dos rios Negro e Solimões, Gutiérrez (2010, p. 50) indica que “A beleza do rio Negro – misterioso, sensual – é surpreendente. Esbanja elegância, aromas. E uma aura legendária que parece sussurrar sofrimento centenário, descobrimentos mágicos²³”. Nesse sentido, mesmo considerando as dificuldades históricas sofridas pelo povo natural, a Amazônia está situada sob um conjunto de elementos sutis que produz uma realidade mágica, sobrenatural. Essa posição do viajante mostra que, mesmo se afastando dos aspectos míticos da selva, ele não consegue se desvencilhar totalmente das lendas vinculadas ao local.

Dessa exaltação das qualidades e riquezas naturais do ambiente surge também o mito do Eldorado. A sua origem remonta à tradição oral indígena que aponta para a existência de uma entidade que habitava o interior do continente americano e que recobria o próprio corpo com pó de ouro, indicando que o lugar continha uma enorme quantidade desse mineral precioso. Outra teoria reporta às tradições clássicas gregas e latinas que apresentavam textos sobre a “Idade Dourada”. Porém, é impossível delimitar exatamente a sua criação, uma vez que ele sempre fez parte do imaginário europeu (ESTEVES, 2007).

²² “Estamos en abril, al final de la estación de las lluvias. El paisaje – pastos, lagunas, árboles, casas de madera – me absorbe durante una hora. Me deleito en el famoso bosque inundado, que en ocasiones se extiende hasta casi cien kilómetros fuera de los cauces de los ríos. Su vegetación se denomina *igapó*. Sus plantas son hidrófilas, están preparadas para el agua. El *igapó* exhibe también profusión de orquídeas y nenúfares, conocidos en Brasil como *Vitória régia*. Los seres humanos de este reino mitad agua-mitad tierra, de este universo flotante e indefinido, son seres anfíbios que construyen casas elevadas con zancos de madera que los resguardan de las subidas del río” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 54).

²³ “La belleza del río Negro – misterioso, sensual – es sobrecogedora. Derrocha elegancia, aromas. Y un áurea legendaria que parece susurrar sufrimiento centenarios, descubrimientos mágicos” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 50).

É certo que a partir da viagem de Francisco de Orellana, por toda a extensão do rio Amazonas, e por meio da pena de frei Gaspar de Carvajal, que mencionou o encontro com as supostas mulheres guerreiras, passamos a encontrar o reino do *El Dorado* quase sempre associado ao também lendário reino das Amazonas. Dessa forma, o mito, que se consolidou no século XVI, passou a ser repetido e reconfigurado em diferentes épocas e por viajantes de diversas origens. Para Gutiérrez,

Carvajal aumentou o mito da Amazônia exótica que já circulava sobre as selvas do Oriente de Quito. Frei Gaspar, o frade da ficção científica, foi quem deu o pontapé de saída para a interpretação mágica da selva. Ainda que o próprio Francisco de Orellana, quando subiu o rio Orinoco em 1535, já seguisse em direção a um lago situado próximo à linha do Equador, onde poderia estar a cidade de Manoa, o mítico *El Dorado*. O controverso britânico Walter Raleigh – poeta, corsário e explorador – se lançou em 1594 na busca do *El Dorado*, subindo o rio Orinoco e seu afluente Caroni. E alimentou ainda mais o mito da cidade do ouro em seu exagerado e fantasioso relato *O descobrimento da Guiana (1596)*²⁴ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 56).

Desde a chegada dos europeus nesta terra, o mito passa a ser direcionado ao próprio continente americano, que se configura como uma espécie de miragem, um espaço fértil que representa a possibilidade de riqueza fácil, fazendo com que muitas vezes essa história, repetida à exaustão, seja confundida com a realidade.

Exploradores europeus visitaram a região ao longo dos séculos XVIII e XIX, como o francês Charles de La Condamine, em 1735; o brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1784; o alemão Alexander von Humboldt, em 1799; ou os ingleses Richard Spruce, Henry Bates ou Henry Wickham. Eles estudaram a fauna e a flora locais, de acordo com os novos princípios científicos e desmentiram em seus relatos a existência dos fantásticos reinos. No entanto, já avançado o século XX, ainda houve expedições que tentariam encontrá-los. A mais famosa, por seus resultados trágicos, foi encabeçada pelo coronel norte-americano Percy Fawcett, que se internou Mato Grosso adentro em 1925 e não regressou jamais. Mais recentemente, o francês Serge Debrú desapareceu, com seus companheiros de expedição, nas selvas peruanas, o mesmo aconteceu com o antropólogo norueguês Lars Hafksjold, em 1997 (ESTEVEZ, 2007, p. 237).

De qualquer maneira, esses exploradores, que ao longo dos anos tentaram desmentir a existência desse reino fantástico, e aqueles que buscaram encontrá-lo, colaboraram para manter vivo esse mito no imaginário popular. A partir das descrições exageradas e pautadas nos aspectos mágicos da selva, estava plantada uma semente que brotaria e se desenvolveria

²⁴ “Carvajal aumentó el mito de la Amazonia exótica que ya circulaba sobre las selvas del Oriente de Quito. Fray Gaspar, el fraile de la ciencia ficción, fue quien dio el pistoletazo de salida para la interpretación mágica de la jungla. Aunque el propio Francisco de Orellana, cuando remontó el río Orinoco en 1535, ya iba tras un lago ubicado cerca de la línea del Ecuador, donde podría estar la ciudad de Manoa, el mítico El Dorado. El controvertido británico Walter Raleigh – poeta, corsario y explorador – se lanzó en 1594 a la búsqueda de El Dorado, remontando el río Orinoco y su afluente Caroní. Y alimentó todavía más el mito de la ciudad del oro en su exagerado y fantasioso relato *El descubrimiento de Guaiana (1596)*” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 56).

durante séculos no imaginário mundial. Importante destacar também que, para além desses nomes reconhecidos pela história, outros muitos levantaram a hipótese da existência ou discorreram sobre esse imagotipo nos textos em que relatam a viagem pela Amazônia.

De acordo com Todorov (1983), Cristóvão Colombo utilizou o mito do Eldorado como argumento para incentivar seus tripulantes na viagem pelo continente desconhecido e nas adversidades encontradas pelo caminho, evidenciando o valor comercial do símbolo alquímico da perfeição. A soma do aspecto financeiro com as ideias extraídas dos textos sagrados fez com que o Eldorado fosse transposto para o continente americano, o que proporcionou que esse espaço se transformasse na transfiguração do Éden, ressaltando a ideia de que a Terra aqui se renovaria e, por isso, precisaria ser cuidada e protegida contra as ameaças.

Percebendo a importância da floresta amazônica para o Brasil e para o mundo, Gutiérrez procura entender o porquê se discute tanto as questões ecológicas e, para isso, se encontrará com o estadunidense Philip Fearnside, pesquisador vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), descrito como uma das personalidades da área, com quem espera discutir e entender questões concernentes ao meio ambiente de Manaus. Segundo o viajante, esse cientista dedicou sua vida a estudar assuntos que dizem respeito ao aquecimento global, produzindo, a partir disso, trezentos e cinquenta textos com essa temática.

A partir dessa conversa, entende-se que a capital do estado do Amazonas ainda apresenta suas florestas preservadas devido à inexistência de rodovias asfaltadas, sugerindo, assim, que o desmatamento aumentará consideravelmente a partir do momento em que houver investimentos nas estradas, pois isso possibilitará que os madeireiros, pecuaristas e produtores de soja se apropriem comercialmente do espaço. Assim, entendemos que, na opinião de Gutiérrez, é necessário manter a floresta isolada do restante do continente para que ela não sofra nenhum tipo de exploração destrutiva.

Em contrapartida, ao apresentar sua posição sobre a conservação da floresta, Nart defende que a teoria dos ecologistas é simplista, míope e absurda, pois se apresenta sob o discurso protecionista, com o objetivo de garantir os privilégios dos países desenvolvidos. O narrador busca, então, desconstruir esses discursos que, segundo ele, se opõem ao bem estar da população ao inserir obstáculos no processo natural de desenvolvimento do país.

Segundo dados apresentados na obra, a Amazônia possui vinte e três por cento das espécies vivas do planeta e seres humanos plenamente integrados à natureza, longe de qualquer maldade, vivendo em um território ideal e cercado de pessoas que beiram a perfeição. Além disso, o espaço é apresentado como “uma reserva de minerais, de gás, de

petróleo em quantidades descomunais. Uma riqueza ao alcance das mãos que é preciso administrar com extrema prudência para não destruir irremissivelmente o frágil ecossistema em que se encontra²⁵” (NART, 2002, p. 271).

Com esse perfil, percebemos que os aspectos naturais amazônicos são exaltados pelo viajante-escritor, ressaltando a importância da preservação ambiental, pois tanto acima da terra como debaixo dela são encontrados importantes produtos comercializáveis e a sua exploração pode ser extremamente destruidora, tendo em vista a fragilidade do ecossistema amazônico.

Na tentativa de apresentar projetos governamentais na Amazônia, Nart afirma que

Em princípio, o Amazonas é o paraíso dos ecologistas, com quase cinquenta áreas de conservação entre parques nacionais, reservas biológicas, reservas florestais, bosques nacionais, reservas biológicas, reservas comunitárias, bosques estatais de reserva sustentável, reservas indígenas, sítios ecológicos e reservas extrativas²⁶ (NART, 2002, p. 272).

Nesse contexto, observamos que o narrador utiliza de forma genérica o termo Amazonas para se referir à floresta, indicando que as inúmeras divisões promovidas pelo governo se apresentam como uma maneira de manter a mínima ordem no lugar, atendendo todas as necessidades da população, porém, na prática, se configura como uma ação negativa para a coletividade, visto que ela atende somente aos ecologistas. Por conseguinte, explica que, em sua opinião,

A Amazônia não é um paraíso antropológico, zoológico, botânico, que se clama e reclama desde a comodidade, segurança e bem-estar do mundo desenvolvido, esses três pilares são consequência da ação do homem sobre o seu meio, da transformação radical dos rios, matas e espaços em que se criaram áreas de cultivo, desbravando, desmatando as florestas. Traçando rodovias que facilitaram as comunicações, o comércio, a cultura. Exportando recursos minerais. Transformando e fundindo povos²⁷ (NART, 2002, p. 280).

²⁵ “La Amazonia es una reserva de minerales, de gas, de petróleo en cantidades descomunales. Una riqueza al alcance de la mano que es preciso gestionar con extrema prudencia para no golpear, destruir irremisiblemente el frágil ecossistema en el que se encuentra” (NART, 2002, p. 271).

²⁶ “En principio, el Amazonas es el paraíso de los ecologistas, con casi cincuenta áreas de conservación entre parques nacionales, reservas biológicas, reservas forestales, bosques nacionales, reservas biológicas, reservas comunales, bosques estatales de reserva sustentable, reservas indígenas, estaciones ecológicas y reservas extractivas” (NART, 2002, p. 272).

²⁷ “La Amazonia no es ese paraíso antropológico, zoológico, botánico, que se clama y reclama desde la comodidad, seguridad y bienestar del mundo desarrollado, tres pilares consecuencia justamente de la acción del hombre sobre su medio, de la transformación radical de ríos, bosques y costas en los que se crearon campos de labranza desbravando, desflorando, los bosques. Trazando carreteras que facilitaron las comunicaciones, el comercio, la cultura. Explotando recursos minerales. Transformando y fundiendo pueblos” (NART, 2002, p. 280).

O espaço que inicialmente foi apresentado a partir de suas riquezas naturais, agora é descrito pelos aspectos negativos promovidos pela ação humana. Porém, com esse jogo de contradições, o narrador aponta para os benefícios gerados pelo desmatamento e a transformação da floresta em espaço “produtivo”. Nessa perspectiva, a solução para os problemas sociais parece estar associada ao desflorestamento amazônico, no entanto é indiscutível que a transformação que esse ato produziria seria sentido apenas por uma pequena parcela da população que detém poder político e econômico na região.

Seguindo a linha de raciocínio articulada às suas reais intenções, o narrador conclui que “O ecossistema amazônico não pode ser o jardim intocável que pretendem os ecologistas ocidentais. Uma Amazônia contra os seus habitantes²⁸” (NART, 2002, p. 281). Esse discurso, juntamente com todos os dados apresentados pelo narrador, é utilizado para descrever o cinismo de alguns países em tentar regular o desenvolvimento amazônico (e brasileiro, por consequência) e protestar pelos direitos do Brasil de garantir os elementos básicos para seu desenvolvimento, como a criação de rodovias para escoamento da produção.

Ao apresentar os Estados Unidos como símbolo principal dos países ocidentais e pertencente ao chamado Primeiro Mundo, fica relegada ao Brasil à posição de inferioridade assegurada no Oriente. É necessário pensar a utilização desses conceitos para dividir o mundo em duas partes, partindo do pressuposto de que essa oposição se estabelece como uma forma de poder imperial, aplicada de forma determinista nos discursos correntes e difundidas pelas instituições de forma mecânica, desenvolvendo-se como norma para os seres envolvidos no processo. Em resumo, essa dualidade se estabelece como “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p. 29).

Da mesma forma que se opõe ao projeto ecológico da Amazônia, Nart também apresenta visão semelhante para a região Centro-Oeste do Brasil. No trajeto entre Campo Grande e Cuiabá, o viajante observa que a terra avermelhada, perfeitamente fértil, possui “vacas, vacas e vacas, vinte e cinco milhões de híbridos de zebu indiano e bovino europeu, mina quase infinita de carne e leite para alimentar as dezenas de milhões de brasileiros de hoje e de amanhã²⁹” (NART, 2002, p. 77). Sem se preocupar com os efeitos que a produção bovina causa ao meio ambiente, o narrador ainda indica os causadores da destruição da natureza:

²⁸ “El ecosistema amazónico no puede ser el jardín intocable que pretenden los ecologistas occidentales. Una Amazonia contra sus habitantes” (NART, 2002, p. 281).

²⁹ “vacas, vacas y vacas, veinticinco millones de híbridos de cebú indio y bovino europeo, mina casi infinita de carne y leche para alimentar a las decenas de millones de brasileños de hoy y de mañana²⁹” (NART, 2002, p. 77).

Fogos destruidores de vida vegetal e animal, desertificadores. O fogo, a serra elétrica nos campos, o mercúrio e outros agentes químicos utilizados para a purificação do ouro nas águas dos rios são os grandes assassinos desta natureza incomparável, única, que já está desaparecendo³⁰ (NART, 2002, p. 79).

Os incêndios, as serras elétricas e o mercúrio são apontados como vilões ambientais, sem considerar que todos esses instrumentos só funcionam com a força e administração humana. Porém, mesmo diante de uma realidade que apresenta problemas, o narrador indica que esse é o processo natural para se atingir o verdadeiro desenvolvimento, tendo a Europa como grande espelho e exemplo de centro civilizatório.

Uma paisagem que figura nos manuais dos ecologistas radicais como crime ecológico, arboricídio assassino, e que não é senão a lógica e o inevitável processo pelo qual a humanidade amplia suas terras produtivas. Do bosque à lavoura. Exatamente o mesmo processo que realizaram nossos ancestrais europeus e que foram a base, suporte alimentício, para a civilização que atualmente gozamos³¹ (NART, 2002, p. 123).

Considerando tudo o que foi registrado, fica evidente que o objetivo de desconstruir a imagem cristalizada no imaginário europeu sobre um Brasil paradisíaco não é atingido. É comum a voz em primeira pessoa apresentar o seu ponto de vista sobre a paisagem e os problemas socioambientais presentes no espaço visitado, porém essas descrições não são ingênuas, mas construídas a partir de fatores da subjetividade do narrador, que seleciona informações no seu acervo pessoal para apresentar uma visão eurocêntrica, minimizando os problemas da terra visitada ao utilizar discursos inflamados a respeito do que ele considera ser os reais problemas do país.

Ao ameaçar desconstruir a ideia de Paraíso Terreal e da visão edênica da América, o que realmente ressalta é a ideologia empregada há mais de cinco séculos no Brasil: a inferioridade do colonizado em gerir suas riquezas e a superioridade do europeu-colonizador em destacar possíveis problemas e propor soluções. Nart não consegue se desvencilhar do discurso hegemônico ocidental e utiliza-se da sua posição privilegiada para reproduzir as imagens estereotipadas do Brasil, pautadas, sobretudo, na concepção de que o interior brasileiro é um espaço fértil e que precisa ser trabalhado como projeto comercial de desenvolvimento. É o Eldorado reconstruído sob a ideologia colonizadora. Nesse contexto,

³⁰ Fuegos destructores de vida vegetal y animal, desertificadores. El fuego, la sierra mecánica en los campos, el mercurio y otros agentes químicos utilizados para la purificación del oro en las aguas de los ríos, son los grandes asesinos de esta naturaleza incomparable, única, que ya está desapareciendo (NART, 2002, p. 79).

³¹ Un paisaje que figura en los manuales de los ecologistas radicales como crimen ecológico, arboricídio asesino, y que no es sino el lógico e inevitable proceso por el que la humanidad amplía sus tierras productivas. De bosque a labranza. Exactamente el mismo proceso que realizaron nuestros ancestros europeos y que han sido la base, cimiento alimenticio, de la civilización de la que actualmente gozamos (NART, 2002, p. 123).

precisamos ressaltar o fato de que mito está sempre vinculado ao país colonizado, embora seja o colonizador o único detentor de conhecimento e capacidade para gerir as suas riquezas, evidenciando, mais uma vez, a hierarquia instaurada nesse sistema de poder.

Sabemos que a desconstrução da clássica imagem idílica começa logo após o castigo a que se viram sujeitos os primeiros habitantes do Éden. A harmonia em que todos os seres viventes estavam inseridos também se dissipou em consequência do pecado cometido. Fora dos portões do Paraíso e ao lado de toda beleza natural e dos seres perfeitos criados pelo Todo Poderoso, encontra-se a dor, o desespero, a mortalidade. O Jardim passa de lugar mágico para um espaço onde reina o medo, o espanto e o perigo. Esses sentimentos opostos seguiram durante os séculos no imaginário europeu, fazendo com que se acreditasse, pautados nos registros bíblicos, na existência física desse mundo paradisíaco. Essa crença influenciará o pensamento da época e fará com que nasça a esperança de atingir em algum momento o tão sonhado espaço livre de pecado para responder aos desejos de redenção e de retratação com Deus.

Existia a esperança de que o Éden não estivesse totalmente excluído do universo e que o acesso aos jardins sagrados poderia ser atingido por pessoas com ânimo suficiente e merecedoras de tal privilégio. Em essência, esse espaço estaria perdido em um lugar muito distante, ainda desconhecido, e só seria atingido através de grandes esforços, da extrema coragem e da piedade divina. Por essa crença, os primeiros viajantes europeus acreditavam que achariam o Paraíso, ou uma perfeita símile deste, do outro lado do oceano, que se configuraria como o imenso jardim escolhido por Deus para o povo eleito, ou seja, a Terra Prometida. Precisamos considerar que, como na Bíblia, o povo eleito não era aquele que vivia na região, mas o *outro* estrangeiro, invasor.

Vimos que essa esperança permaneceu no imaginário europeu por séculos e ainda perdura ressignificada até hoje, porém, com o passar do tempo, a realidade mostrou uma nova perspectiva do espaço. A Amazônia sempre esteve presente no imaginário universal pelos elementos mágicos atribuídos a ela pelos viajantes que buscavam ambientes e seres misteriosos no seu interior, mas a realidade extremamente hostil, as condições precárias de trabalho e o clima adverso transformaram a sua representação de espaço paradisíaco em verdadeiro inferno. Gutiérrez (2010, p. 79), ao evidenciar a preocupação e incertezas na viagem, afirma que “viajar pela Amazônia, rama a rama, barco a barco, requer esforço, um exercício diário, uma vontade tenaz de deixar-se levar até algo maior e desconhecido³²”.

³² “Viajar por la Amazonia, rama a rama, barco a barco, requiere un esfuerzo, un ejercicio diario, una voluntad tenaz de dejarse llevar hacia algo mayor y desconocido³²” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 79).

Nesse contexto, associada à visão edênica da exuberância da natureza brasileira, aparece a posição “infernista”, que, no caso da Amazônia, divulga o contraponto ao edenismo. A expressão Inferno Verde, cunhada por Euclides da Cunha no início do século XX, evidencia a postura naturalista, estética predominante no momento histórico, em detrimento da visão romântica que, com espírito ufanista, exaltava os aspectos positivos desse ambiente inóspito. Essa ideia é usada com veemência sempre que existe a intenção de transmitir a imagem da selva amazônica como problemática e traiçoeira (ESTEVES, 2007).

Um bom exemplo de representação desse mito é encontrado na narrativa de Gutiérrez. O viajante indica que a cidade de Manaus lhe causa sentimentos conflitantes, ao mesmo tempo em que fascina, também inspira horror. Essa afirmação é baseada em um período importante para a história brasileira e, principalmente, para as cidades amazônicas, pois elas viveram de perto as glórias e consequências relacionadas à extração e comercialização do látex durante a *Belle Époque* Selvática.

Durante esse período, a matéria-prima para a borracha descoberta no Brasil tornou-se produto de grande valor comercial e promoveu o desenvolvimento de cidades amazônicas, do Pará até o território pertencente ao atual estado do Acre, tendo as cidades europeias como referência. De acordo com Esteves (1993), as informações sobre o látex foram enviadas à Europa pelo cientista francês La Condamine, que esteve na região entre 1736 e 1742. Porém, apenas no século XIX, com a valorização da borracha para uso comercial, teve início a nova fase de ocupação da Amazônia e o surgimento da crença na prosperidade e progresso material. Pela leitura histórica de Gutiérrez, a cidade de Manaus crescia repleta de

Luxo, prosperidade e exaltação. Putas, libras e champanhe. As amplas avenidas da cidade dançavam o sonho do progresso sobre pântanos enterrados. Os paralelepípedos eram trazidos de Portugal. E nada do que havia no mundo, por mais distante e inacessível que fosse, resistiu ao capricho dos endinheirados³³ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 25).

Para que o trunfo da sociedade burguesa fosse concretizado, foi necessário o incentivo da migração para a exploração da borracha, visto que a mão de obra local era insuficiente. Esteves (1993) indica que a população na região aumentou consideravelmente na época, passando de cem mil habitantes no início do século para trezentas mil em 1870, setecentas mil no período finissecular e ultrapassando o número de um milhão em 1910. Porém, essas pessoas, que partiram para o interior da floresta com a esperança de ascender

³³ “Lujo, prosperidad y exaltación. Putas, libras y champán. Las amplias avenidas de la ciudad bailaban el sueño del progreso sobre pantanos enterrados. Los adoquines se traían de Portugal. Y nada cuanto había en el mundo, por muy lejano e inaccesible que fuese, se resistía al capricho de los acaudalados” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 25).

socialmente com a extração do látex, não obtiveram sucesso na empreitada, notabilizando que o capital advindo do Ouro Negro estava destinado somente aos grandes empresários da borracha.

O trabalho, nesses locais, estava baseado em uma hierarquia intransponível: o seringueiro era obrigado a vender o fruto do seu trabalho por um valor irrisório, enquanto o patrão lucrava com o grande potencial da matéria-prima extraída das seringueiras. Por esse motivo, o trabalhador estava sempre em dívida com o seu empregador e não podia abandonar o local de trabalho. Esteves (1993) atesta que as pessoas não tinham saída e dificilmente teriam sucesso em uma eventual fuga, visto que seriam caçadas como animais selvagens ou corriam o risco de morrer de malária, febre amarela ou até mesmo pelo ataque de animais ferozes. Gutiérrez resalta os problemas enfrentados pelos seringueiros, afirmando que

A esplêndida e legendária Amazônia, como não poderia deixar de ser, teve um lado sinistro: a *Belle Époque* transformou a selva em uma fábrica de escravos. Os seringueiros, como os extratores da seringa eram conhecidos no Brasil, instalavam-se longe da cidade. E seu isolamento, sem conexões nem possibilidades de saída, entravam em um túnel sem saída. O conceito de salário não existia. Dessa realidade sangrenta, dessa tórrida realidade sem saída, fugia o nordestino de Vázquez-Figueroa. E o protagonista de *La Vorágine*, de José Eustasio Rivera ³⁴ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 25).

Não bastasse o lado negativo desse ambiente inóspito e o caráter monstruoso que o ser humano pode adquirir quando nele inserido, a floresta por si própria gera graves problemas, devido ao clima tropical hostil, às enfermidades e aos animais selvagens. Toda essa descrição faz com que o progresso superficial de cidades e pessoas durante o período seja deixado em segundo plano, enquanto os grandes problemas sociais e realidade infernal da floresta são ressaltados.

A oposição à imagem idílica também fica evidente em outro episódio histórico que está vinculado à ascensão da borracha como produto brasileiro comercializável. Para que a matéria-prima fosse exportada, idealizou-se a construção de uma ferrovia que ligasse os trechos navegáveis do Mamoré ao Madeira, possibilitando o escoamento da borracha boliviana e brasileira pelo porto de Belém. De acordo com informações apresentadas por Esteves (1993), a construção dessa ferrovia teve início no ano de 1872, foi interrompida

³⁴ “La Amazonia espléndida y legendaria, como no podía ser de otra forma, tuvo un lado siniestro: la Belle Époque transformó la jungla en una fábrica de esclavos. Los *seringueiros*, como se conocía en Brasil a los extractores de la *seringa* (caucho), se instalaban lejos de la ciudad. Y su aislamiento, sin conexiones ni posibilidad de salida, entraban en un túnel sin salida. El concepto de salario no existía. De esa realidad sangrienta, de esa tórrida realidad sin salida, huía el Nordestino de Vázquez-Figueroa. Y el protagonista de *La Vorágine*, de José Eustasio Rivera” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 25).

pouco depois e reiniciada em 1879, porém nunca chegou a ser concluída, devido à falência da empresa estadunidense responsável pela obra.

Os trilhos da ferrovia Madeira-Mamoré deveriam ser construídos sobre uma área de quase 400 quilômetros em meio à selva amazônica, extremamente inóspita e habitada por índios que se rebelavam contra a obra. Mesmo com o avanço na engenharia na época, as condições locais continuaram as mesmas: o clima, as doenças e os perigos geraram números assustadores de mortos. Nart indica em seu relato que a ferrovia se constitui de “Trezentos e sessenta e quatro quilômetros de linha férrea construída morto a morto. Estima-se que mais de quatro mil trabalhadores pereceram pela malária, febre amarela, desespero. A estatística é implacável: mais de dez mortos por quilômetro³⁵ (NART, 2002, p. 139).

Mesmo com os problemas, a “Ferrovia dos Mortos” foi concluída em 1912, quando o comércio da borracha iniciava seu período de decadência. Devido ao investimento britânico na importação do látex da Malásia, a matéria-prima brasileira não era mais rentável.

Ironias da história: essa linha férrea pela qual a Bolívia renunciou (ou a fizeram renunciar) ao imenso estado do Acre, essa teórica saída ao oceano Atlântico para a apreciada borracha boliviana se tornou radicalmente inútil um ano depois da sua inauguração³⁶ (NART, 2002, p. 139).

A ferrovia, que levou cinquenta anos para ser construída, foi completamente desativada menos de meio século após sua inauguração, restando atualmente um trecho de quinze quilômetros ligando as cidades de Porto Velho a Santo Antônio, preservado como parte do Museu da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, descrito como um grande “cemitério de ferro, de indústria, de projetos. De homens³⁷” (NART, 2002, p. 140).

Superando os acontecimentos históricos, encontramos indicações de que ainda hoje as pessoas passam por situações complicadas no interior no Brasil. O seguinte excerto apresenta uma visão dos sabores e comidas ingeridas durante um trajeto realizado de barco. Não diagnosticamos nela nenhuma idealização, mas, ao contrário, temos contato com os perigos que uma refeição pode simbolizar ao ser humano não acostumado a essa realidade específica.

³⁵ “Trescientos sesenta y cuatro kilómetros de tendido ferroviario construido muerto a muerto. Se calcula en más de cuatro mil el número de trabajadores que cayeran por la malaria, la fiebre amarilla, la desesperación. La estadística es implacable: más de diez muertos por kilómetro” (NART, 2002, p. 139).

³⁶ “Ironías de la historia: esa línea férrea por la que Bolivia renunció (o lo hicieron renunciar) al inmenso estado del Acre, esa teórica salida al océano Atlántico para el preciado caucho boliviano devino radicalmente inútil un año después de su inauguración” (NART, 2002, p. 139).

³⁷ “Cementerio de hierro, de industria, de proyectos. De hombres” (NART, 2002, p. 140).

Toc-toc, toc-toc. Alguém bate na porta. Toc-toc, *café da manhã*. Um jovem de olhos rasgados entra com uma bandeja cheia de comida. Não me recordava que o preço da passagem incluía a alimentação a bordo. Em um extremo do barco há um pequeno refeitório, uma sala onde os viajantes se amontoam nas horas das refeições. Desafio à consciência. O prato de ‘arroz com manchas’ (carne, banana frita, feijão) poderia acabar em uma grande diarreia. O homem é o único animal que tropeça na mesma pedra. Mas ninguém em sã consciência se arrisca a uma segunda diarreia amazônica que pode se transformar em semanas de dores intestinais. Há uns anos, um cardápio amazônico clássico (prato de arroz, feijão e carne) me deixou prostrado por dez dias. Meu estômago nunca foi o mesmo, perdeu músculos e força. Ao menor dos problemas, se ressentiu e sucumbe. Por isso prefiro me entregar a umas insignificantes bolachas, enquanto a Amazônia realiza frente aos meus olhos uma espetacular sinfonia verde de águas que sobem quase até as copas das árvores³⁸ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 53).

A propalada sociabilidade brasileira é uma das imagens mais populares quando se fala em turismo no país. Diretamente ligado a isso está o fato das pessoas se sentirem motivadas a ampliar seus horizontes sobre a nova cultura e conhecer novos sabores. A culinária tradicional de um país é formada também por escolhas baseadas em preceitos climáticos, funcionando, assim, como uma característica da identidade da região. Os gostos alimentares de um povo são resultado da relação que se tem com o que foi aprendido culturalmente e, por isso, variam de acordo com o tempo e espaço. Por esse motivo é natural que os estrangeiros não consigam se adaptar facilmente a uma nova realidade gastronômica, fazendo com que, muitas vezes, tenham problemas digestivos.

Ainda levando em consideração o relato de Gutiérrez, percebemos que o viajante também olha para a realidade dos brasileiros ao considerar os problemas alimentares dessa população. Dessa forma partimos de uma análise restrita do estrangeiro para considerar uma questão de saúde pública enfrentada pelo coletivo, posição que evidencia que o Paraíso de alguns é um Inferno para muitos.

No posto de saúde, João Batista, o enfermeiro, aplica a fórmula “copo meio cheio” para analisar a situação. Primeiro o lado bom: ainda não há AIDS, os medicamentos que chegam da cidade não acabam tanto como em outras aldeias. João esclarece que gosta mais de trabalhar na prevenção do que com a medicina curativa. A lista de problemas, no entanto, não é curta. As diarreias, provocadas por uma alimentação

³⁸ “Toc-toc, toc-toc. Alguien llama a la puerta. Toc-toc, *café da manhã*. El desayuno. Un joven de ojos rasgados entra con una bandeja llena de comida. No recordaba que el precio del billete incluía la alimentación a bordo. En un extremo del barco hay un pequeño comedor, una sala donde los viajeros se apilontonan en las horas de las comidas. Recuso a consciencia. El plato de arroz con manchas (carne, plátano frito, frijoles) podría acabar en una sonora diarrea. El hombre es el único animal que tropieza con la misma piedra. Pero nadie en su sano juicio se arriesga a una segunda diarreia amazónica que puede transformarse en semanas de dolores intestinales. Hace unos años, un menú amazónico clásico (plato de arroz, frijoles y carne) me dejó diez días postrados. Mi estómago nunca fue el mismo, perdió músculos y fortaleza. A la mínima, se resiente y sucumbe. Por eso prefiero entregarme a unas galletas anodinas, mientras la Amazonia despliega ante mis ojos una espectacular sinfonía verde de aguas que trepan casi hasta las copas de los árboles” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 53).

inadequada, águas contaminadas ou alimentos em mau estado, são frequentes³⁹ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 80).

Essa posição crítica direcionada aos problemas alimentares enfrentados pela população em geral não aparece nos relatos de Javier Nart. Muito pelo contrário, encontramos muitas vezes ressaltada as qualidades da culinária, juntamente com a exotividade e fartura brasileira, ideia que também se assoma à posição ideológica do viajante quanto às questões ecológicas, visto que o potencial do bovino também é ressaltado no seguinte trecho.

Em Bonito, Laia e eu caímos pela primeira vez, como abutres famintos, na maravilha da gastronomia brasileira que é o rodízio: uma cadeia ininterrupta de garçons que vão apresentando e cortando carne assada na grelha. A vaca em todas as suas variedades, até que você se renda colocando um cartão vermelho sobre a mesa, o que indica que já não pode ingerir nem mais um centímetro cúbico⁴⁰ (NART, 2002, p. 24).

Para além da carne, o viajante resalta “as mil variedades de saladas oferecidas pelo fecundo campo brasileiro. Todas as frutas que a imaginação pode alcançar. O café e um trago de cachaça, aguardente de cana, que te reconcilia contigo mesmo e com o mundo⁴¹” (NART, 2002, p. 25), evidenciando o caráter paradisíaco, a fertilidade e as diversas riquezas que a nova terra pode proporcionar.

Diante da análise direcionada ao espaço brasileiro, precisamos pensar também na importância e na representação dos habitantes desta terra, traçando um paralelo entre a interferência do local na vida das pessoas e a forma como esses habitantes, muitas vezes incorporados na mesma categoria do espaço, acabam sendo vistos e descritos pelos viajantes estrangeiros.

³⁹ “En el *posto de saúde*, João Batista, el enfermero, aplica la fórmula ‘vaso medio lleno’ para analizar la situación. Primero lo bueno: todavía no hay sida, las medicinas que llegan de la ciudad no escasean tanto como en otras aldeas. João matiza que le gusta más trabajar en la prevención que con la medicina curativa. La lista de problemas, sin embargo, no es corta. Las diarreas, provocadas por una alimentación inadecuada, aguas contaminadas o alimentos en mal estado, son frecuentes” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 80).

⁴⁰ En Bonito, Laia y yo caímos por primera vez, como buitres hambrientos, en esa maravilla de la gastronomía brasileña que es el *rodízio*: una cadena ininterrumpida de camareros que te van presentando y cortando carne asada a la parrilla. La vaca en todas sus variedades, hasta que te rindes colocando una tarjeta roja sobre la mesa, lo que indica que ya no puedes ingerir ni un centímetro cúbico más (NART, 2002, p. 24).

⁴¹ “las mil variedades de ensaladas que ofrece la feraz campiña brasileña. Todas las frutas que la imaginación alcance. El café y un trallazo de *cachaça*, aguardiente de caña, que te reconcilia contigo mismo y con el mundo⁴¹” (NART, 2002, p. 25).

2.3 - AS IMAGENS DOS BRASILEIROS

Associada à visão edênica da natureza está a imagem construída do brasileiro como seres humanos ao qual se aplicam as características da própria terra. Inicialmente os nativos originais eram representados como uma espécie de bons selvagens, corrompidos pela sociedade e pela civilização trazida pelos colonizadores. Essas representações se transformaram e se generalizaram, criando o imagotipo do homem cordial, amplamente determinado pelas emoções, pela subjetividade e pelo coração (RAMOS, 2007).

Tratando da primeira generalização do brasileiro, consideramos a imagem idealizada do nativo como parte da terra, tendo a sua identidade traçada por características imanentes do local em que se vive. Podemos encontrar, no relato de Nart, um bom exemplo desse imagotipo quando o narrador descreve os indivíduos que fazem parte do ambiente pantaneiro. Os habitantes desse lugar especial também são retratados como detentores de poderes sobre-humanos. Nas palavras do autor,

Suas vidas se adaptam às estações, à natureza: seis meses de chuvas, seis meses de seca, dedicados ao pastoreio do rebanho de que vivem, com o qual vivem. Gente hospitaleira, excessivamente hospitaleira diria eu, quando, rito obrigatório e contínuo, oferecem sua bebida nacional, o tereré, imitação do muito amargo mate argentino e uruguaio. Tereré que, se não quiser passar como grosseiro, terá que beber agradecendo hipocritamente o convite⁴² (NART, 2002, p. 34).

Percebemos que, na visão do viajante, assim como o bom selvagem, o bom “pantaneiro é um ser humano plenamente integrado ao ambiente⁴³” (NART, 2002, p. 33), que se adapta ao clima (seis meses de chuva e seis meses de seca). Além disso, esses seres hospitaleiros, bebedores de tereré, possuem habilidades com o manejo de equinos e não conseguem controlar seus instintos sexuais, visto que precisam encontrar meios de saciar as necessidades em meio às expedições, fatos que evidenciam que, na visão do estrangeiro, o animal e a animalidade se encontram no interior do Brasil. Ainda é preciso ressaltar que a cultura do tereré é considerada de pouco valor, demonstrando a posição de superioridade do viajante em comparação aos nativos.

É possível comparar essa aproximação entre o ser humano e o animal feito pelo narrador com as descrições clássicas dos nativos americanos, visto que eles sempre foram

⁴² “Sus vidas se adaptan a las estaciones, a la naturaleza: seis meses de lluvias, seis meses de sequía, dedicados al pastoreo del ganado del que viven, con quien viven. Gentes hospitalarias, excesivamente hospitalarias diría yo, cuando, rito obligado y continuo, te ofrecen su bebida nacional, el “terere”, trasunto del muy amargo mate argentino y uruguayo. Terere que, si no quieres quedar como un grosero, has de beber agradeciendo hipócritamente la invitación” (NART, 2002, p. 34).

⁴³ “*pantaneiro* es un ser humano plenamente integrado en su entorno” (NART, 2002, p. 33).

apresentados a partir de duas generalizações: 1. Como seres felizes, que gozam de boa saúde e de vitalidade; 2. Como seres animais, sempre prontos a devorar outro ser humano na sua integralidade (GOMES, 2007). Por essa perspectiva, entramos em contato com um paradoxo dualista e simplificador do não-branco, que se configura como uma violência simbólica, utilizada pelas civilizações hegemônicas na suas colonizações camufladas.

A designação “bom selvagem”, popularizada por Jean-Jacques Rousseau na obra *O Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens* (1754), se opõe ao mau selvagem. Esse paradoxo claramente se configura como construções não pormenorizadas, pautadas nos estereótipos e simplificações utilizadas desde que os europeus aqui chegaram, criando imagotipos difundidos até hoje na literatura, como provado na citação anterior. A ausência de discussões ou reflexões sobre essas generalizações corrobora a visão edênica da América, gerando paz para a existência da sociedade ocidental, que vê sua suposta superioridade garantida frente aos outros coletivos humanos.

Importante enfatizar que essa realidade não pode ser generalizada. Gutiérrez (2010, p. 94), por exemplo, considera “curioso comprovar que alguns dos grandes pensadores do Ocidente flertaram com a ideia do bom selvagem. O indígena como ser ideal, com o-inocente-antes-da-corrupção⁴⁴”. Essa curiosidade se dá pelo fato do narrador considerar os problemas enfrentados pelos brasileiros em geral. O viajante afirma ainda que “o bom selvagem, com exceção para os intelectuais europeus e alguns sacerdotes católicos, nunca existiu no Ocidente. Nem sequer para esse Quase-Ocidente de sangue híbrido e colorido que é o Brasil⁴⁵” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 96). Esse excerto confirma a imagem construída pelo viés social, buscando discutir o caráter marginal dessa sociedade que não tem suas necessidades avaliadas pelo governo e que se configura como “o bom selvagem tingido com o sangue da violência⁴⁶” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 97), o indígena que tem o corpo e a alma marcada pelas práticas pouco ortodoxas de governos que valorizam os diversos grupos capitalistas que exploram as riquezas naturais em detrimento das culturas tradicionais.

Apesar de apresentar muitas vezes uma posição sensata sobre as diversas sociedades amazônicas, Gutiérrez não consegue se desvincular totalmente do imagotipo por ele discutido, quando, por exemplo, indica que

⁴⁴ “curioso comprobar que algunos de los grandes pensadores de Occidente flirtearon con la idea del buen salvaje. El indígena como ser ideal, como el-inocente-antes-de-la-corrupción” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 94).

⁴⁵ “el buen salvaje, salvo para los intelectuales europeos y algunos sacerdotes católicos, nunca existió en el Occidente. Ni siquiera para ese Casi-Occidente de sangre híbrida y colorida que es Brasil (GUTIÉRREZ, 2010, p. 96).

⁴⁶ “El buen salvaje teñido de la sangre de la violencia” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 97).

Os habitantes da selva, em geral, ignoram completamente quem foi a primeira pessoa que desceu o rio. Poucos sabem quem foi Francisco de Orellana, o primeiro europeu que navegou o rio Amazonas em 1542. E inclusive desconhecem a lenda das guerreiras amazonas. Mas eles são a essência da Amazônia, entendem-na como ninguém⁴⁷ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 12).

Fica evidente no trecho citado que os habitantes da floresta não possuem conhecimento histórico relativo à sua própria realidade, nem sobre as construções imagotípicas desenvolvidas sobre o ambiente e pessoas locais, porém conhece como ninguém a essência amazônica, possui uma sabedoria inata, um poder sobrenatural de adaptação e sobrevivência na selva. Os saberes valorizados não são aqueles construídos pelo branco invasor, mas a sabedoria passada de geração a geração. Essa afirmação pode até ser considerada realística em uma análise superficial, visto que ainda encontramos nessas realidades a transmissão oral de conhecimento, porém se torna discutível por inferir que o conhecimento é adquirido naturalmente, só pelo fato de pertencer ao lugar.

Nessa perspectiva, Nart também apresenta opiniões genéricas, como nas conversas com um professor, chamado Edison Sousa, nas quais afirma que ele, assim como “todos brasileiros, era um apaixonado por seu país⁴⁸” (NART, 2002, p. 37). Essa afirmação deve ser questionada, uma vez que essa nação apresenta milhões de habitantes e suas subjetividades devem ser consideradas. Essa conclusão do narrador foi desenvolvida a partir da imagem do brasileiro como seres humanos que sempre carregam um sorriso no rosto, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Até a morte. Tal imagem é levada ao extremo quando, ao entrar em contato com um funeral, o viajante descreve o evento como uma festa, dizendo que “Ali ninguém chorava, todos cantavam e dançavam; todos menos o morto, claro⁴⁹” (NART, 2002, p. 287), indicando, como complemento ao seu pensamento, de que no Brasil até um enterro vira evento festivo.

Em outra situação, por um problema com o barco que inicialmente serviria de transporte entre Porto Velho e Manaus, Nart e sua filha precisam viajar em redes, situadas na área comum de outra embarcação. Por sua vez, os equipamentos que a dupla possuía não atendiam as necessidades climáticas e protetivas contra insetos. Por esse motivo, um brasileiro se oferece para comprar produtos adequados para que os dois realizem o trajeto com o mínimo de conforto. O sujeito cumpre o prometido, apesar dos receios e incertezas do

⁴⁷ Los habitantes de la jungla, en general, ignoran por completo quien fue la primera persona que bajó el río. Pocos saben quien fue Francisco de Orellana, el primer europeo que descendió el río Amazonas en 1542. E incluso desconocen la leyenda de las guerreras amazonas. Pero ellos son la esencia de la Amazonia, la entienden como nadie (GUTIÉRREZ, 2010, p. 12).

⁴⁸ “todos brasileños, era un enamorado de su país (NART, 2002, p. 37).

⁴⁹ “Allí no lloraba nadie, todos cantaban y bailaban; todos menos el muerto, claro” (NART, 2002, p. 287).

viajante espanhol. Diante desse fato, o narrador afirma que “No Brasil as relações humanas continuam sendo dignas de tal nome e a honestidade não é uma palavra oca⁵⁰” (NART, 2002, p. 148). Essa afirmação feita por uma pessoa que nitidamente recorre às generalizações porque não entende a complexidade e nem a diversidade humana, não valoriza a subjetividade da cultura brasileira e não lê as colunas políticas dos jornais, não conhece a história brasileira e a reconstrói segundo sua visão parcial e poluída da realidade.

Por conseguinte, nessa mesma viagem, ao perceber que poderia deixar a bagagem acessível a qualquer pessoa sem que seus bens fossem subtraídos, ele torna a afirmar que: “Estranho país este, onde a honradez não é uma palavra, mas uma prática habitual⁵¹” (NART, 2002, p. 157). A valorização dessas pessoas como disponíveis, bondosas, eficazes e honradas evidencia que o imagotipo do bom selvagem se mescla ao do homem cordial, gerando uma simplificação para os brasileiros em geral, não somente o indígena.

Ainda circulando pela mesma embarcação, o narrador indica que mesmo os brasileiros mais simples possuem características centradas na emoção: “Juro que no *São Antonio de Borja*, entre garimpeiros e camponeses, Laia e eu encontramos mais educação, respeito e dignidade do que em outros lugares de maior substância e estirpe⁵²” (NART, 2002, p. 158). A surpresa de Nart posiciona essas qualidades como próprias dos brancos-europeus, não imagináveis nesse povo mestiço, simplório, do interior do continente. Também devemos ressaltar nesse excerto a pouca preocupação com as informações prestadas pelo narrador, visto que o nome da embarcação por ele utilizada é na realidade Santo Antônio de Borba, famosa na região.

Fica evidente a aproximação e ao mesmo tempo um distanciamento promovido pelo narrador espanhol em oposição aos seres humanos por ele observados. Por um lado, diagnosticamos a distribuição de características nobres aos brasileiros, mestiços por natureza, promovendo um embranquecimento populacional. Concomitantemente, há o distanciamento entre as duas sociedades, visto que essas características são apontadas com surpresa, evidenciando, mais uma vez, o caráter exótico atribuído a essas pessoas.

É preciso ressaltar que essa atitude de exaltação da cultura alheia se configura como uma estratégia de dominação, excedendo o plano estilístico ou narrativo. Todorov (1983) afirma que compreender a possível superioridade de um povo, exaltando características

⁵⁰ “En Brasil las relaciones humanas siguen aún siendo dignas de tal nombre y la honestidad no es una palabra hueca” (NART, 2002, p. 148).

⁵¹ “Extraño país este, donde la honradez no es una palabra sino una práctica habitual” (NART, 2002, p. 157).

⁵² “Juro que en el *São Antonio de Borja*, entre buscadores de oro y campesinos, Laia y yo encontramos más educación, respeto e dignidad que en otros lugares de mayor enjundia y alcurnia” (NART, 2002, p. 158).

positivas, não impediu a conquista e a destruição da civilização e da sociedade mexicana original, realizada por Hernán Cortéz. Essa mesma atitude é observada, em menor nível, em Javier Nart, pois, ao atribuir, generosamente, qualidades louváveis aos habitantes do país visitado, não abandona seu ponto de vista eurocêntrico, uma vez que mostra interesse pela cultura local, mas se mantém completamente estrangeiro a ela.

Além dos espaços urbanos da floresta, os dois viajantes evidenciam que o espaço amazônico ainda abriga diversos grupos indígenas, mesmo após séculos de extermínio. Ambos os livros discutem, cada qual ao seu modo, essa questão. Os grupos remanescentes são protegidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão indigenista ligado ao governo federal que tem como intenção o promover de estudos e desenvolvimento de políticas públicas que auxiliem na proteção e manutenção da cultura dos povos originais brasileiros. Nas palavras de Nart, a instituição “herdeira do Serviço de Proteção criado pelo militar e apóstolo indigenista Cândido Rondon, com mais vocação e dedicação do que meios, faz o que pode e quando pode para preservar a cultura e o habitat indígena (NART, 2002, p. 273)⁵³”.

Ainda na visão desse viajante-narrador, a única maneira de evitar que o índio entre em contato com a modernidade seria a partir do seu isolamento completo. No entanto, entende que essa prática é totalmente impossível de ser concretizada, tendo em vista que, neste mundo globalizado, os seres humanos estão em constante contato e as informações penetram todo e qualquer território, podendo atingir qualquer público, por mais isolado que ele esteja:

A FUNAI é plenamente consciente da extrema fragilidade da cultura indígena e dos próprios índios. Este isolamento, esta quarentena sociocultural não é senão pão para hoje, escasso pão, e fome para amanhã. É impossível evitar os contatos, por episódicos que sejam, entre as civilizações neolíticas e a descomunal pujança do Brasil moderno. A televisão, o rádio, as publicações e as viagens apresentam aos olhos dos jovens o reflexo de um mundo surpreendente em que tudo é fácil, imediato, extraordinário⁵⁴ (NART, 2002, p. 273).

A televisão e todos os meios de comunicação direcionados às massas são apresentados como um dos mecanismos mais eficazes na propagação de modelos de vida e parte fundamental nesse fenômeno de contato entre diferentes culturas. Esse contato com o

⁵³ “La Fundación Nacional del Indio, heredera del Servicio de Protección creado por el militar y apóstol indigenista Cândido Rondón, con más vocación y dedicación que medios, hace lo que puede cuando puede hacerlo, para preservar la cultura, el hábitat indígena” (NART, 2002, p. 273).

⁵⁴ “La FUNAI es plenamente consciente de la extremada fragilidad de la cultura indígena, de los propios indios. Este aislamiento, esta cuarentena socio-cultural, no es sino pan para hoy, escaso pan, y hambre para mañana. Es imposible evitar los contactos, por episódicos que sean, entre las civilizaciones neolíticas y la descomunal pujanza del Brasil moderno. La televisión, la radio, las publicaciones y los viajes presentan a los ojos de los jóvenes el espejismo de un mundo sorprendente en el que todo es fácil, inmediato, extraordinario” (NART, 2002, p. 273 e 274).

mundo exterior promove a relação entre os indivíduos de todas as classes, raças e religiões com modelos midiáticos, fazendo com que eles se vejam pressionados a adequar-se aos moldes cada vez mais padronizados na sociedade.

Nesse contexto, Nart sugere que o fenômeno da aculturação “paira sobre o horizonte dos índios amazônicos como os abutres sobre a carniça⁵⁵” (NART, 2002, p. 274). Analisando essa afirmação, percebemos que o turista espanhol utiliza o conceito de aculturação como o processo de perda total da identidade indígena, que ocorreria pelo seu contato contínuo com grupos ou indivíduos de diferentes contextos sócio-históricos. Recuperando o argumento sobre a fragilidade da cultura indígena apresentado no excerto anterior, entendemos que o autor reproduz a ideologia ocidental ao apresentar os povos indígenas como seres indefesos e frágeis e que, por esse motivo, correm o risco de perder suas características identitárias, seus traços distintivos e a essência cultural.

Esse tipo de argumento de que o indígena deve manter certo isolamento para resguardar os seus costumes originais sempre foi utilizado como justificativa para a dominação pelos colonizadores, como, por exemplo, na criação de espaços reservados que, na maior parte das vezes, configura-se em depósitos de pessoas e locais onde os indígenas não têm as condições mínimas de viver com dignidade. Nessa linha de raciocínio, percebemos que a sociedade pode ser dividida em dois grupos: os indivíduos que possuem uma cultura passível de ser compartilhada e outro grupo inferior que seria o receptor digno e necessário do conhecimento, das normas, das crenças e dos valores dominantes.

A interação entre povos pode ser encontrada em diferentes momentos da história da humanidade. Podemos nos remeter ao período das grandes navegações, momento em que diversas culturas e sistemas sociais interagiram e mantiveram relações comerciais. Isso proporcionou ao ser humano o contato com diversas culturas, seja ele no papel de dominante ou de dominado. Durante a colonização da América, os espanhóis e os portugueses invadiram as terras já habitadas pelas populações indígenas e impuseram sua língua, a religião e seus costumes, um processo que sempre se apoiou na barbárie e extrema violência, dizimando povos que carregavam culturas milenares.

Na obra *Literatura e Cultura na América Latina*, Angel Rama (2001) defende, a partir de Ortiz (1940), que a transculturação é o termo que melhor define o processo relacional entre duas culturas. O autor aborda em seu livro três níveis para demonstrar como esse processo ocorre no âmbito da literatura. Segundo ele, esse processo se dá pelos níveis

⁵⁵ “planea sobre el horizonte de los indios amazónicos como los buitres sobre la carroña” (NART, 2002, p. 274).

linguísticos, da composição literária e dos significados: “Em qualquer um desses três níveis (...) pode-se comprovar que os produtos resultantes do contato cultural, nesse plano narrativo, não podem se parecer com as criações da modernização urbana nem com o regionalismo” (RAMA, 2001, p. 224). Ou seja, o resultado desse contato entre culturas, entre o regional e o moderno, gerará um produto, dentro do plano narrativo, que pode não parecer com nenhum dos dois pontos dessa zona de contato. Esse produto será híbrido, uma vez que carregará as características de duas culturas distintas.

Nesse contexto, percebemos que, apesar de toda violência imperial e diante das constantes imposições culturais, os grupos dominados resistiram a toda opressão e ainda hoje sobrevivem na Amazônia, graças às ações de grupos defensores das causas indígenas, nos últimos anos. Para discutir essa questão, Nart recorre ao discurso de quem ele considera uma das maiores autoridades para falar sobre a defesa dos povos indígenas e a demarcação das suas terras:

Sidney Possuelo, o último e demitido presidente da FUNAI, discípulo dos míticos irmãos Vilas-Boas, antropólogos brasileiros de reconhecido prestígio, emulo do marechal Cândido Rondon, que reconheceu sua impotência na gestão, impossível gestão, de quase um milhão de quilômetros quadrados, dez por cento do território nacional teoricamente determinado como território indígena. Reservas ‘intocáveis’ submetidas à pressão dos interesses estratégicos dos militares, dos interesses econômicos das empresas, das explorações florestais e minerais⁵⁶ (NART, 2002, p. 275).

Percebemos que o personagem é elevado ao patamar de mito, tornado parte de uma família de heróis, colocado no mesmo nível de vários nomes importantes para a história indígena no Brasil, porém seu trabalho não pode ser concretizado, visto que os marcos territoriais não são respeitados. Através da modalização no adjetivo referente ao termo “reservas”, observamos que as terras destinadas aos indígenas são fortemente disputadas por poderosos grupos que fazem parte da sociedade. Esse espaço é invadido por militares, que utilizam como pretexto a necessidade de proteger as áreas fronteiriças, evitando possíveis ataques terroristas, e pelos empresários, que veem nessas terras a possibilidade de lucro, tendo em vista que elas muitas vezes apresentam alto potencial econômico na extração das riquezas naturais.

⁵⁶ “Sidney Possuelo, el último y dimitido presidente de la FUNAI, discípulo de los míticos hermanos Vilas-Boas, antropólogos brasileños de reconocido prestigio, emulo del mariscal Cândido Rondón, que reconoció su impotencia en la gestión, imposible gestión, del casi millón de kilómetros cuadrados, diez por ciento del territorio nacional teóricamente determinado como territorio indígena. Reservas ‘intocables’ sometidas a la presión de los intereses estratégicos de los militares, de los intereses económicos de las empresas, de las explotaciones forestales y mineras” (NART, 2002, p. 275).

Sydney Possuelo, mesmo tendo seu nome grafado com um pequeno erro, o que demonstra pouco aprofundamento nas pesquisas e alguma imprecisão nas informações apresentadas na obra, é reconhecido pelo narrador como uma voz autorizada a falar pelos indígenas. Ao nos depararmos com informação apresentadas em primeira pessoa, através das falas do antropólogo brasileiro inseridas no texto, entramos em contato com uma posição lúcida sobre questões concernentes à natural e incessante transformação humana, inclusive a do indígena.

“Os índios são bons quando se defendem e maus quando têm um comportamento como o nosso. Apesar das decepções, apesar de eu muitas vezes me dizer ‘dez anos de trabalho e nada mudou’, logo vi que certas coisas mudaram ao fim de vinte anos. Quem sabe como evoluirão em outros vinte, trinta ou cinquenta anos? Os indígenas sobreviverão. Mudarão. Uma cultura não é algo imóvel, é um processo em constante transformação. Vocês não são norte-americanos ainda que bebam Coca-Cola e viagem de Boeing. São espanhóis. O mesmo acontecerá com os indígenas⁵⁷” (NART, 2002, p. 276).

É evidente que essas imagens que representam de forma positiva os indígenas que se defendem e negativa os que se assemelham ao branco são construídas por um sujeito preocupado com as questões sociais desses povos e atuante na política de integração e proteção dessa população. Outra informação apresentada é a de que o indígena não consegue se desvincular dos aspectos da cultura global, porém, mesmo sabendo desse contato, a identidade não se dissolve totalmente dando lugar a outros aspectos culturais adquiridos, esses indivíduos, ao contrário, reformulam suas identidades por meio do contato e das relações com o *outro*, em uma constante relação de troca de informações e características culturais. Nesse contexto, observamos que os grupos indígenas amazônicos mantêm suas culturas e resistem até certo ponto às imposições ocidentais, porém, naturalmente, entram em contato com aspectos da cultura do branco e constroem algo híbrido, uma mescla entre as características locais e as globais.

Mota (2014, p. 7) corrobora com a teoria supracitada ao afirmar que “as populações humanas edificam suas culturas não no isolamento, mas nas suas relações socioculturais e recíprocas”. Recuperando os pressupostos de Pratt (1999), entendemos a existência de um local de interação em que os sujeitos de diferentes culturas cruzam suas experiências em um

⁵⁷ “Los indios son buenos cuando ellos se defienden y malos cuando tienen un comportamiento como el nuestro. A pesar de las decepciones, a pesar de que yo muchas veces me he dicho ‘diez años de trabajo y nada ha cambiado’, luego he visto que ciertas cosas han cambiado al cabo de veinte años. ¿Quién sabe cómo evolucionarán en otros veinte, treinta o cincuenta años? Los indígenas sobrevivirán. Cambiarán. Una cultura no es algo inmóvil, es un proceso en constante transformación. Ustedes no son norteamericanos aunque beban Coca-Cola y viajen en Boeing. Son españoles. Lo mismo pasará con los indígenas” (NART, 2002, p. 276).

processo mais ou menos harmonioso. Nesse sentido, a cultura pode ser entendida como tudo aquilo que é experienciado e vivido por um indivíduo que carrega uma bagagem biológica e social adquirida no decorrer da sua existência. Esse processo contínuo de mudança, realizada através de uma sucessão de trocas, assimilações e transformações de conhecimentos, valores, normas, símbolos, crenças, é construído a partir da relação dos indivíduos com o meio em que vive. Em resumo, concluímos que a cultura não é estática e a identidade é construída por esse sucessivo jogo de aprendizagem.

Baseados nessas considerações, percebemos que a imagem do indígena é apresentada de forma coerente e sensata na obra analisada, justamente porque o discurso dos narradores, neste caso Nart, é sustentado por uma voz que apresenta alguma autoridade no assunto. A partir das opiniões expressadas por Sydney Possuelo e reproduzidas pelo narrador, entendemos o processo de transculturação pelo qual passa todos os indivíduos inseridos em uma sociedade, inclusive a população indígena.

No caso de Gutiérrez, a questão do indígena é abordada por essa mesma linha de pensamento, mas de maneira bem mais crítica. Ao descrever sua passagem por Manaus e o encontro com o cacique Luiz, o jornalista informa que, ao mesmo tempo em que a sociedade natural absorve a influência da modernidade, esse homem, exemplo de morador do Bairro Redenção, uma favela indígena que não figura em nenhum mapa, se alegra por saber que a sua cultura está sendo transmitida aos mais jovens, com a ajuda de um professor que ensina na língua do seu povo. A educação tradicional indígena se apresenta como um ato de resistência frente à repressão agressiva das línguas e culturas europeias apresentadas como norma social, evidenciando que cultura ocidental não é totalmente absorvida pelos nativos.

A comunidade liderada pelo cacique Luiz dispõe de “Algumas garrafas de Coca-Cola de dois litros vazias, vasilhas de cerâmica, roupa pendurada em cordas pouco esticadas, lâmpadas desencapadas penduradas na lona⁵⁸” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 18), enquanto “Os habitantes vestem camisetas rasgadas, sandálias havaianas⁵⁹” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 18). Através dessas descrições podemos criar a imagem pobre desse povo que luta para sobreviver e precisa utilizar diferentes estratégias para conseguir algum dinheiro e resolver os muitos problemas enfrentados. Buscando a verossimilhança nesse retrato importante, o autor abre espaço na narrativa para que Miryhu Mawé e o seu companheiro Luiz falem sobre os

⁵⁸ “Algunas botellas de Coca-Cola de dos litros vacías, tiestos de cerámica, ropa colgada en cuerdas poco tensas, bombillas desnudas que penden de la lona” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 18)

⁵⁹ “Los habitantes visten camisetas rasgadas, sandalias havaianas” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 18).

problemas enfrentados pela comunidade indígena, indicando que os fatos são apresentados com propriedade e precisão pelos personagens que vivem essa realidade:

Miryhu, mãe de seis filhos, narra a história que não a deixa dormir. Há alguns meses, a Polícia Militar invadiu um assentamento indígena, no quilômetro II da rodovia Manaus-Itacoatiara. A comunidade, segundo Miryhu, tinha os títulos de propriedade. “Mas começaram a nos golpear, a nos massacrar, rindo. Algumas pessoas foram torturadas. Não quiseram algemar todos. Um dos policiais nos disse que não damos benefícios ao governo”. O cacique Luiz, concordando com a cabeça, insiste nas surras dadas pelos policiais e traz à tona a hipocrisia política de Manaus: “Quando Serafim Corrêa, o atual prefeito, era candidato, se aproximou um dia e nos prometeu que solucionaria nossa situação e nos daria títulos de propriedade se ganhasse as eleições”⁶⁰ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 20).

Importante perceber que nesse momento o narrador deixa de falar pelos indígenas e abre espaço para que esses grupos excluídos apresentem suas próprias versões sobre as questões que dizem respeito a eles. Essa atitude é importante do ponto de vista dos estudos pós-coloniais, visto que rompe com a naturalizada posição de superioridade ocidental e com um modelo instituído de representação dos indivíduos do terceiro mundo, estabelecendo, assim, uma relação de troca entre grupos sociais distantes.

Outro destaque se dá pelo fato do narrador europeu permitir que uma mulher indígena expresse seus sentimentos e descontentamentos frente a um governo que não respeita as sociedades tradicionais. Uma mulher, pobre, não-branca e do terceiro mundo consegue transpor um silenciamento secular e assumir uma postura ativa de defesa dos direitos do seu grupo, expondo seus problemas, mesmo sendo atingida por vários níveis de colonização. É preciso enfatizar que a cor, a raça, a posição geográfica do sujeito e o momento histórico definem o que pode ser dito e quem tem o direito de dizer. Sendo assim, ao ouvir a voz de Miryhu entramos em contato com a visão dos vencidos que informam os traumas do momento, o sofrimento gerado pela violência.

Essa posição libertária colabora para a desconstrução da imagem do indígena como seres inocentes, pacíficos e obedientes. Essa imagem vem sendo propagada desde a chegada dos portugueses no Brasil, quando esses adjetivos serviam para qualificar os seus habitantes originais, representando-os como seres conformados, que se resignavam frente às

⁶⁰ “Miryhu, madre de seis hijos, narra la historia que no la deja dormir. Hace unos meses, la Policía Militar irrumpió en un asentamiento indígena, en el kilómetro II de la carretera Manaus-Itacoatiara. La comunidad, según Miryhu, tenía los títulos de propiedad. ‘Pero empezaron a golpearnos, a masacrarnos, riéndose. Algunas personas fueron torturadas. Nos quisieron esposar a todos. Uno de los policías nos dijo que no damos beneficios al gobierno’. El cacique Luiz, asintiendo con la cabeza, insiste en las palizas policiales y saca a relucir la hipocresía política de Manaus: ‘Cuando Serafim Corrêa, el actual alcalde, era candidato, se acercó un día aquí y nos prometió que si ganaba las elecciones, solucionaría nuestra situación y nos daría títulos de propiedad’” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 20).

humilhações impostas, renunciavam voluntariamente à sua existência cultural e aceitavam devotamente o sacrifício cristão.

De qualquer forma, parece existir, em diversos momentos do texto, uma tentativa de aproximação entre o viajante e os habitantes da terra visitada.

A palavra *indígena*, no dicionário da *Real Academia de la Lengua Española*, significa literalmente “originário do país de que se trata”. Provém do latim e é um adjetivo que “se aplica a pessoas”. Em teoria, todos somos indígenas, originários dos nossos países. Em português, o significado é quase idêntico: “Aquele que é natural do país em que se habita”. Com o tempo, o vocábulo *indígena* evoluiu para substantivo. Um indígena, dois indígenas. Indígenas. Geralmente, na América o vocábulo se aplica a povos ou raças diferentes da branca ou da negra ⁶¹ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 63).

O que podemos observar nesse excerto é que o narrador apresenta os conceitos para a palavra indígena e ao mesmo tempo busca estabelecer uma aproximação com esses indivíduos, principalmente ao dar ênfase ao significado da palavra como adjetivo. Nessa tentativa de buscar semelhanças entre o europeu e o americano, o colonizador e o colonizado, o autor traz para a atualidade um pensamento de defesa da diversidade, afirmando que todos os seres humanos se aproximam em determinados aspectos, todos eles devem ser livres independente do grau de civilização, raça, sexo e religião. Porém, em seguida, Gutiérrez (2010, p. 63) evidencia que “Quando os descobridores europeus chegaram ao continente, havia no Brasil entre cinco e seis milhões de indígenas⁶²”, apresentando ao leitor o fato de que a verdadeira diferença entre essas sociedades se dá na violência enfrentada pelos povos não-europeus, violência essa que teve início logo depois da chegada dos primeiros portugueses nestas terras. Na versão do autor,

O 23 de abril de 1500, um dia depois do português Pedro Álvares Cabral ter chegado por acidente ao Monte Pascoal, no sul da costa da Bahia, aconteceu o primeiro encontro entre os descobridores europeus e os povos indígenas da região. Cabral entregou a um líder tupiniquim um chapéu. Recebeu um cocar de plumas em troca. O que parecia um bom princípio de convivência se tornou um dos maiores

⁶¹ La palabra *indígena*, en el diccionario de la Real Academia de la Lengua Española, significa literalmente “originario del país de que se trata”. Proviene del latín y es un adjetivo que “se aplica a personas”. En teoría, todos somos indígenas, originarios de nuestros países. En portugués, el significado es casi idéntico: “Aquel que es natural del país en el que habita”. Con el tiempo, el vocablo *indígena* ha evolucionado sustantivo. Un indígena, dos indígenas. Indígenas. Generalmente, en América el vocablo se aplica a pueblos o razas diferentes a la blanca o a la negra (GUTIÉRREZ, 2010, p. 63).

⁶² “Cuando los descubridores europeos llegaron al continente, en Brasil había entre cinco y seis millones de indígenas” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 63).

genocídios da história. A caça do índio se estabeleceu como instituição conquistadora. E os portugueses arrasaram⁶³ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 63).

A consequência desses atos é a total *débâcle* de grupos indígenas que foram exterminados pela pólvora, pelas flechas untadas de curare, pelas doenças trazidas pelos europeus e pelo desgosto dos habitantes nativos. Ainda sob a perspectiva do narrador,

Das mais de trinta mil tribos que povoaram o atual território do Brasil a maioria foi exterminada e algumas, como a dos tapajós, omaguas, tupinambás ou manaus, não deixaram um único indivíduo sobre a face da terra. A exuberância de aldeias indígenas às margens dos rios que descrevia frei Gaspar de Carvajal desapareceu com rapidez⁶⁴ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 64).

Como dito anteriormente, especificamente no Brasil-colônia, houve a imposição, de forma violenta, por meio dos colonizadores portugueses, de suas regras culturais e normas, uma prática que ocorre até hoje no Brasil, entretando, de forma sutil e velada. Ferreira (1992) sintetiza essa ideia em seu livro intitulado *Conquista e colonização da América espanhola*, mostrando que “a conquista significou a destruição de suas civilizações, epidemias diversas, trabalhos forçados e fome que foram responsáveis por uma brutal queda demográfica num curto espaço de tempo” (FERREIRA, 1992, p. 9).

Por sua vez, em outros momentos da narrativa, entramos em contato com eventos específicos que nos fazem pensar em como os indígenas se apropriam dos imagotipos presentes em obras literárias e os ressimbolizam. Essas construções imagéticas externas são arquivadas no imaginário e começam a fazer parte também do interior do indivíduo que figura no centro dos processos generalizantes. Por esse motivo, a investigação imagológica dispõe do desdobramento do conceito de imagem em autoimagem e heteroimagem. Souza (2004, p. 105) assevera que “autoimagem refere-se à imagem que um faz de si mesmo e a heteroimagem designa a imagem que esse um faz dos outros ou a imagem que os outros fazem desse um”. No entanto, devemos levar em consideração que esses dois pressupostos estabelecem uma relação de proximidade e se associam em diversos momentos.

⁶³ El 23 de abril de 1500, un día después de que el portugués Pedro Álvares Cabral llegase por accidente a Monte Pascoal, en el sur de la costa de Bahía, tuvo lugar el primer encuentro entre los descubridores europeos y los pueblos indígenas de la región. Cabral entregó a un líder tupinikim un sombrero. Recibió un tocado de plumas a cambio. Lo que parecía un buen principio de convivencia degeneró en uno de los mayores genocidios de la historia. La caza del indio se estableció como institución conquistadora. Y los portugueses arrasaron (GUTIÉRREZ, 2010, p. 63).

⁶⁴ De las más de treinta mil tribos que poblaban el actual territorio de Brasil la mayoría fueron exterminadas. De algunas, como las de los tapajós, omaguas, tupinambás o manaos no quedó un solo individuo sobre la faz de la tierra. La exuberancia de aldeas indígenas a las orillas de los ríos que describía fray Gaspar de Carvajal desapareció con rapidez (GUTIÉRREZ, 2010, p. 64).

Já sabemos que a literatura pode dialogar ou veicular grandes mal-entendidos. Tendo em vista também o seu potencial comunicativo, podemos assegurar que as “indagações a respeito de imagem, de autoimagem, de heteroimagem, desembocam, em última análise, no problema da identidade” (SOUZA, 2004, p. 142). Por esse motivo, precisamos identificar o que da cultura estrangeira foi assimilado pelos brasileiros para, assim, reconhecer essa interferência e tornar possível a desconstrução desse colonialismo ideológico.

No caso desse relato específico, citamos dois exemplos de como essas interferências externas são apropriadas pelos brasileiros. O primeiro caso evidencia o humor de um jovem indígena perante as deformações seculares estabelecidas pelo estrangeiro.

Um jovem, depois de falar com o capitão do barco, fica me olhando. “Cuidado com as flechas dos *sateré mawé*, somos perigosos, comemos os brancos”, me disse de forma contundente. Sua frase me pega de surpresa. Seu olhar tranquilo e o leve tom irônico de seu ataque verbal espantam minha inquietude. Se chama Jafé Pereira, tem um sorriso bonachão. Apenas deseja quebrar o gelo. Quiçá esteja se vingando inconscientemente de séculos de clichês e tabus, de definições deformadas como a que acentua o índio amazônico como ‘ser abrupto e primitivo incapaz de se adaptar ao progresso’⁶⁵ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 62).

A partir dessas informações, percebemos que o indivíduo, tantas vezes representado de forma simplificada e errônea, utiliza essas mesmas imagens como um mecanismo de defesa, uma autoprovação e, ao mesmo tempo, como vingança. Dessa forma, entendemos que esse sujeito se percebe enquanto indivíduo e utiliza-se da própria heteroimagem para deformá-la a seu favor.

Sentindo a necessidade de viajar e de sair da gigante, contaminada, ruidosa e estressante cidade de Manaus, Gutiérrez navega com destino a Maués, onde pode presenciar uma série de eventos em que alguns moradores locais se vestem com trajes típicos *sateré mawé* para comemorar o *Dia do Índio* e para receber políticos. Tal acontecimento serve como “uma boa experiência que permitirá ver como é a relação entre as tribos indígenas do Brasil e os políticos regionais⁶⁶” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 61). Porém, o que poderia simbolizar uma retomada da cultura dos povos tradicionais, acaba sendo, aos olhos do viajante, um teatro indígena, um simulacro realizado para as autoridades políticas da região.

⁶⁵ “Un joven, tras charlar con el capitán del barco, se me queda mirando. “Cuidado con las flechas de los *sateré mawé*, somos peligrosos, nos comemos a los blancos”, me dice contundente. Su frase me pilla de sorpresa. Su mirada tranquila, y el leve tono irónico de su ataque verbal, espantan mi inquietud. Se llama Jafé Pereira, tiene una sonrisa bonachona. Apenas quiere romper el hielo. Quizá se esté vengando inconscientemente de siglos de clichés y tabúes, de definiciones deformadas como la que tilda al indio amazónico como ‘ser abrupto y primitivo incapaz de adaptarse al progreso’” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 62).

⁶⁶ “una buena experiencia que permitirá ver cómo es la relación entre las tribos indígenas de Brasil y los políticos regionales” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 61).

De repente, um grupo de adolescentes aparece pela porta de uma sala da escola. As mulheres carregam flores feitas de plumas sobre os peitos. Usam colares artesanais e braceletes. Os homens colocaram penachos de plumas sobre a cabeça. Na pele, pintaram listras com um pigmento vermelho. As crianças, que usam camisetas e bermudas coloridas, observam com cara de assombro. Provavelmente nunca haviam visto essas roupas ou não as reconhecem. Olho para Jafé com cara de surpresa. Mas não encontro resposta no brilho mate dos seus olhos. Jafé não está vendo o mesmo que eu: uma tribo fantasiando-se daquilo que foi um dia, adereçando-se com o que não são, para receber os políticos. Simplesmente sorri. Outro matiz: o olhar de Jafé não tem brilho, é como um reflexo de prata escura, desgastada, uma pequena faísca cinza, um eco de chuva triste⁶⁷ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 80).

Nesse fragmento, podemos constatar o olhar de superioridade do viajante quando indica que Jafé não está vendo o mesmo que ele. Assim, percebemos que o narrador se arma de um olhar superior ao considerar a sua visão como correta, embora possamos também dizer que sua visão seja crítica: “Os índios-que-hoje-se-vestem-como-antes, cabisbaixo e submisso, circulam em frente aos político⁶⁸” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 81).

Para finalizar sua estadia no local, Gutiérrez descreve uma partida de futebol, deixando claro que a tradição indígena brasileira está se aproximando da cultura ocidental. Segundo o narrador, o seu guia local reconhece essa prática esportiva como constituinte da cultura da comunidade. Diante disso, devemos considerar mais uma vez o conceito de zonas de contatos, desenvolvido por Pratt (1999), para enfatizar a ideia de que as identidades são construídas pelo entrelaçar desigual entre culturas. Nesse sentido, como já discutido anteriormente, pensamos no conceito de transculturalidade como a relação entre grupos sociais distintos e na sua dupla aprendizagem: ao mesmo tempo em que os nativos absorvem a cultura da metrópole, a metrópole também se alimenta da cultura do nativo.

É a partir desse contato entre culturas que também podemos pensar na palavra “mestiço”, uma vez que ela serve para designar pessoas com sangue misturado, de raças diferentes. A mestiçagem é um fator importante na cultura brasileira, visto que ela é formada por diversas culturas e etnias que se mesclaram com o passar do tempo. No Brasil encontramos designações mais específicas para essas misturas: mulato é utilizado para designar o resultado do intercuro sexual dos brancos com negros; mameluco, entre índio e

⁶⁷ “De repente, un grupo de adolescentes aparece por la puerta de una habitación de la escuela. Las mujeres llevan flores hechas de pluma sobre los pechos. Lucen collares artesanales y brazaletes. Los hombres se han colocado penachos de plumas sobre la cabeza. En la piel, se han pintado rayas con un pigmento rojo. Los niños, que usan camisetas y bermudas coloridos, miran con cara de asombro. Probablemente nunca hayan visto esas ropas y no las reconozcan. Miro a Jafé con cara de sorpresa. Pero no encuentro respuesta en el brillo mate de sus ojos. Jafé no está viendo lo que yo: una tribu disfrazándose de lo que fue, aderezándose con lo que no son, para recibir a los políticos. Simplemente sonrío. Otro matiz: la mirada de Jafé no tiene brillo, es como un reflejo de plata oscura, desgastado, un pequeño chisporroteo gris, un eco de lluvia triste” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 80).

⁶⁸ “Los indios-que-hoy-visten-como-antes, cabibajo y sumisos, circulan frente a los políticos (GUTIÉRREZ, 2010, 81).

branco; caboclo, índio e branco; e cafuzo, negro e índio. A esse respeito, Gutiérrez expõe sua perspectiva a respeito da miscigenação brasileira, considerando todas as nomenclaturas utilizadas para definir os mestiços.

O Trombetas, apesar de ser um reino inexpugnável, foi entrando completamente na definição de *cafuzo*, no sangue híbrido das nações sem fronteiras. Hermenegilda, por exemplo, tem olhos ligeiramente puxados e um tom de pele amarelado. Alguns rostos, como o de Carlos, Hugo ou este Raimundo tagarela são nitidamente negros. Outros, a grande maioria, são filhos da mestiçagem. O sangue negro do Trombetas, o dos filhos urbanos de Raimundo, contribuiu para escurecer o pardo genético dos censos do Brasil, *caboclo*, que serve para definir qualquer habitante da Amazônia não urbana. Originalmente, segundo o dicionário Michaelis, significa “da cor de cobre, acobreado” ou “indígena brasileiro de cor acobreada”. Também, segundo o Aurélio, “mulato de cor acobreada, descendente de índio”. A palavra foi crescendo, ganhando camadas, matizes. Até chegar ao quarto significado do Michaelis, “tratamento carinhoso, para homem”. Todos entre o verde amazônico, são *caboclos*⁶⁹ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 123).

Todas essas nomenclaturas evidenciam uma hierarquização social promovida a partir das diferentes tonalidades da pele e traços físicos, promovendo a separação entre as pessoas de uma mesma sociedade. De modo geral, essas pessoas encontradas pelo caminho e apresentadas pelo narrador não são brancas, nem negras, nem indígenas. Elas são indefinidas e, por isso, para alguns grupos sociais avessos à mestiçagem e imbuídos da ideia da pureza do sangue, eles precisam ser agrupados sob uma nova nomenclatura, a dos caboclos, que são definidos como o “ser amazônico, ente rural, tudo e nada, sangue impuro com tintas dos séculos bastardos⁷⁰” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 123). Essa posição insere o branco na ponta da pirâmide social, todas as outras raças na sua base, enquanto o mestiço se encontra abaixo do limite inferior desse esquema, um indivíduo totalmente marginalizado.

Nesse contexto, Gutiérrez (2010, p. 93) realiza uma viagem para “Oriximiná, no rio Trombetas, já no estado do Pará, no reino negro da Amazônia⁷¹”, onde tem a oportunidade de entrar em contato com os costumes, culturas e características desse povo descendente dos

⁶⁹ El Trombetas, a pesar de ser un reino inexpugnable, fue entrando de lleno en la definición de *cafuzo*, en la sangre híbrida de las naciones sin fronteras. Hermenegilda, por ejemplo, tiene ojos ligeramente achinados y un tono de piel amarillento. Algunos rostros, como el de Carlos, Hugo o este Raimundo parlanchín son nítidamente negros. Otros, la gran mayoría, son hijos del mestizaje. La sangre negra del Trombetas, la de los hijos urbanos de Raimundo, contribuyó a oscurecer el pardo genérico de los censos de Brasil. Indios un poco *cafuzos*, negro con toque indio. De hecho, existe una palabra en Brasil, *caboclo*, que sirve para definir a cualquier habitante de la Amazonia no urbana. Originalmente, según el diccionario Michaelis, significa ‘del color de cobre, cobrizo’ o ‘indígena brasileño de color cobrizo’. También, según el Aurélio, ‘mulato de color cobrizo, descendiente de indio’. La palabra fue creciendo, ganando capas, matices. Hasta llegar al cuarto significado del Michaelis, ‘tratamiento cariñoso, para hombre’. Todos entre el verde amazónico, son *caboclos* (GUTIÉRREZ, 2010, p. 123).

⁷⁰ “ser amazônico, ente rural, todo y nada, sangre impura con tintes de siglos bastardos” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 123).

⁷¹ “Oriximiná, en el río Trombetas, ya en el Estado de Pará, el reino negro de la Amazonia” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 93)

escravos africanos, visto que o local é um reduto importante de remanescentes de quilombolas. Chegando à cidade, o narrador indica que

Os rostos nas ruas, definitivamente, têm outro matiz, outra raiz. Não há lugar para dúvidas: predomina o pardo, esse caldeirão genérico mais escuro que o branco. A palavra *cafuzo*, mescla de negro e indígena, adota seu verdadeiro significado às margens do Trombetas. O negro, negro que te quero negro, pela primeira vez entra na minha viagem, no meu lento deambular fluvial. No porto de Oriximiná, o negro predomina. Negro claro, amarelado, porém negro. Alguns rostos, de um marcado brilho azul, sugerem um passado distante, intacto e misterioso⁷² (GUTIÉRREZ, 2010, p. 111).

A predominância negra na região tem a sua explicação histórica. Segundo Esteves (1993), com o Tratado de Madri, assinado em janeiro de 1750, houve a definição entre as colônias de Portugal e Espanha e a instituição de Marquês de Pombal como líder do governo português, que se dedicou ao desenvolvimento da Amazônia. Dentre as providências tomadas para garantir o progresso da região estava a proclamação do seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, como governador do recém-criado estado do Grão-Pará e Maranhão, com sede em Belém. Além disso, houve a introdução de escravos negros na região. Essa atitude proporcionou, então, o início da miscigenação local, visto que a miscigenação foi incentivada, inclusive por uma lei, promulgada em 1755, que dava benefícios a quem se casasse com uma índia.

Diante dos pressupostos apresentados, entendemos que Gutiérrez se afasta do dos grupos dominantes e do discurso que constrói uma opinião pautada em inúmeras conversações, histórias, reportagens de jornais, livros didáticos, discurso simplista promovido pelas diversas instituições ideológicas que visa à conservação da hegemonia social. Portanto, o que os europeus sabem (ou julgam saber) sobre a etnia do *outro* foi baseado nos preceitos positivistas ou em uma mídia pouco preocupada com as questões raciais e culturais, fazendo com que os membros de uma sociedade reproduzam o *status quo* étnico e adquira as ideologias dominantes que os legitime. Nesse sentido,

A estereotipia na representação do homem e da mulher negra, adulto ou criança, é recorrentemente assinalada pelos estudos nas diversas mídias (...). A estereotipia foi particularmente notada na associação do negro com criminalidade em jornais, literatura e cinema; no desempenho de funções socialmente desvalorizadas na

⁷² Los rostros de sus calles, definitivamente, tienen otro matiz, otra raíz. No hay lugar a dudas: predomina el pardo, ese saco genérico más oscuro que el blanco. La palabra *cafuzo*, mezcla de negro e indígena, adopta su verdadero significado a orillas del Trombetas. El negro, negro que te quiero negro, por primera vez entra en mi viaje, en mi lento deambular fluvial. El en puerto de Oriximiná, el negro predomina. Negro claro, amarillento, pero negro. Algunos rostros, de un marcado brillo azul, sugieren un pasado lejano, intacto y misterioso (GUTIÉRREZ, 2010, p. 111).

televisão, literatura infanto juvenil e livros didáticos; na exploração de estereótipos de “mulata”, “sambista”, “malandro” e “jogador de futebol” na literatura, publicidade impressa e televisiva, e no cinema (SILVA e ROSEMBERG, 2012, p. 82).

A reflexão apresentada por Silva e Rosemberg (2012) é pautada em uma pesquisa, realizada entre 1987 e 2002, que apresenta um avanço limitado quanto à representação negra na realidade atual. Mesmo com o possível aumento na representação midiática da população negra, percebemos que ela permanece ainda em patamares inferiores à dos brancos, já que a imagem continua sendo construída com base em estereótipos e na percepção do negro pelo branco. Essa posição fica evidente nas construções imagéticas apresentadas por Nart, já que o narrador branco-europeu descreve um grupo do qual ele não faz parte, baseada em estereótipos negativos enormemente difundidos, sobretudo, a respeito das mulheres negras brasileiras.

O primeiro exemplo a esse respeito se dá quando, em meio à viagem, Nart faz uma parada necessária em um restaurante para “degustar e desfrutar da sombra e desse extraordinário produto nacional, quiçá o melhor junto com as mulatas, que é a caipirinha⁷³” (NART, 2002, p. 86). Nesse momento se torna evidente a posição privilegiada em que o viajante se coloca, uma vez que constrói uma relação entre uma mulher e um produto, ressaltando a objetificação feminina, a centralização do ser humano em uma peça útil para ser observada, admirada e possuída.

Analisando essa questão com mais atenção, percebemos que a imagem da mulher negra brasileira sempre foi concebida com base em algumas construções estereotípicas específicas, isso evidencia a sua sub-representação “inclusive em relação ao homem negro, quando retratada, a tendência geral é de reproduzir os papéis estereotipados a muito reservados no discurso público brasileiro, particularmente o de mulata hipersensualizada” (SILVA e ROSEMBERG, 2012, p. 84), imagem que remonta ao período da escravidão, quando o corpo negro era considerado um objeto destinado a atender ao macho senhor nas suas diversas necessidades, inclusive sexual.

Apresentando dados concretos a partir de pesquisas sobre a representação do indivíduo nos diversos meios de veiculação em massas de informação, Silva e Rosemberg (2012) concluem dizendo que a população negra é sub-representada pelos meios de comunicação e as questões relativas às desigualdades sociais são silenciadas, o que “exerce um duplo papel: o de negar os processos de discriminação racial, buscando ocultar a

⁷³ “degustar y disfrutar de la sombra y de ese extraordinario producto nacional, quizás el mejor junto con las mulatas, que es la caipirinha” (NART, 2002, p. 86).

racialização das relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe uma homogeneidade cultural ao ‘brasileiro’” (SILVA e ROSEMBERG, 2012, p. 82). A consequência desse ato é a representação do branco como espécie “natural” e suas características são dadas como universais, dispostas como norma para a humanidade. Por fim, o último aspecto ressaltado parece justificar os pontos assinalados anteriormente, justamente pelo fato dessa construção promover a desvalorização de um grupo social em oposição a outro.

Recuperando a imagem da mulher negra hipersensualizada que deu origem ao assunto que agora discutimos, percebemos que essa é uma construção recorrente na literatura, na mídia em geral e nas muitas construções de Javier Nart. Outro exemplo que podemos citar é justamente um dos motivos que o influenciaram a viajar, visto que ele se utiliza de um relato produzido anteriormente por um de seus irmãos, Pablo, que fora contratado anos antes por uma agência especializada da ONU para analisar suínos na Bolívia e partiu para o Brasil logo após o término do trabalho:

Assim, meu irmão Pablo, mochila no ombro e esperança na alma, decidiu trocar os porcos bolivianos pelo mítico e esplendoroso biótopo de mulatas que qualquer espanhol que se preze associa de maneira automática com o país-continente que é o Brasil⁷⁴ (NART, 2002, p. 11).

A volúpia e sensualidade “natural” é uma característica frequente na mídia que atinge todo o mundo, formando essa figura erotizada arquetípica de toda descendência africana. A mulher negra, além de objetificada, é animalizada no momento em que é feita a comparação com os porcos. Sob outro olhar, percebemos que a Bolívia é um local propício para a criação de suínos, enquanto o biótopo brasileiro proporciona o nascimento dessas mulheres negras voluptuosas. Em outras palavras, fica evidente a posição do narrador em apresentar o Brasil como um ambiente natural para o surgimento de seres humanos com essas características e a sua visão parcial da realidade, promovendo, por esse motivo, a produção de estereótipos justificados por uma posição distorcida da realidade.

A intensidade subia tanto em sonoridade como em velocidade, incrementado com o frenesi de timbaleiros e dançantes. De mulheres, de meninas. Garotas preciosas e gordas apoteóticas, todas elas detentoras de graça de agilidade, proprietárias instintivas dessa capacidade que possuem os africanos ou os seus descendentes para

⁷⁴ “Así, mi hermano Pablo, mochila al hombro y esperanza en el alma, decidió cambiar los gorrinos bolivianos por el mítico y esplendoroso biotopo de mulatas que cualquier españolito que se precie asocia de manera automática con el país-continente que es Brasil” (NART, 2002, p. 11).

adaptar ombros, quadris, pernas e braços à música, ao ambiente, e que carecemos em outras latitudes⁷⁵ (NART, 2002, p. 294).

Essas negras detentoras de poderes mágicos de atração parecem viver e centrar-se do corpo e da sexualidade. O caráter generalizante das descrições transforma a mulher negra em seres animalizados, hipersensualizados e sexualizados, transformando-as em seres destinados a contemplação, essencialmente por não se adequarem ao modelo branco instituído como “natural”. Todas as imagens construídas, desde a personagem extremamente trabalhadora e ativa até a mulher voluptuosa, reforçam a objetificação dessas mulheres que são vistas como utilitárias por esse viajante macho-espanhol-colonizador.

Podemos entender que as imagens construídas têm origem histórica, geralmente remontando ao período da escravidão, e essas representações simplistas são geradas a partir da constante reprodução dessas imagens. Então, podemos concluir que o racismo está enraizado no Brasil, porque sofremos durante todo o processo de colonização e pós-colonização com as sequenciais forças de dominação social, econômica e cultural pelas elites brancas europeias e os seus descendentes.

Por esse motivo, devemos pensar que o racismo é construído a partir do processo de aquisição ideológica promovida pela mais ampla variedade de instituições, desde a escola até os meios de comunicação em massa, passando, evidentemente, pela literatura. Said enfatiza que as generalizações e simplificações são reforçadas no mundo pós-moderno pelos meios de comunicação eletrônicos: “A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados” (SAID, 2007, p. 58). Nesse sentido, observamos, no relato escolhido para análise, que o narrador apresenta claramente a sua influência pela televisão.

Efetivamente, antes tarde do que nunca, o anúncio político deu lugar a uma descomunal série de traseiros apoteóticos que se movem com a graciosidade que a natureza ou Deus (para laicos ou crentes) concedeu às mulheres desta bendita terra. Popozuda significa algo como “traseiro cinco estrelas”⁷⁶ (NART, 2002, p. 304).

Diferentemente de Nart, Gutiérrez não utiliza sua posição privilegiada para ressaltar a sensualidade feminina, mas levanta questionamentos sobre o machismo que opera na

⁷⁵ “La intensidad subía tanto en sonoridad como en velocidad, incrementando el frenesí de timbaleros y danzantes. De mujeres, de niñas. Preciosas muchachas y gordas apoteósicas, todas ellas gráciles y ágiles, propietarias instintivas de esa capacidad que poseen los africanos o sus descendientes para adaptar hombros, caderas, piernas y brazos a la música, al baile, y de la que carecemos en otras latitudes” (NART, 2002, p. 294).

⁷⁶ “Efectivamente, antes que tarde el anuncio político dio tránsito sin más a una descomunal serie de traseros apoteóticos meneados con el singular donaire que la naturaleza o Dios (para laicos o creyentes) ha dado a las mujeres de esta bendita tierra. Popozuda significa algo así como ‘culazo cinco estrellas’” (NART, 2002, p. 304).

sociedade. Em Macapá, capital do estado do Amapá, o viajante reproduz uma conversa com moradores da região, indicando que

A umidade multiplica o calor. Mas Raimundo pai nem vacila: ri, faz piadas, xaveca todas as mulheres da rua. Diz que gosta de morar aqui, e não na rica Caiena, porque Macapá é a capital nacional dos cornos. Um jovem tímido, que ri das ideias de Raimundo, vai soltando a língua. Acaba confessando que é *garimpeiro* ilegal, no rio Mana, na Guiana, um lugar que o encanta por causa das “putas e farras”. E então chega uma adolescente sedutora, bamboleante de malhas apertadas, provocadora de carmim sujo. O jovem *garimpeiro* lança: “Mãe dos meus filhos, você vale ouro na Guiana”. Tranquilo, diz o jovem, é a puta do bairro. A equação norte-sul da cidade dividida vai se completando. Prostituição. Redes internacionais que recrutam brasileiras para os prostíbulos de Oiapoque, Caiena e Europa. A França põe em órbita foguetes da base de Kourou, caralho, enquanto o Brasil envia prostitutas ao norte desde o lado indomável do Equador⁷⁷ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 172).

Fica evidente, com base nesse excerto, a naturalização do machismo no Brasil, visto que, a partir de uma conversa informal, os homens apontam para a crença da supremacia do homem sobre a mulher, dando direito a eles de comentar, se dirigir pejorativamente, objetificar o corpo feminino. Inclusive o homem mais tímido age de forma violenta contra a mulher que exerce atividade sexual de caráter econômico. A mulher em questão, uma prostituta, não tem voz nesse contexto violento, sua subjetividade é ignorada não somente pelos dois brasileiros, mas também pelo próprio narrador que a descreve pelos aspectos físicos, pelas roupas provocativas e pelo caráter sedutor. Ao apresentar essa situação repressiva, da qual o viajante supostamente não participa, ele discute o poder assimétrico entre os sexos, o privilégio masculino e a opressão feminina. Além disso, alerta sobre um problema local de fundo social: a prostituição e o tráfico de mulheres.

Outro imagotipo desenvolvido na obra é o da mulher que encontra o seu espaço e sua serventia nos trabalhos domésticos. Essa imagem, retomada também dos tempos da escravidão, coloca a mulher negra em posição de total subalternidade em relação ao homem, seja ele patrão ou marido, sendo que essas duas classificações não são totalmente opostas se pensadas do poder assumido dentro de um espaço. Nesse contexto, o exemplo encontrado na obra que chama a nossa atenção é a de uma mulher, cujas características físicas superlativas

⁷⁷ La humedad multiplica el calor. Pero Raimundo padre ni se inmuta: ríe, hace bromas, piropea a todas las mujeres de la calle. Dice que le gusta vivir aquí, y no en la rica Cayenne, porque Macapá es la capital nacional de cuernos. Un joven tímido, que ríe las ocurrencias de Raimundo, va soltándose de la lengua. Acaba confesando que es *garimpeiro* ilegal, en el río Maná, en la Guayana, un lugar que le encanta porque hay “putas y farra”. Y entonces llega una adolecente seductora, bamboleante de mallas apretadas, provocadora de carmín sucio. El joven *garimpeiro* lanza: “Madre de mis hijos, tú vales oro en la Guayana”. Tranquilo, dice el joven, es la puta del barrio. La ecuación norte-sur de la ciudad partida se va completando. Prostitución. Redes internacionales que reclutan brasileñas para los prostíbulos de Oiapoque, Cayenne y Europa. Francia pone en órbita cohetes desde base de Kourou, joder, mientras Brasil lanza prostitutas al norte desde el lado indomable del Ecuador (GUTIÉRREZ, 2010, p. 172).

são ressaltadas, juntamente com o potencial e força para o trabalho doméstico. Essa imagem remonta às imagens típicas da negra serviçal.

Havíamos nos alojado no hotel Djamila. Seus proprietários eram uma amável e serviçal negra gordíssima, casada com um palestino-brasileiro cuja atividade se reduzia a contemplar seus domínios desde uma poltrona na recepção, deixando as tarefas ingratas de gestão a cargo de sua ativíssima esposa: recepcionista, cozinheira, camareira, faxineira, etc., tudo em uma⁷⁸ (NART, 2002, p. 23).

Apesar da aparente caracterização positiva da personagem, percebemos que essa mulher, cujo nome não conhecemos e cuja voz não ouvimos, é a representação da mulher amável, doadora, ativa nos assuntos concernentes às atividades domésticas, mas totalmente passiva no que diz respeito à sua própria vida e vontades. Essa imagem está cristalizada no imaginário brasileiro pela figura da Tia Anastácia, famosa empregada do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, história baseada nos escritos de Monteiro Lobato e que foram adaptadas para a televisão em diversos momentos no último século.

Interessante observar que na cena descrita o homem é apresentado como um sujeito contemplativo, cuja função é somente observar todas as ações da esposa, que vão desde as atividades burocráticas até os trabalhos relativos à limpeza do hotel. A posição de superioridade desse personagem masculino que saiu do seu país e mesmo assim continua propagando sua cultura comprova a condição de subserviência da mulher, descrita praticamente como um objeto que faz todas as suas “obrigações” e parece aceitar a sua posição de bom grado, já que ela é observada e exposta pelos olhos do macho narrador.

As discussões sobre a problemática da representação da mulher inserida em um contexto de subordinação e de subalternidade evidenciam os mecanismos de dominação masculina. Bonnici (2007) discorre a respeito da denominada dupla colonização da mulher, dizendo que

A dupla colonização é a subjugação da mulher nas colônias, objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica. O fim do colonialismo e o entrelaçamento deste com o patriarcalismo durante a era colonial não aboliram a opressão da mulher nas ex-colônias. A literatura pós-colonial mostra como as mulheres continuam sendo estereotipadas e marginalizadas até por autores pós-coloniais (BONNICI, 2007, p. 67).

⁷⁸ “Nos habíamos alojado en el hotel Djamila. Sus propietarios eran una amable y servicial negra gordísima, casada con un brasileño-palestino cuya actividad se reducía a contemplar sus dominios desde un sillón en recepción, dejando las ingratas tareas de gestión a cargo de su activísima esposa: recepcionista, cocinera, camarera, limpiadora, etc., todo en uno” (NART, 2002, p. 23).

Diante disso, entendemos que o discurso do colonizador interpela homens e mulheres de formas diferentes, o que resulta nessa dupla colonização para elas. As mulheres são atingidas pelo poder colonial e pela dominação do patriarcado. Em outras palavras, mesmo se constituindo como sujeitos pós-coloniais, elas ainda continuam sendo inferiorizadas tanto pelas questões que concernem à raça, quanto ao gênero. Todas as mulheres brasileiras sofrem com o duplo silenciamento, inclusive a apresentada no excerto apresentado para análise, visto que ela é dominada pelo narrador e pelo marido, reforçando o racismo e o machismo, a fetichização e a objetificação feminina realizada pelos homens.

A supressão da voz dessa mulher faz com que ela não consiga expressar seus sentimentos e percepções do mundo, passando a ser parte da paisagem, admirada como ser coisificado. Sendo assim, a narrativa não apresenta uma expressão da realidade, mas uma representação feita com base em ideologias dominantes que representam uma camada significativa da sociedade. Necessário indicar que o conceito de *voz* é fundamental para os estudos feministas, porque se opõe, dentro de uma sociedade hegemônica, ao silenciamento patriarcal. Nos registros linguísticos e literários, percebemos que, muitas vezes, não temos contato com as vozes femininas, estratégia que respeita as restrições culturais impostas pela sociedade em determinado momento histórico e por determinações políticas. Ao tomar a palavra como própria, os homens tiram das mulheres o direito de expressar os seus sentimentos, sensações, emoções e pensamentos.

O resultado da ideologia patriarcal opressora é a censura, a privação da liberdade individual e a consequente negação do direito da linguagem como uma manifestação da política da palavra, atitude que promove a separação entre mundos e a impondo o certo e o errado, o permitido e o proibido, o dizível e o indizível. O dizer e o interpretar é regido por condições específicas que obscurecem essas produções, evidenciando uma prática ideológica que perpassa os espaços e limita os sujeitos.

Ademais do exotismo, parece haver no viajante uma tentativa frenética de aproximação com os seres observados e valorização desta terra. Essa visão superficial e simplista do turista pode ser vista em diversos momentos da narrativa, desde a já citada observação de que todos os brasileiros, sem exceção, amam o seu país, até considerar as estações de ônibus limpas e eficazes, com banheiros asseados e restaurantes que brilham por conta da limpeza. Além disso, exalta com frequência a paz e a vigilância nesses espaços e a amplitude, limpeza, potência e velocidade dos ônibus. A estação e o transporte perfeito para o

paraíso. “Definitivamente, o Brasil é um país peculiar, particular, único⁷⁹” (NART, 2002, p. 81). Todas essas considerações evidenciam um olhar alienado e uma ideologia compartilhada por boa parte dos membros que fazem parte do contexto histórico-social no qual o viajante se insere.

Por sua vez, Gutiérrez (2010, p. 132) se opõe a essa prática descritiva, afirmando que “Seria tão fácil ser um escritor turístico, construir páginas despreocupadamente, colocar uns parágrafos de história, depois frases descritivas, alguma sensação⁸⁰”. Dessa forma, entendemos que esse narrador se preocupa com a análise dos aspectos reais sobre o Brasil, tentando, a todo o momento, apresentar algo além da lenda sobre o lugar. É verdade que ele nem sempre consegue, porém busca se distanciar das representações clássicas e simplistas.

Discutimos anteriormente o potencial da viagem em colocar o viajante diante do *outro* e de suas próprias convicções, uma vez que é obrigado a olhar para os indivíduos com curiosidade e de forma ampla, para fazer com que aquele ato tenha uma função específica para a sua vida. Para tanto, é necessário que ele retome as suas experiências, as bagagens, como forma de aprendizado, para, assim, desenvolver uma narrativa que promova a desconstrução ou a reflexão dos imagotipos locais.

Os dois relatos aqui trabalhados também se afastam, pois Javier Nart constrói apenas um relato das suas aventuras por um lugar desconhecido e estranho, descrevendo o que para ele é interessante, sem se preocupar com os seres que ali vivem e com a imagem que por ele é transmitida. Bernardo Gutiérrez, por sua vez, se coloca em uma posição crítica, com uma visão jornalística, buscando na literatura e na história modos de comprovar o que por ele é relatado, apresentando sua experiência pessoal somada às necessidades da população visitada.

Dessa forma, não há dúvida de que o segundo narrador se preocupa com a construção da sua identidade, da identidade do ser observado e também da identidade do seu leitor, que busca satisfazer suas curiosidades, resolver problemas pessoais e fugir da sua realidade. Essas posições são formatadas pela capacidade dos autores em viajar pela literatura e história do local visitado. Quanto maior o conhecimento, mais a narrativa fugirá do senso-comum. Dito isso, podemos iniciar a discussão sobre a base teórica, a biblioteca que cada viajante utiliza em suas viagens.

⁷⁹ “Definitivamente, Brasil es un país peculiar, particular, único” (NART, 2002, p. 81).

⁸⁰ “Sería tan fácil ser un escritor turístico, construir páginas despreocupadamente, colocar unos párrafos de historia, luego frases descriptivas, alguna sensación” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 132).

3. A BIBLIOTECA DOS NARRADORES COMO ESTRATÉGIA PARA A ESTRUTURAÇÃO DO RELATO

3.1 - A BAGAGEM DOS VIAJANTES

Nas duas narrativas de viagem aqui trabalhadas, os narradores são motivados (ou influenciados) por textos produzidos anteriormente. Por esse pressuposto é possível compreender a literatura em geral como um produto da lembrança, uma reconstituição da memória, um procedimento que faz emergir os hipertextos. A intertextualidade não é mais do que o resultado do funcionamento da memória da escritura, que trabalha em constante apropriação do já produzido anteriormente, isso é, se configura como uma tradução de estados da consciência de uma época, um evento coletivo ou individual. Então, escrever é um constante ato de re-escrever. Nesse contexto, é possível afirmar que “A literatura se escreve certamente numa relação com o mundo, mas também apresenta-se numa relação consigo mesma, com sua história, a história de suas produções, a longa caminhada de suas origens” (SAMOYALT, 2008, p. 9).

O ser humano se constitui no contato com o *outro*, assim como o texto literário também “é carregado de palavras e pensamentos mais ou menos conscientemente roubados, sentem-se as influências que o subentendem, parece sempre possível nele descobrir-se um subtexto” (SAMOYALT, 2002, p. 42). Dessa forma, entramos em contato com uma definição que considera mais os aspectos semânticos da intertextualidade, em detrimento da sua exclusiva valorização formal. Isso quer dizer que esse conceito vai além da referência explícita feita a um texto anterior, ao tomar emprestado determinado conteúdo, absorver o outro, mas também é concebida como uma técnica natural no processo de criação literária.

Trazendo essa discussão para a nossa realidade, precisamos considerar o fato de que a Amazônia sempre foi retratada por meio de relatos de viagens e, por esse motivo, a análise do nosso *corpus* precisa considerar os seus antecessores, entendendo o ciclo labiríntico no qual se insere. A retomada de uma imagem que é atualizada historicamente pode ser associada aos imagotipos, que, com o passar do tempo, aparecem ressignificados em textos literários. Isso ocorre justamente porque existe uma referência primitiva que funciona como modelo para os escritores. Nesse sentido, podemos compreender o universo como uma biblioteca, ou seja, um arquivo comum que é compartilhado entre os membros de uma comunidade. A esse respeito, Samoyalt afirma que

Com a biblioteca, a literatura mantém uma relação de repetição, em compensação, a biblioteca exerce sobre o texto um poder de modelização. Ela constitui então um filtro entre o texto e o mundo. É assim que uma parte do efeito-mundo da ficção repousa sobre o fato de que, para a literatura, o mundo é em primeiro lugar um livro (SAMOYALT, 2008, p. 123).

O conceito de biblioteca pode ser definido então como um fenômeno discursivo que coloca o enunciador em contato com diferentes referências, mais ou menos compartilhadas pelo grupo, e que se configuram como manifestações escritas e orais da linguagem. A partir disso, podemos começar a nossa viagem pela biblioteca apresentada nos relatos de viagens aqui analisados. Sendo mais contundente, nossa intenção é vasculhar as bagagens trazidas pelos viajantes para entender como essas referências modelam as imagens produzidas e reproduzidas em cada narrativa.

Recuperando os relatos aqui analisados, percebemos que a obra de Javier Nart é inspirada, fundamentalmente e de modo explícito, nas viagens do Cândido Rondon, militar famoso por sua excursão pelo interior do Brasil e por manter boa relação com os grupos indígenas. O viajante indica, logo no início do seu texto, que seu “propósito era percorrer a fronteira ocidental do Brasil, seguindo a rota mística de um personagem que sempre me fascinou: o marechal Cândido Rondon, militar, explorador, filósofo, humanista e protetor dos índios⁸¹” (NART, 2002, p. 12). Para entender todos esses epítetos precisamos viajar brevemente nas malhas da história para conhecer esse homem digno de reverência no relato aqui trabalhado.

Cândido Mariano da Silva nasceu em 1865 em um pequeno município mato-grossense, tendo se transferido, na ocasião da morte dos pais, para Cuiabá, sob a tutela de um tio. O sobrenome Rondon foi adotado justamente em homenagem a esse homem que o criou. Mais tarde, ao completar vinte e três anos, ingressa na carreira militar, sendo convidado a participar da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, comandada por Gomes Carneiro. Essa missão surge com o fim da Guerra do Paraguai, quando o governo brasileiro reconhece a fragilidade das fronteiras avizinhas pela Argentina, Paraguai e Bolívia. Além disso, o comando do país diagnosticou a falta de informação sobre o território que compreende os atuais estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e Acre. Por esses motivos, e com o intuito de colonizar esses territórios ainda pouco explorados, o governo colocou em prática a Marcha para o Oeste, prometendo “integrar ao Brasil os territórios que lhe

⁸¹ “propósito era recorrer la frontera occidental de Brasil siguiendo la ruta mística de un personaje que siempre me fascinó: el mariscal Cândido Rondón, militar, explorador, filósofo, humanista y protector de los indios” (NART, 2002, p. 12).

pertenciam de direito e cuja posse de fato não ocorrera” (MEIRELLES FILHO, 2009, p. 198), utilizando a expansão telegráfica com essa finalidade.

Nesse contexto, Rondon participa da primeira expedição pelos sertões criada pela jovem república brasileira, utilizando o seu conhecimento sobre a região e a cultura para impedir o total extermínio dos indígenas e protegê-los da catequese forçada, símbolo máximo da violência contra uma cultura. A esse respeito, Nart ressalta as qualidades humanas desse líder visionário que usou de sua trajetória para compreender as necessidades dos povos excluídos do interior do Brasil, afirmando que

Cândido Rondon foi um desses seres peculiares que a história da humanidade produziu, capaz de romper os moldes, as fronteiras de seu próprio século, do pensamento dominante, de sua própria função e profissão. Um personagem que me atraiu desde o primeiro momento em que comecei a conhecer suas peripécias, suas vivências, sua extraordinária qualidade humana⁸² (NART, 2002, p. 116).

Consideramos indiscutíveis as qualidades do militar, visto que ele rompe com os parâmetros normativos da época e da sua função como membro das forças armadas. Porém, com o desenvolvimento da narrativa, começamos a perceber que o viajante se envolve em demasia com a imagem mítica criada e exagera nas suas afirmações, como, por exemplo, quando declara que nas expedições do sertanista “Não houve nem um só morto. Nem um só⁸³” (NART, 2002, p. 121). Impossível garantir a veracidade dessa afirmação, uma vez que ele realizou inúmeras viagens exploradoras, quer como comandante ou como comandado, sem possuir controle total da tropa e sem poder dialogar com todos os indivíduos encontrados pelo caminho. Além disso, a inexistência de dados oficiais sobre o assunto impossibilita que essa asserção possa ser tomada como verdadeira.

Em outro momento entramos em contato com a informação de que o militar “Não só não lutou contra os índios como foram estes que o ajudaram, fornecendo-lhe trabalhadores que substituíam os soldados doentes ou mortos nessa impressionante aventura⁸⁴” (NART, 2002, p. 121). A utilização da mão de obra indígena e esse contato entre povos geram problemas culturais, de saúde, podendo levá-los à morte. Dessa forma, mesmo que Rondon não tenha matado nenhum nativo, colaborou indiretamente para que isso acontecesse, visto que esse contato intercultural gera problemas para os povos naturais.

⁸² “Cándido Rondón fue uno de esos seres peculiares que produce la historia de la humanidad, capaces de romper los moldes, las fronteras de su propio siglo, del pensamiento dominante, de su propia función y profesión. Un personaje que me atrajo desde el primer momento en que comencé a conocer sus peripecias, sus vivencias, su extraordinaria calidad humana” (NART, 2002, p. 116).

⁸³ “No hubo ni un solo muerto. Ni uno solo” (NART, 2002, p. 121).

⁸⁴ “No sólo no luchó contra los indios sino que fueron éstos los que le ayudaron, suministrándole trabajadores que suplían a los soldados enfermos o muertos en esa impresionante aventura” (NART, 2002, p. 121).

Em conseqüente, podemos observar a intenção de ressaltar os ganhos adquiridos pela comunidade indígena através da visibilidade de Rondon e por ele ter dedicado “toda sua vida à defesa dos que ninguém defendia: os fracos, agredidos e desprezados indígenas brasileiros⁸⁵” (NART, 2002, p. 122). Meirelles Filho (2009) informa que Rondon criou, em 1909, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e foi o seu primeiro dirigente. Esse órgão ficou marcado por ser um dos instrumentos de massacres aos povos indígenas e centro de corrupção, porém, mesmo assim, elevou o sertanista a figura reconhecida nacional e internacionalmente. Mais tarde, em 1939, durante a ditadura de Getúlio, foi criado o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, sendo ele nomeado como seu primeiro presidente. Por sua luta, em 1951, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entrega-lhe o título de Civilizador dos Sertões. Logo depois, em 1956, o território do Guaporé passa a ser denominado como Rondônia, único estado que recebe o nome de um homenageado brasileiro. Não menos importante, em 1959, seu nome é recomendação por autoridades nacionais e internacionais para o Nobel da Paz.

Por tudo isso,

Não seria difícil arriscar que, individualmente, é o brasileiro que mais contribuiu para o conhecimento geográfico do país. Para as ciências naturais será o grande coletor da história do Museu Nacional. Na maior parte das expedições, conta com cientistas, realizando observações em regiões onde nunca se havia trabalhado ou que pouco se conhecia. Rondon, a partir do SPI, hoje FUNAI, iniciará a formação de gerações de sertanistas. No campo da etnografia, publicará diversos volumes, dando voz aos próprios índios (MEIRELLES FILHO, 2009, p. 204).

Dessa forma, todas as qualidades levantadas pelo espanhol têm uma explicação histórica, porém essa imagem é reconstruída por um narrador que possui suas subjetividades e produz um discurso baseado em suas vivências e contexto social. Isso se torna ainda mais evidente quando apresenta Theodore Roosevelt como o presidente americano que colaborou para a independência das “últimas posses coloniais, máximo impulsor da guerra hispano-americana pela qual perdemos Filipinas, Porto Rico e Cuba. A partir de 1898 o único destino exótico para fazer o serviço militar foi o Saara⁸⁶” (NART, 2002, p. 170). Apesar do tom irônico da afirmação, o mais expressivo nessa citação é a ideia de posse transmitida pelo verbo “perder”, indicando que esses lugares serviam fundamentalmente como destino exótico dos militares, manifestando a sua postura colonizadora latente.

⁸⁵ “toda su vida a la defensa de lo que nadie defendía: los débiles, agredidos y despreciados indígenas brasileños” (NART, 2002, p. 122).

⁸⁶ “últimas posesiones coloniales, máximo impulsor de la guerra hispano-americana por la que perdimos Filipinas, Puerto Rico y Cuba. A partir de 1898 el único destino exótico para hacer la mili fue el Sahara” (NART, 2002, p. 170).

É preciso lembrar que o ex-presidente estadunidense fez parte de uma das comissões organizadas por Rondon com o objetivo de realizar estudos geográficos e pesquisas no campo da história natural. Meirelles Filho (2009) indica que a expedição percorreu 686 quilômetros dos aproximadamente 1500 de extensão do rio da Dúvida, mais tarde batizado como rio Roosevelt, em homenagem ao viajante norte-americano. Segundo Javier Nart, o líder político possui um profundo conhecimento sobre a natureza, demonstrando “respeito e sincero interesse pela flora, fauna e tribos (para ele parte da paisagem) dos lugares por ele atravessados. Todo ele imbuído de um total convencimento da superioridade natural da raça branca, vício racista próprio da época⁸⁷” (NART, 2002, p. 171). Dessa forma, apesar de ressaltar os defeitos do político, percebemos que o viajante procura entendê-los e contextualizá-los no momento histórico.

Outra referência apresentada na viagem realizada por Javier Nart é a marcha promovida por Luís Carlos Prestes, descrita como uma “expedição-rebelião-ofensiva-retirada (tudo em um) que o levou através de vinte e cinco mil quilômetros, desde o Paraguai até os estados do nordeste brasileiro, vencendo e fugindo das tropas do Governo Federal⁸⁸” (NART, 2002, p. 13) e diretamente vinculada com as viagens de Rondon, evidenciando, mais uma vez, o caráter central que o sertanista possui na narrativa.

No capítulo intitulado *O capitão Prestes e sua mais longa marcha*⁸⁹, Nart recupera o primeiro momento do período republicano brasileiro, denominada República Velha (1889-1930), em que as eleições eram realizadas de forma fraudulenta, visto que o processo consistia em uma votação pública, sem verificação dos eleitores inseridos em listas pré-fabricadas que poderiam incluir até mesmo pessoas mortas. Além disso, outras estratégias, como o voto de cabresto, eram utilizadas como forma de garantir a manutenção do poder pelos coronéis locais. Esse foi o contexto em que “começou a incrível epopeia, a mais ‘longa marcha’ que já existiu na história, ultrapassando inclusive a mítica de Mao Tsé-Tung⁹⁰” (NART, 2002, p. 69), com o intuito de reivindicar eleições que permitissem a vitória de candidatos da oposição, com voto secreto e representação justa da população, ou seja, promover o saneamento na política nacional. Além disso, havia grande insatisfação com a

⁸⁷ “respeto y sincero interés por la flora, fauna y tribus (para él parte del paisaje) de los lugares por los que atravesaba. Todo ello imbuído de un total convencimiento de la superioridad natural de la raza blanca, resabios racistas propios de la época” (NART, 2002, p. 171).

⁸⁸ “expedición-rebelión-ofensiva-retirada (todo en uno) le llevó a través de veinticinco mil kilómetros, desde Paraguay a los estados del nordeste brasileño venciendo y huyendo de las tropas del Gobierno Federal” (NART, 2002, p. 13).

⁸⁹ El capitán Prestes y su más larga marcha.

⁹⁰ “comenzó la increíble epopeya, la más ‘larga marcha’ que haya tenido lugar en la historia, sobrepasando incluso la mítica de Mao Tse Tung” (NART, 2002, p. 69).

situação econômica brasileira, agravada após a Primeira Guerra Mundial e pela desvalorização do café ao longo da década de 1920.

Diante disso, a jovem corporação militar se organizou para desestruturar as instituições políticas e atingir a opinião pública nacional. De acordo com a historiadora Anita Leocadia Prestes (2009), filha de Prestes, os revolucionários sofriam com a falta de organização das marchas, faltava desde suprimentos básicos até assistência médica adequada, e, por esse motivo, muitos combatentes sucumbiram pelo caminho. Para além desses problemas estruturais, “Os inimigos mais implacáveis de Prestes foram a natureza inhóspita, assim como os bandidos (*jagun-ços*)(*sic*) contratados pelo Governo Federal⁹¹” (NART, 2002, p. 70). Dessa forma, os problemas naturais e de ordem política são ressaltadas pelo viajante que apresenta o ambiente como infernal e ressalta a característica animalesca desses jagunços, descrevendo-os “como abutres em busca de salário do mercenário e da recompensa da pilhagem⁹²” (NART, 2002, p. 70). Diante disso, é preciso notar a seletividade do olhar do narrador para essa realidade, uma vez que Rondon é citado como o primeiro adversário da marcha promovida por Prestes, estava igualmente a serviço das forças governistas e, conseqüentemente, se encontrava também como abutre no encalço de sua carniça, buscando conquistar um quinhão do erário público.

Por fim, é preciso ressaltar que outros aspectos da vida particular de Prestes também são considerados pelo viajante, como o fato de sua primeira esposa, Olga Benário, mãe da historiadora Anita Leocádia, ter sido enviada, por ordem de Getúlio Vargas, à Alemanha para ser entregue aos trâmites da Gestapo, que a assassinou em um campo de concentração por ser judia. Além disso, também cita o episódio polêmico do apoio dado a Vargas, como uma forma de desqualificar e desmoralizar o comunista, indicando, com ironia, que “o chamavam, o chamam, ‘o cavaleiro da esperança’, que é a última que se perde⁹³” (NART, 2002, p. 73), além de indicar que “Morreu, honesto e utópico, em 1990⁹⁴” (NART, 2002, p. 73), destacando uma qualidade admirável em oposição a uma característica que pode ser considerada deprimente, visto que ele continuou buscando uma realidade ideal mesmo no fim da vida, algo que nunca logrou alcançar.

⁹¹ “Los enemigos más implacables de Prestes fueron la inhóspita naturaleza, así como los bandidos (*jagun-ços*)(*sic*) contratados por el Gobierno Federal” (NART, 2002, p. 70).

⁹² “como buitres en busca de salario del mercenario y de la recompensa del botín” (NART, 2002, p. 70).

⁹³ “Le llamaban, le llaman, ‘el caballero de la esperanza’, que es lo último que se pierde” (NART, 2002, p. 73).

⁹⁴ “Murió, honesto y utópico, en 1990” (NART, 2002, p. 73).

Além dessas viagens norteadoras, outras são apenas referenciadas, como, por exemplo, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, apresentado como “o primeiro europeu⁹⁵” (NART, 2002, p. 33) a viajar pela América; Francisco de Orellana, como o “primeiro navegador e descobridor⁹⁶” (NART, 2002, p. 142) do Amazonas; e Vicente Yañez Pinzón, “quem descobriu o Amazonas no ano de 1500, o batizou como ‘mar doce’⁹⁷” (NART, 2002, p. 143). Para além dessas primeiras expedições, também cita Henry Alexander Wickham, o botânico inglês conhecido pelo contrabando das sementes da seringueira para seu país (NART, 2002, p. 189) e Jacques Cousteau, que no relato aparece deslocado do tema amazônico, uma vez que é apenas citado em relação ao mergulho, prática habitual e exercida como lazer pelo viajante espanhol, mas que também esteve na região para realizar suas pesquisas (NART, 2002, p. 252).

Por outro lado, Gutiérrez apresenta uma extensa bibliografia, o que denota um estudo prévio do viajante, na tentativa de desvendar a Amazônia de forma abrangente. Para esse intento, o viajante dispõe de uma bagagem literária ampla, que vai desde o relato dos viajantes que o antecederam até referências literárias que consideram o espaço amazônico. Aliás, levando em consideração os textos literários, é preciso destacar que as duas narrativas aqui analisadas apresentam uma estrutura baseada na clássica obra *A Odisseia*, atribuída a Homero. Ambos viajam pelo solo brasileiro, observam tudo o que para eles é importante e buscam uma Penélope que surgirá no final de ambas as obras. Gutiérrez, agora transfigurado em Odisseu, vai de encontro com Raquel, sua esposa brasileira, descrita como uma espécie de musa inspiradora. Nart, por sua vez, apenas cita a esposa ao apreciar o pôr do sol em Fernando de Noronha: “Momentos em que senti a ausência, em que senti saudade, uma vez mais, de minha mulher, Isabel⁹⁸” (NART, 2002, p. 342), uma figura que simboliza o porto seguro do viajante, a pessoa para quem ele voltaria depois de todas as aventuras.

Ultrapassando essa referência estrutural, podemos enfatizar nossa análise da viagem de Gutiérrez, que tenta se desvincular de todas as produções feitas anteriormente pelos seus antepassados, embora seja ele oriundo do mesmo universo eurocêntrico. Todas as descrições por ele apresentadas evidenciam esse afastamento das suas origens, apresentando o objetivo de compreender as especificidades desta terra, baseando-se em elementos da história e da literatura, entre o documental e o ficcional, como explica no excerto a seguir.

⁹⁵ “El primer visitante europeo” (NART, 2002, p. 33).

⁹⁶ “primer navegante y descubridor” (NART, 2002, p. 142).

⁹⁷ “quien descubrió el Amazonas en el año 1500, lo bautizó como ‘mar dulce’” (NART, 2002, p. 143).

⁹⁸ “Momentos en los que palpé la ausencia, en los que añoré, una vez más, a mi mujer, Isabel” (NART, 2002, p. 342).

Não tenho nada contra a história amazônica. Muito pelo contrário: sempre me fascinou. Tampouco tenho nada contra o componente mágico da selva. Também faz parte do relato. De fato, a viagem começou ali: na literatura. Quando tinha apenas treze anos caiu em minhas mãos um pequeno livro de divulgação, *O Amazonas*, de J. M. Rubio. Não suspeitava então que aquelas fotografias e aqueles textos desembocariam em minhas viagens amazônicas⁹⁹ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 12).

O primeiro contato do viajante com a Amazônia se deu justamente com a obra de seu conterrâneo: “Aí estava o germe, a semente. Tudo – a viagem, o olhar, o livro – começou naquela prosa simples e descuidada que discorria sobre uma esplendorosa cidade amazônica de finais do século XIX¹⁰⁰” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 13). Essa obra, porém, foi apenas o gatilho de interesse do viajante, visto que cita, em seu prólogo, que, após esse primeiro contato, ele chegaria à literatura de Alberto Vázquez-Figueroa (*Manaos*), Thiago de Mello (*Mormaço na floresta*), Milton Hatoum (*Náufragos de Eldorado*) e José Eustasio Rivera (*La Vorágine*).

Todas essas referências são utilizadas como uma forma de documento que acompanha o viajante durante o seu deslocamento pelo espaço, direcionando o olhar para determinados elementos, ajudando, dessa forma, a manter a ordem do relato pelo afastamento da dura realidade. Esse viajante desenvolve sua narrativa a partir de uma lista de vinte e cinco títulos citados no final da sua obra. Além deles, encontramos, no interior do texto, diversas referências a filmes, páginas da internet, verbetes de dicionário, entre outras. Dessa forma, fica evidente que Gutiérrez promove também uma viagem por relatos anteriores, romances e documentos históricos variados.

Afora os escritores citados, outros dois grandes nomes da literatura brasileira estão inseridos na bibliografia final do autor e merecem destaque nesta análise. O primeiro é Euclides da Cunha, que desenvolveu estudos a partir da sua inserção na região amazônica e buscou representá-la de acordo com uma interpretação fisiológica dos fenômenos naturais, em oposição à visão paradisíaca predominante nos visitantes da região. Essa oposição entre a imagem edênica e infernista é conhecida pelo viajante, visto que ele cita a obra *À margem da história*, porém não assimilada e desconstruída, como pudemos perceber na análise aqui realizada anteriormente.

⁹⁹ “No tengo nada contra la historia amazónica. Todo lo contrario: siempre me fascinó. Tampoco tengo nada contra el componente mágico de la jungla. También forma parte del relato. De hecho, el viaje comenzó ahí: en la literatura. Cuando tenía apenas trece años cayó en mis manos un pequeño libro divulgativo, *El Amazonas*, de J. M. Rubio. No sospechaba entonces que aquellas fotografías y aquellos textos desembocarían en mis viajes amazónicas” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 12).

¹⁰⁰ “Ahí estaba el germen, la semilla. Todo – el viaje, la mirada, el libro – comenzó en aquella prosa simple y descuidada que trataba sobre una esplendorosa ciudad amazónica de finales del siglo XIX” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 13).

Mário de Andrade é outro escritor que viajou pela Amazônia e merece a atenção do viajante. Para Gutiérrez (2010, p. 37), *Macunaíma* é um dos principais livros que precisam ser considerados para compreender a Amazônia e o Brasil, justamente por sintetizar a identidade do povo brasileiro construída pelo contato com o *outro*, o conseqüente sincretismo de culturas e a “mescla sanguínea negra, indígena e europeia, perdida entre a selva e o asfalto”¹⁰¹ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 37). A obra é utilizada como um norte para esse viajante que observa a miscigenação do povo por ele observado.

Além dos escritores citados no prólogo, também há menção ao antropólogo-viajante Claude Lévi-Strauss (*Tristes Trópicos*), que desenvolveu importantes estudos para as ciências humanas a partir da visita à região amazônica e do contato com as comunidades indígenas do Mato Grosso. Essa incursão pelos sertões brasileiros deu origem a diversos trabalhos produzidos durante sua estadia como professor na Universidade de São Paulo (USP). A obra referida por Gutiérrez foi publicada pelo antropólogo francês em 1955 e tenta desconstruir as imagens relacionadas às sociedades tropicais, questões que devem ser lidas levando em consideração os aspectos sociais desse autor que foi um dos fundadores do estruturalismo.

Porém, todos os livros citados até o momento parecem ganhar papel secundário em comparação com a última obra que chamou a atenção do viajante:

Olho o último grande livro amazônico que me cativou, *Grandes expedições à Amazônia brasileira*, de João Meirelles Filho, uma deliciosa enciclopédia de capa dura e formato grande que contém a história das 42 expedições mais míticas da Amazônia até 1930¹⁰² (GUTIÉRREZ, 2010, p. 13).

Bernardo Gutiérrez cita, em sua bibliografia, a versão da obra datada de 2008, ou seja, apenas dois anos antes da publicação do seu relato. Em função disso, entendemos que essa obra esteja no centro das suas referências, uma vez que possui a síntese das principais incursões pelo interior do Brasil durante os seus primeiros séculos de existência, podendo ser consultada de acordo com a necessidade do viajante em colocar alguma ordem nas informações adquiridas por ele a partir das experiências pessoais.

Como exposto anteriormente, essa obra foi desenvolvida a partir de uma profunda pesquisa e reúne informações importantes sobre quarenta e duas viagens que podem ser separadas em dois grupos, de acordo com os objetivos dos viajantes. Na primeira divisão se

¹⁰¹ “mezcla sanguínea negra, indígena y europea, extraviada entre la selva y el asfalto (GUTIÉRREZ, 2010, p. 37).

¹⁰² “Oje el último gran libro amazónico que me ha cautivado, *Grandes expedições à Amazônia brasileira*, de João Meirelles Filho, una deliciosa enciclopedia de tapa dura y gran formato que contiene la historia de las 42 expediciones más míticas de la Amazonia hasta 1930” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 13).

encontram as expedições que visavam à conquista de novos territórios e dominação da população nativa, caso das incursões realizadas por Vicente Yáñez Pinzón, acompanhado de vários membros de sua família, além de Diego de Lepe e Francisco de Orellana em companhia do cronista Padre Gaspar de Carvajal, no início do século XVI. O segundo grupo contempla os elementos de construção e desenvolvimento das ciências sociais e naturais da república, explicitado pelas célebres viagens de Cândido Rondon, figura que ilustra o último capítulo da referenciada enciclopédia (MEIRELLES FILHO, 2009, p. 10).

A figura de Rondon, referência central para Javier Nart, também é utilizada por Gutiérrez para retratar o seu bom relacionamento com os povos indígenas. Nesse mesmo contexto encontramos o padre Antônio Vieira, conhecido pela sua função religiosa na catequização dos povos naturais. Outras expedições, apenas citadas pelo viajante espanhol, sem referência direta em sua bibliografia e também apresentadas por Meirelles Filho (2009), são a Pedro Teixeira (1937,1939) relatada pelo frade Cristóbal de Acuña, Charles Marie de la Condamine (1743), João Daniel (1751-1758), Alfred Russell Wallace (1848-1852), Auguste F. Briard (1851), James Orton (1867-1877), Karl von den Steinen (1884, 1887-1888) e da princesa Therese Wittelsbacher da Baviera (1888).

Duas viagens referenciadas por Gutiérrez não constam do livro de Meirelles Filho. Citada no capítulo anterior, aventura do poeta inglês Sir Walter Raleigh (1594) merece ser considerada por seu posterior relato: *O descobrimento da Guiana*, publicado em 1596. Essa produção é apresentada como exagerada pelo viajante e considerada pelas descrições fantasiosas da selva, ressaltando a crença nas riquezas que poderiam ser encontradas no *El Dorado* brasileiro. Também por esse viés utópico aparece a expedição realizada por Lope de Aguirre (1559-1561) pelo Peru até o norte da Venezuela, onde foi morto pelas autoridades espanholas. Ele acreditava que o verdadeiro reino dourado se localizava em terras peruanas, por isso desejava conquistá-la. Essa expedição, relatada em diversas crônicas, inspirou uma série de romances históricos espanhóis e hispano-americanos, além de alguns filmes, um dos quais é citado no relato: *Aguirre: a cólera dos deuses*, de Werner Herzog, lançado em 1972.

Os relatos de viagens decorrentes dessas expedições representam a memória que acompanha os viajantes em seus movimentos físicos e nas reflexões anteriores à narrativa por ele produzida. A busca por referências em relatos orais de pessoas que encontram pelo caminho também faz parte dessa estratégia de reconstrução da memória. Sendo assim, as viagens iniciais servem como base para a produção de outras viagens e outros relatos, em um ciclo incessante e infinito.

Considerando essa sucessão de viagens, não podemos afirmar que todas as referências utilizadas pelos dois viajantes específicos foram identificadas, visto que seria uma prática impossível diante da posição de intertextualidade aceita neste trabalho. Porém, entendemos que todas essas obras compõem uma biblioteca sobre a memória amazônica, carregada como bagagem pelos viajantes, servindo como uma espécie de roteiro para o deslocamento físico e direcionando as reflexões sobre aspectos importantes da história, cultura e sociedade local. Ademais, precisamos enfatizar a impossibilidade de separar a realidade dos aspectos fantasiosos dessas produções, uma vez que os mitos amazônicos estão cristalizados no imaginário europeu que é alimentado pelos arquétipos desde as primeiras viagens marítimas para esta terra e pela conseqüente produção científica e literária.

A respeito das produções literárias, é preciso reconhecer ainda que Bernardo Gutiérrez se alimenta fortemente desses objetos artísticos, enquanto Javier Nart não indica obras específicas. Dessa forma, o primeiro viajante reconhece as particularidades do texto que intenta produzir, criando uma obra com alto grau de subjetividade e com uma estrutura que mistura características de outros gêneros narrativos. Essa hibridez evidencia que o narrador não maneja apenas as referências, mas também se inspira nelas para desenvolver um produto heterogêneo que não objetiva alcançar a verdade, mas que coloca o leitor em uma indiscutível fronteira entre o fato e o abstrato definível pela perspectiva individual, questão que nos transporta para as próximas seções deste trabalho.

3.2 - A ESCRITA EXPERIMENTAL DE BERNARDO GUTIÉRREZ

Considerando o relato produzido por Bernardo Gutiérrez, percebemos o seu objetivo de descobrir “como-conhecer-a-Manaus-contemporânea-sem-que-sejamos-enganados-pela-lenda¹⁰³” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 34), por isso utiliza sua bagagem literária composta por relatos anteriores e um número significativo de obras puramente ficcionais. Assim, precisamos entender a forma como o viajante-narrador administra a sua biblioteca, pois isso nos levará a pensar na forma incomum como ele estrutura o seu texto.

Voltando a sua viagem física, mais especificamente no trajeto que realiza para chegar a Zona Franca de Manaus, lugar idealizado em 1957 como Porto Livre e reformulado como Polo Industrial em 1967¹⁰⁴, durante a Ditadura Militar brasileira, para impulsionar o

¹⁰³ “cómo-conocer-a-la-Manaos-contemporánea-sin-que-nos-engañe-la-leyenda” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 34).

¹⁰⁴ Fonte: http://www.suframa.gov.br/zfm_historia.cfm

desenvolvimento amazônico, percebemos que o viajante se depara com algumas mulheres se protegendo do sol com guarda-chuvas e crianças vestindo seus uniformes escolares. A descrição de aspectos do cotidiano é comum nesse tipo de texto, porém causa estranheza a importância dada por ele aos telefones públicos brasileiros, artefato que o faz voltar ao tempo, para a sua primeira inserção na região amazônica:

Ao chegar ao Brasil, a princípios de 2004, quando ouvia um *orelhão* tocar, sentia uma ânsia irreprimível de pegar o telefone. Alguma vez, inclusive, respondia. Sempre havia uma voz do outro lado de linha, perguntando por alguém. A pessoa, como agora em Manaus, aparece do fundo do bar, da sombra, caminhando até o *orelhão*. Cheguei a escrever, entusiasmado, um conto intitulado *Cinco começos para um romance*, baseado nas chamadas dos *orelhões*. Cada tentativa, um possível início de romance ou conto, o início de algo¹⁰⁵ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 35).

Ao vincular o momento atual à sua primeira investida amazônica, Gutiérrez direciona o seu olhar para elementos que se afastam da sua própria realidade, chamando a atenção para aspectos exóticos encontrados pelo caminho. Discutimos alguns desses elementos no capítulo anterior, porém vale destacar a sua especial curiosidade pelas cabines telefônicas brasileiras, conhecidas popularmente como *orelhão*, por seu formato que parece imitar grandes orelhas humanas, órgão externo do sistema auditivo, responsável por captar os sons. Hoje em dia esses aparelhos estão praticamente em desuso, devido à ascensão dos telefones móveis no país.

O viajante, ao partir do contato com esse objeto apreciável, se afasta parcialmente da função jornalística para sobrelevar sua posição como literato, uma vez que inicia a sua viagem pela escrita, voltada integralmente para a fantasia. Nesse contexto, o autor investe na produção de cinco pequenas narrativas centradas na proliferação dos meios de comunicação e nos problemas causados por essa prática. Esses textos aparecem espalhados no decorrer do livro e podem ser consideradas de modo isolado ou agrupadas como um conto, pois apresentam os elementos essenciais para uma narrativa e estão vinculados a uma mesma temática.

Antes de entrar em contato com as narrativas propriamente ditas, precisamos justificar que escolhemos reproduzi-las integralmente neste trabalho como uma estratégia pensada para garantir a fluidez da leitura e a plena compreensão da temática abordada em

¹⁰⁵ “Al llegar a Brasil, a principios de 2004, cuando oía pitar un *orelhão*, sentía una irrefrenable ansia de coger el teléfono. Alguna vez, incluso, respondía. Siempre había una voz al otro lado de la línea, preguntando por alguien. La persona, como ahora en Manaus, aparece desde el fondo del bar, de la sombra, caminando hacia el *orelhão*. Llegué a escribir, entusiasmado, un cuento titulado *Cinco comienzos para una novela*, basado en las llamadas de los *orelhões*. Cada intento, un posible comienzo de novela o cuento, el inicio de algo” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 35).

todas elas. Dito isso, podemos iniciar esse passeio pelas produções ficcionais de Gutiérrez, inseridas em seu relato de viagens, indicando que todas estão baseadas em uma situação insólita e produzidas de forma a comprovar o caráter experimental da escrita, característica observada de forma bastante transparente já na primeira tentativa de criação do autor:

Uma cabine pública soa em um canto. A campainha histérica parece vir do próprio inferno. Um homem caminhando pela calçada pega o telefone.

– O João está?

– Não, ele acaba de morrer.

E desliga, rindo de sua ideia, de sua macabra invenção. No parágrafo seguinte, o homem tropeça, vira uma rua, encontra um cadáver de barriga para baixo, engravatado e sangrando. Em outro parágrafo, se resvala entre pressa e maus presságios. Depois do ponto e aparte, a polícia aguarda-o à porta da sua casa e acusa-o da morte de João Carvalho, Ministro da Fazenda. Quando o algemam, depois de duas páginas de suor, aparece uma mulata misteriosa que olha para ele e diz com voz familiar: “Então o João acabou de morrer”. Etcétera¹⁰⁶ (GUTIÉRREZ, 2010, p.35).

Esse primeiro texto em específico apresenta o início do mergulho do autor pela produção literária, pois discute, por meio de um processo metalinguístico, muito mais o processo de escritura do que os fatos em si. Apesar de ser um objeto digno de curiosidade, começamos a perceber que o telefone não é um aparelho benquisto pelo narrador, visto que o som que ele produz é descrito como infernal, podendo causar grandes problemas, até mesmo com o contato mais sutil, introduzindo o teor da discussão que se desenvolverá nas seguintes produções.

A segunda tentativa de criar um romance ou conto é apresentada após uma reflexão do narrador-viajante a respeito das redes de computadores que atingem até o povoado mais recôndito, diagnóstico feito após encontrar um cibercafé no município de Maués, localizado no interior do estado do Amazonas, região conhecida pela produção de guaraná. A invasão dos meios de comunicação nas cidades da selva amazônica representa a integração da região ao mundo globalizado e pode ser encarado como um processo natural de encontro cultural. Gutiérrez, por sua vez, considera preocupante esse contato do homem natural com a máquina.

¹⁰⁶ “Suena una cabina pública en una esquina. El timbre histórico parece venir del mismísimo infierno. Un hombre que camina por la acera coge el teléfono.

– ¿Está João?

– No, acaba de morir.

Y cuelga, riéndose de su ocurrencia, de su macabra invención. En el siguiente párrafo el hombre se tropieza, dobla una calle, se encuentra con un cadáver boca abajo, encorbatado y sangrante. En otro párrafo, se resbala entre prisas y malos presagios. Después del punto y aparte, en la puerta de su casa la policía le espera y le acusa de la muerte de João Carvalho, ministro de Finanzas. Cuando lo esposan, tras dos páginas de sudores, aparece una mulata misteriosa que le mira y le dice con una voz familiar: ‘Así que João acaba de morir’. Etcétera” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 35).

Nessa perspectiva, o narrador realiza uma forte crítica à rede social popular no início do século, afirmando que nas cidades amazônicas “Deus se chama Orkut. Não, o filho de Deus se chama Orkut. O pai se chama Orkut Büyükkökten¹⁰⁷” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 59). O viajante utiliza a internet como meio de pesquisa, porém não consegue conceber que o *outro* possa fazer o mesmo, deixando transparecer a sua posição de poder, o seu lugar no mundo. Essa situação também evidencia o intento de preservar a memória histórica e cultural da região, uma vez que procura conservar a ideia paradisíaca da Amazônia em detrimento do inferno trazido pela tecnologia.

Assim, por meio das inserções ficcionais, o autor explicita um pensamento relacionado com o axioma colonizador, indicando, em tom apocalíptico, que o declínio amazônico acontecerá justamente pela inserção de diferentes meios de comunicação e produtos tecnológicos na região.

O declínio da cidade amazônica começou quando o computador central da companhia telefônica explodiu, a centenas de quilômetros de distância. A partir de então começaram a se confundir, ineludivelmente e para sempre, os destinos de seus habitantes. As chamadas começaram a se cruzar. Primeiro eram tímidas interferências de palavras. Uma frase que se juntava como que por acaso em uma frase alheia, uma chamada paralela. Mas justamente quando os habitantes começaram a se acostumar com as intromissões verbais, o jogo de espelhos ou ecos transformou para sempre o destino do mundo. As vozes de todos os telefones soavam iguais, com um crepitar cinzento de fundo que fazia desaparecer as nuances e as cores das vozes. Por isso ninguém suspeitou que suas conversas acontecessem com interlocutores cruzados. Tornou-se comum conversar com um eco rouco. As brigas, os equívocos e os gritos eram inevitáveis. Durante as noites, as ruas da cidade equatorial desapareciam literalmente do mapa. A companhia elétrica parou de funcionar devido a uma disputa telefônica intransponível entre seu diretor e seu principal acionista. Os bares, em ruas sombrias, estavam cheios de divorciados e divorciadas que tentavam entender as razões da repentina separação. A polícia começou a prender os inocentes, enquanto os réus nauseabundos saíam impunes das celas da delegacia. Os artistas, deprimidos pela insistente rejeição telefônica dos diretores das galerias da distante capital do Estado, suicidavam-se em plena luz do dia. Enquanto isso, alguns banqueiros mudaram as salas de leilão por telefone e ocuparam o anterior trono boêmio. Quando um dia os telefones pararam de tocar de uma vez por todas, o destino do mundo estava tão confuso que ninguém ousou alterar a inapelável ordem das coisas. Os poetas eram poetas. E os assassinos, assassinos. Etcétera¹⁰⁸ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 60).

¹⁰⁷ “Dios se llama Orkut. No, el hijo de Dios se llama Orkut. El padre de llama Orkut Büyükkökten” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 59).

¹⁰⁸ “El ocase de la ciudad amazónica comenzó cuando el ordenador central de la compañía de teléfonos estalló, a cientos de kilómetros de distancia. A partir de entonces comenzaron a confundirse, ineludiblemente y para siempre, los destinos de sus habitantes. Las llamadas empezaron a cruzarse. Primero eran tímidas interferencias de palabras. Una frase que se colaba como por casualidad en una frase ajena, en una llamada paralela. Pero justo cuando los habitantes comenzaron a acostumbrarse a las intromisiones verbales, el juego de los espejos o ecos trastocó para siempre el destino del mundo. Las voces de todos los teléfonos sonaban ya iguales, con un crepitar grisáceo de fondo que hacía desaparecer los matices y colores de las voces. Por eso nadie sospechó que sus conversaciones discurrían con interlocutores cruzados. Hablar con un eco ronco se convirtió en lo habitual. Las

Um problema com o computador atingiu a rede de telefonia, causando problemas a uma grande quantidade de pessoas que passaram, gradativamente, a perder suas identidades individuais, tornando-se parte de um coletivo homogeneizado. A falta de contato físico e a crescente valorização do contato virtual colaboram para produzir essa massa uniforme, sem coloração na voz, sem as singularidades que distinguem os seres humanos, sem características próprias, sem identidade.

A empresa distribuidora de energia também entra em colapso devido ao problema tecnológico que assolou a região, dando a entender que a ordem mundial depende desses mecanismos de comunicação e sem eles os arranjos sociais começam a entrar em declínio, suscitando discussões, brigas, suicídios, problemas de ordem familiar e jurídica, fatores que fazem com que a sociedade caminhe para uma espécie de histeria coletiva.

Ademais dos problemas culturais, Gutiérrez faz um alerta para o grande número de frustrados produzidos pelas engrenagens capitalistas, por uma sociedade voltada aos bens de consumo e pela grande desigualdade social. A ideia de fracasso nasce justamente dessa dura hierarquia em que as pessoas estão inseridas, onde poucos têm domínio sobre uma maioria que não consegue atingir o patamar econômico sonhado.

Nesse contexto, precisamos pensar mais profundamente nos problemas culturais advindos pelo avanço tecnológico e a consequente diminuição das fronteiras amazônicas, questão discutida quando, em Parintins, sentado em “uma rua ampla minada de cibercafês¹⁰⁹” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 104), o viajante inicia uma viagem pelo importante festival folclórico que ocorre na região. Esse evento repercute lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos que são traduzidos por alegorias e encenações.

O Festival Folclórico de Parintins está centrado em personagens humanos e seres fantásticos, principalmente no mito de um boi morto por um homem escravizado para satisfazer aos desejos de sua esposa grávida. O enredo se desenvolve quando o dono da fazenda descobre o sumiço do seu animal, ordenando que o causador do problema devolva o que lhe pertence. Nesse ínterim surge o elemento mágico, quando o boi é ressuscitado com a

peleas, los equívocos, los gritos, fueron inevitables. Durante las noches, las calles de la ciudad ecuatorial desaparecían literalmente del mapa. La compañía eléctrica dejó de funcionar por una insalvable disputa telefónica entre su director y su principal accionista. Los bares, sobre calles sombrías, se llenaron de divorciados y divorciadas que intentaban entender los motivos de la repentina separación. La policía comenzó a detener a inocentes, mientras reos nauseabundos salían impunes de las celdas de la comisaría. Los artistas, deprimidos por el insistente rechazo telefónico de los directores de las galerías de la lejana capital del Estado, se suicidaban a plena luz del día. Mientras tanto, algunos banqueros movían las salas de subastas a golpe de teléfono y ocupaban el anterior trono de la bohemia. Cuando un día los teléfonos dejaron de sonar de una vez por todas, el destino del mundo estaba tan enmadrado que ya nadie se atrevió a alterar el inapelable orden de las cosas. Los poetas eran poetas. Y los asesinos, asesinos. Etcétera” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 60).

¹⁰⁹ “una calle amplia minada de cibercafês” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 104).

ajuda de curandeiros, valorizando os indivíduos detentores de poderes advindos da natureza em detrimento da violência colonial.

Imerso nas festividades e nas reflexões acerca da força cultural da região amazônica, Gutiérrez acredita ouvir a campainha de um orelhão em formato bovino, evento que estimula uma nova viagem pela escrita, uma nova tentativa de criação literária:

Quando viu pela televisão que havia um rincão no mundo onde latas de Coca-Cola eram azuis, ele sabia que ela estava ali, que tinha ido àquele povoado amazônico abandonado apenas para fodê-lo. O azul era a cor de sua ex-esposa. E mais do que isso, era o símbolo de seu conflito, sua falta de entendimento, seu crescente ódio. Nada incomodava mais Arthur, responsável pela distribuição internacional de Cola-Cola, do que o fato de sua esposa se vestir de azul após cada discussão. É como se ele bebesse o elixir de seu inimigo, a Pepsi, debaixo do seu próprio nariz. Quando sua esposa desapareceu, Arthur, cego de ira, começou a fabricar a vingança perfeita. Depois de conversar com um amigo da área de informática, a única coisa que lhe ocorreu foi uma brincadeira maldosa para apaziguar seu mal-estar. Graças a um *plug-in* exclusivo que seu amigo Tony desenvolveu, poderia, por meio Skype, efetuar uma ligação que ressoaria simultaneamente em todas as cabines públicas de uma determinada cidade. Depois da gargalhada inicial, ele esfregou as mãos e imaginou até mesmo o menor detalhe de seu plano ardiloso. Depois de se informar na Internet, ele aprendeu que, devido ao calor, os habitantes saem às ruas após o entardecer. O plano estava claro. Ligaria no exato momento de máxima movimentação. E conforme fossem respondendo, começam a gritar, em um infernal Inglês além-túmulo, o que tentava dizer desde que sua esposa tinha desaparecido, “Você é uma puta, Paty, e nunca te perdoarei por ter se casado com uma liga azul. Você pode apodrecer na selva, não quero ver você de novo; desfrute de uma Coca-Cola gelada; mesmo que seja azul, vai se lembrar de mim”. O que Arthur nunca imaginou é que o plano seria o começo do fim do reinado da Coca-Cola, primeiro em Parintins, depois no Estado do Amazonas. Um ano depois, o mercado brasileiro viraria as costas à marca, um sintoma do colapso da Coca-Cola no mundo. A chamada funcionou, não apenas nas cabines, mas em todas e cada uma das casas. Após da ligação de vingança [os paritianos (*sic*) riram sem parar de algumas palavras que ninguém entendeu], a rede telefônica ficou danificada. Desde então, nas conversas telefônicas, o ouvinte sempre era a pessoa errada. Os seguidores do Boi Garantido abandonaram o vermelho. Arthur nunca soube o que havia acontecido, por que os brasileiros começaram a odiar a empresa que ele representava. Tampouco entendia por que sua esposa tinha conhecido, no jogo dos espelhos telefônicos, o amor de sua vida, um *cafuzo* (mistura de negro e índio) chamado Pepsi. Etcétera, etcétera¹¹⁰ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 106).

¹¹⁰ “Cuando vio por la televisión que existía un rincón en el mundo donde las latas de Coca-Cola eran azules, supo que ella estaba allí, que había ido a aquel abandonado pueblo amazónico solo para joderlo. El azul era el color de su ex mujer. Y más que eso, era el símbolo de su conflicto, de su falta de entendimiento, de su creciente odio. Nada fastidiaba más a Arthur, responsable de la distribución internacional de Cola-Cola, que el hecho de que su mujer se vistiera de azul después de cada discusión. Es como si bebiera el elixir de su enemigo, la Pepsi, en sus mismísimas narices. Cuando su mujer desapareció, Arthur, ciego de ira, empezó a fabricar la venganza perfecta. Después de hablar con un amigo informático, lo único que se le ocurrió fue una gamberrada para aplacar su malestar. Gracias a un *plug-in* exclusivo que su amigo Tony había desarrollado, desde el Skype se podía efectuar una llamada que resonaría simultáneamente en todas las cabinas públicas de determinada ciudad. Tras la carcajada inicial, se frotó las manos e imaginó hasta el más mínimo detalle de su retorcido plan. Después de informarse en Internet, supo que, debido al calor, los habitantes de la ciudad salen a la calle después del atardecer. El plan estaba claro. Llamaría en el momento exacto de máxima concurrencia. Y según fuesen respondiendo comenzaría a gritar, en un infernal inglés de ultratumba, lo que llevaba intentando decir desde que su mujer había desaparecido: ‘Eres una puta, Paty, y nunca te perdonaré que te casases con una liga azul. Puedes

A presença dos meios de comunicação tem papel fundamental no relato de Gutiérrez desde o seu primeiro momento na cidade de Manaus, quando observa os pequenos indígenas *sateré mawé* brincando com a réplica de um telefone celular e próximos a uma grande televisão. Associando essas informações à narrativa ficcional reproduzida anteriormente, diagnosticamos o potencial desses eletrônicos em atingir todo tipo de pessoas, adultos e crianças, ricos e pobres, moradores dos grandes centros e a população das comunidades mais isoladas do Brasil. Dessa forma, percebemos que a informação adentra nas casas dos povos ribeirinhos amazônicos e as grandes empresas associam as suas marcas a aspectos da cultura local, como o fato da Coca-Cola criar latas personalizadas nas cores dos bois de Parintins: azuis para os torcedores do Caprichoso e vermelhas para os admiradores do Garantido.

Da mesma forma que esses indivíduos consomem essas informações, também eles se tornam alvo dos meios de comunicação, uma vez que Arthur, o protagonista da narrativa anterior, entra em contato com esse lugar escondido no meio da selva por meio da televisão. Diante disso, percebemos a intenção do narrador em discutir a amplitude desses meios de comunicação e a sua importância para essa integração e também para o afastamento popular.

É também por meio de artefatos tecnológicos que o personagem pode colocar em prática a retaliação contra a sua ex-esposa, já que todo o plano é elaborado com a internet como suporte. A vingança é realizada de acordo com o planejado, porém as ligações realizadas por meio de um programa de computador acabam atingindo um público maior do que o pretendido, ou seja, uma atitude pensada como grande que se torna um problema generalizado. Com o tempo entramos em contato com os efeitos causados até mesmo para a multinacional Coca-Cola que perde espaço nacional, questão que poderia ser lida de forma positiva se não fosse o fato de toda a intriga ocorrer por sua causa, indicando que, mesmo com o afastamento do comércio, o mal já estava plantado, as redes telefônicas danificadas, relações interpessoais afetadas e a cultura tradicional desestabilizada.

É patente que, na visão de Gutiérrez, a utilização dos eventos folclóricos e tradicionais para gerar dinheiro não produz bons frutos. As duas marcas de refrigerantes

pudrirte en la selva, no quiero volver a verte; disfruta, eso sí, de una fresca Coca-Cola; aunque sea azul, te sabrá a mí'. Lo que Arthur nunca llegó a imaginar es que el plan supondría el principio del fin del reinado de la Coca-Cola, primero en Parintins, después en el Estado de Amazonas. Un año más tarde, el mercado brasileño daría la espalda a la marca, síntoma de la debacle de Coca-Cola en el mundo. La llamada funcionó, y no solo en la (*sic*) cabinas, sino en todas y cada una de las casas. Después de la llamada de la venganza (los paritianos (*sic*) se rieron sin parar de unas palabras que nadie entendió), la red telefónica quedó dañada. Desde entonces, en las conversaciones telefónicas, el oyente siempre era la persona equivocada. Los seguidores del Boi Garantido abandonaron el rojo. Arthur nunca supo qué había ocurrido, por qué los brasileños comenzaron a odiar a la empresa que representaba. Tampoco entendió jamás por qué su mujer había conocido, en el juego de los espejos telefónicos, al amor de su vida, un *cafuzo* (mezcla de negro e indio) llamado Pepsi. Etcétera, etcétera" (GUTIÉRREZ, 2010, p. 106).

simbolizam o mercados que não se preocupa verdadeiramente com a sociedade a que se destina, privilegiando apenas a obtenção de vantagens materiais pela atividade econômica exercida. Então, podemos afirmar que os transtornos causados pelo capitalismo são visíveis, mesmo em uma narrativa que não se apresenta de forma coerente.

A falta de compromisso social e os interesses escusos das grandes instituições também são temas dignos de discussão. Em Santarém, após um atraso na embarcação e a obrigação de permanecer na cidade por mais um dia, fora do seu cronograma original, o viajante indica ter ouvido o toque de uma cabine telefônica, aproveitando o ensejo para retomar o texto inicial inconcluso:

Os meios de comunicação atribuíram o surto de mortes misteriosas à onda de calor que assolou a região por 23 dias e 24 noites. A morte do ministro da Fazenda foi esquecida entre as centenas de cadáveres que se aglomeravam nos velórios. A situação virou quando o jornalista A. insinuou em sua coluna diária que o segredo não estava na onda de calor, mas no enlouquecimento das cabines telefônicas. A versão da Prefeitura foi que o calor tinha rompido o sistema informático da rede telefônica e, por isso, tocavam sem parar. Até que A. publicou sua irônica e sugestiva coluna, as pessoas se aproximaram das cabines telefônicas, pegavam o aparelho e respondiam a primeira coisa que lhe passava pela cabeça.

– Compre, claro. As ações estão subindo.

Ou se envolviam em conversas de amor que nasciam do outro lado da linha.

– Sim, meu amor, prometo que você sempre terá um parceiro ao seu lado.

Quando a esposa do falecido ministro apareceu na televisão, no noticiário de maior audiência, fazendo algumas declarações inéditas, a cidade ficou paralisada:

– Liguei para o meu marido no dia em que ele morreu e alguém me disse que ele tinha acabado de morrer. Acredito que foi o começo do surto de chamadas para cabines públicas. Etcétera¹¹¹ (GUTIÉRREZ, 2010, p. 163)

A morte do ministro da Fazenda, retratada em duas situações, é apenas uma dentre muitas outras ocorrências na cidade. Não há uma explicação racional para esses acontecimentos, porém entramos em contato com uma versão dos fatos registrada pelo governo e prontamente veiculada pelos meios de comunicação. Essa versão associa o grande número de mortes ao calor que assolou a região, porém um jornalista publica uma informação

¹¹¹ “Los medios de comunicación atribuyeron la oleada de muertes misteriosas a la ola de calor que asoló la región durante 23 días y 24 noches. La muerte del ministro de Finanzas quedó bastante desdibujada entre las centenas de cadáveres que se aglomeraban en los tanatorios. La situación dio un vuelco cuando el periodista A. insinuó en su columna diaria que el secreto no estaba en la ola de calor, sino en el enloquecimiento de las cabinas de teléfonos. La versión del Ayuntamiento fue que el calor había trastocado el sistema informático de la red telefónica, por e eso sonaban sin parar. Hasta que A. publicó su irónica y sugerente columna, la gente se acercaba a las cabinas telefónicas, cogía el auricular y respondía lo primero que le pasaba por la cabeza.

– Compra, por supuesto. Las acciones están subiendo.

O se enredaban en conversaciones de amor que nacían al otro lado de la línea.

– Sí, mi amor, te prometo que siempre tendrás un compañero a tu lado.

Quando salió la esposa del ministro fallecido en la televisión, en el informativo de máxima audiencia, haciendo unas declaraciones inéditas, la ciudad se paralizó:

– El día que murió mi marido le llamé y alguien me respondió que acababa de morir. Creo que fue el comienzo de la oleada de llamadas a las cabinas públicas. Etcétera” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 163).

conhecida por nós leitores, indicando que as ocorrências nada têm a ver com a situação climática, mas, sim, com o próprio enlouquecimento das cabines telefônicas. Por essas informações podemos depreender que o problema está vinculado com o próprio funcionamento do meio de comunicação. Essa discussão converge para uma preocupação de Bernardo Gutiérrez, uma vez que conhecemos a sua preferência pelos meios colaborativos de transmissão de informações em detrimento das grandes e poderosas instituições. O jornalista privilegia a liberdade de produção e de pensamento.

O funcionamento anormal do aparelho telefônico também chama a atenção, pois direciona o olhar novamente para o colapso comunicativo. Ao mesmo tempo em que toca sem parar, ninguém se prontifica a atender essas ligações. Essa questão nos encaminha para a quinta e última narrativa apresentada pelo autor em um momento de descontração e reflexão pelas ruas de Belém.

A primeira chamada foi apenas um tinido fraco que parecia o soporífero crepitar de um grilo. Apenas um transeunte parou para contemplar a cabine pública enquanto emitia sua lamúria. Pouco a pouco, todas as cabines da cidade começaram a tocar com uma insistência tão doentia que ninguém podia ignorá-las. Nos primeiros dias, os cidadãos se cruzavam pelas ruas, olhavam um nos olhos dos outros e sorriam ante a insólita piada dos cabos telefônicos. Depois de uma semana os olhares se tornaram esquivos, nervosos, alterados. Depois de algumas semanas, a vida tornou-se um triste esquivar dos tinidos: *discman*, fones de ouvido, protetores auriculares, vendas de plástico sobre os ouvidos. O pânico não chegou até que o principal jornal da cidade publicou uma informação em seu portal: bastava que alguém atendesse ao telefone para pôr fim no incômodo ruído. A vida continuou entre protetores auriculares e olhos virados para o chão. Os rumores de cidadãos que morreram fulminados no momento em que atenderam ao telefone se tornaram tão fortes que a cada dia era mais difícil ver alguém nas ruas. Pouco serviu os pedidos de calma da Prefeitura feitos nos principais jornais, os agradáveis e jocosos discursos do governo ou os espetáculos de humor infestados de piadas de telefone que dominavam os salões de festas de uma cidade cada vez mais desértica. O tinido intermitente, multiplicado ao infinito por um eco confuso, provocou uma lenta e inexorável debandada humana, uma lenta fuga a parte nenhuma. Ao ponto da cidade se esvaziar, ninguém para explicar aquele tinido telefônico, aquela imitação ruim das cigarras, aquele som oco e neutro que um dia acabou substituindo a vida, etcétera¹¹² (GUTIÉRREZ, 2010, p. 181).

¹¹² “La primera llamada fue apenas un pitito débil que parecía el soporífero crepitar de un grillo. Apenas un transeúnte se paró a contemplar la cabina pública mientras emitía su quejido. Poco a poco, todas las cabinas de la ciudad empezaron a sonar con una insistencia tan enfermiza que nadie podía ignorarlas. Los primeros días, los ciudadanos se cruzaban en la calle, se miraban a los ojos y sonreían ante tan insólita broma de los cables telefónicos. Después de una semana, las miradas se volvieron esquivas, nerviosas, alteradas. Unos meses más adelante, la vida se convirtió en un triste eludir del pitido: la gente desfilaba insomne con todo tipo de artilugio para evitar aquel irritante sonido: *discman*, orejeras, tapones, vendas de plástico sobre los oídos. El pánico no llegó hasta que el principal diario de la ciudad publicó una información en su portada: bastaba con que alguien contestarse el teléfono para poner fin a tan molesto sonido. La vida siguió entre tapones y miradas al suelo. Los rumores de ciudadanos que morían fulminados en el momento de coger el teléfono se hicieron tan fuertes que cada día era más difícil ver alguien por las calles. De poco sirvieron las llamadas a la calma del Ayuntamiento en los principales diarios, los apacibles y jocosos discursos del presidente del Gobierno a los espectáculos de humor

O problema começou com um único telefone não atendido, mas não demorou a se alastrar para todas as cabines da cidade, gradação observada também na reação dos transeuntes. Inicialmente as pessoas aceitam o acontecimento como uma brincadeira, mas a sucessão de campainhas agudas vindas dos aparelhos começam a se transformar em uma confusão generalizada, que poderia ser resolvida com facilidade quando alguém atendesse um dos telefones, porém, ao invés disso, a população preferiu se afastar da cidade, uma espécie de fuga em massa para lugar nenhum.

Essa passagem retrata uma espécie de apocalipse que ocorre após o colapso comunicativo, uma vez que a sinfonia de chamadas telefônicas acaba por deslocar todas as pessoas para outra cidade, substituindo a vida na região. Todas as narrativas ficcionais apresentadas na obra e reproduzidas anteriormente parecem indicar que a invasão dos meios de comunicação tem transformado a realidade amazônica, fazendo com que um novo ciclo se inicie. Todos esses problemas gerados pela globalização são irreversíveis, uma vez que os seres humanos não regredirão, mas todo esse processo é compreendido como natural, uma vez que as identidades se atualizam. As pessoas de ontem já não vivem mais na cidade de hoje, por isso a debandada citada no último excerto não passa de uma metáfora que indica essa transformação realizada de forma involuntária pelas pessoas que estão inseridas em determinada realidade que também se transforma.

Esse cenário apocalíptico colabora para a desconstrução do estereótipo clássico que concebe a Amazônia como um paraíso intocado, reduto de pessoas boas, generosas, imaculados e plenamente integradas ao seu entorno. Então, a ficção presente na obra é utilizada para recriar os imatopos clássicos, uma forma de negar ao ambiente o caráter edênico e aos habitantes a mítica posição como “bons selvagens”.

Como vimos anteriormente, os “Cinco começos para um romance” desenvolvidos por Bernardo Gutiérrez discutem questões relacionadas com a inserção da tecnologia em ambientes periféricos, porém a sua utilização neste trabalho acontece principalmente pelo caráter experimental desse exercício. É verdade que o relato de viagens nasce no vácuo entre a realidade e a ficção, porém Gutiérrez acrescenta uma pitada extra de fantasia a sua obra, evidenciando o caráter fronteiro do gênero.

plagados de chistes de teléfonos que copaban las salas de fiestas de una urbe cada vez más desértica. El pitido intermitente, multiplicando hasta el infinito por un eco confuso, provocó una lenta e inexorable estampida humana, una lenta huida hacia ninguna parte. Hasta el punto de que no quedó nadie en la ciudad para contarle, nadie para explicar aquel pitido telefónico, aquella mala imitación de las cigarras, aquel sonido hueco y neutro que un día acabó sustituyendo a la vida, etcétera” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 181).

É patente que todo romance nasce das experiências vividas, das memórias de quem escreve, funcionando como um estímulo para a imaginação. Essa afirmação nos leva a compreender que “não se escrevem romances para contar a vida senão para transformá-la, acrescentando algo a ela¹¹³” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 17). Em outras palavras, a realidade é utilizada como suporte, como ponto de partida em direção ao mundo fantasioso da ficção.

Mario Vargas Llosa afirma que os romances mentem, porque, de modo geral, os seres humanos não estão felizes com a vida que levam e, por esse motivo, precisam criar um universo paralelo onde possam ser e fazer aquilo que desejam verdadeiramente. Para isso existe a ficção, pois no “embrião de todo romance agita-se uma inconformidade, bate um desejo insatisfeito¹¹⁴” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 16).

A questão da realidade na literatura já foi discutida anteriormente, porém resta-nos pensar com mais ênfase na questão do narrador e sua viagem pela escrita, considerando, essencialmente, nosso material de estudo neste tópico. Para tanto, diagnosticado o alto nível ficcional dos excertos analisados, poderíamos pensar que eles estão totalmente deslocados da realidade, visto que descreve o impossível, a total irrealidade. Contrariando esse pensamento, Vargas Llosa indica que

Pareceria, com efeito, que para o romancista de linhagem fantástica, o que escreve mundos irreconhecíveis e notoriamente inexistentes, não há sequer o cotejo entre a realidade e a ficção. Na verdade há, ainda que de outra maneira. A “irrealidade” da literatura fantástica se volta, para o leitor, como símbolo de alegoria, quer dizer, representação de realidades, de experiências que se pode identificar na vida. O importante é isso: não é o caráter “realista” ou “fantástico” de uma história o que traça a linha fronteira entre verdade e mentira na ficção¹¹⁵ (VARGAS LLOSA, 2007, p. 19).

Ao vincular ao seu relato uma escrita experimental puramente fantástica, Gutiérrez mostra que o aspecto asfixiante que a realidade pode proporcionar. O contato com outro mundo causa a necessidade de partir para a fantasia. Nesse caso específico, o ambiente caótico enfrentado pelo viajante faz com que ele deseje recriar essa paisagem. Ao entrelaçar a realidade histórica com a ficção explícita, o narrador-viajante tece deliberadamente um texto

¹¹³ “No se escriben novelas para contar la vida sino para transformarla, añadiéndole algo” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 17)

¹¹⁴ “embrión de toda novela bulle una inconformidad, late un deseo insatisfecho” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 16).

¹¹⁵ “Parecería, en efecto, que para el novelista de linaje fantástico, el que describe mundos irreconocibles y notoriamente inexistentes, no se plantea siquiera el cotejo entre la realidad y la ficción. En verdad, sí se plantea, aunque de otra manera. La ‘irrealidad’ de la literatura fantástica se vuelve, para el lector, símbolo o alegoría, es decir, representación de realidades, de experiencias que sí puede identificar en la vida. Lo importante es esto: no es el carácter ‘realista’ o ‘fantástico’ de una anécdota lo que traza la línea fronteriza entre verdad y mentira en la ficción” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 19).

que se configura como a mistura de relato e narrativa de viagens, estratégia utilizada para que o indizível possa ser representado.

Quando uma sociedade é muito fechada ou apresenta muitos problemas não é possível representar exatamente a realidade por meio das palavras, então se utiliza a ficção para que possamos ser aquilo que queremos, viver aquilo que fantasiamos ou desejamos. As mentiras nos romances nunca são gratuitas, sempre nascem como alguma esperança devido à insuficiência da vida. A fantasia proporciona a segurança, o refúgio necessário para que se possa aperfeiçoar a realidade, sempre imperfeita e hostil; por esse motivo, sempre que há o contato com a realidade dura da vida, as ficções se tornam mais presentes, transformando a insegurança em desejo de mudança, a opressão em liberdade.

O romance precisa transmitir uma verdade, mesmo que ilógica; e isso é conseguido pela capacidade de persuasão do escritor, sua força comunicativa, seu potencial imaginativo, porque, como declara Vargas Llosa (2007), o bom romance sempre diz a verdade, enquanto o romance ruim mente. Isso é definido pela necessidade que o texto ficcional precisa ter em iludir o leitor. Sendo assim, verdade e mentira são conceitos puramente estéticos, visto que é construído pela capacidade do escritor em recriar a realidade da forma mais coerente e verossímil possível.

Por fim, resta-nos ressaltar que não é coincidência o fato do narrador em questão inserir dez obras literárias em sua bibliografia final. Essas produções artísticas auxiliam na construção criativa da realidade por meio de um complexo discurso que se configura como um diferencial desse narrador que utiliza a sua biblioteca não apenas como referência para as viagens, mas também para a escrita.

3.3 - ESCREVER AS VIAGENS (ENTRE FICÇÃO E RELATO DE VIAGENS)

É inegável, a partir das informações apresentadas anteriormente, que os dois viajantes possuem um conhecimento acerca do espaço, da história política e social, porém as imagens produzidas se afastam de acordo com o modo que eles se relacionam com essas referências. Conforme eles descrevem os aspectos observados, retomam inúmeros textos sobre a memória da região e costuram esse emaranhado de referências, possibilitando o surgimento dos seus relatos pessoais. Por isso, é possível afirmar que a estrutura dos relatos pode variar de acordo com a forma como o viajante enfrenta a biblioteca.

Por exemplo, Javier Nart valoriza a “leitura como atividade não só recomendável, mas obrigatória, para quem pretende fazer algo mais do que percorrer uma paisagem¹¹⁶” (NART, 2002, p. 241). Assim, ele utiliza essa biblioteca como base teórica para produzir suas imagens do local visitado, somando às opiniões de pessoas encontradas pelo caminho a essas produções. A partir disso, entendemos que a sua visão é transmitida como verdade absoluta e, por apresentar essa convicção, há a busca de referências, vozes autorizadas, para comprovar as construções imagéticas construídas a partir de elementos da sua subjetividade. É certo que ele estudou, tem algum conhecimento sobre a história do Brasil, porém, por suas estratégias, as construções imagéticas evidenciam o seu caráter eurocêntrico.

Todas as imagens produzidas por esse viajante se desenvolvem como uma tentativa de assegurar a posição heroica dos personagens históricos e também com a função de reproduzir os mitos sobre o Brasil veiculados desde os primórdios. É certo que, ao reescrever um mito, o escritor também recupera a história dessa imagem, no entanto precisamos pensar na dupla função da intertextualidade nesse sentido. Nart parece trabalhar com a valorização pura e simples do assunto anteriormente discutido por outros escritores, sem haver nesse processo a preocupação com uma releitura efetiva dessas produções. Assim, podemos afirmar que esse viajante se comporta como um turista típico que se desloca apenas para conferir o que já está criado no imaginário coletivo.

Esse viajante se propõe a ser um guia de viagem, pois se baseia em uma verdade por ele construída, internalizada e disseminada, colocando-se em uma posição privilegiada, capaz de transmitir a pura realidade, porém o que chega ao leitor é um texto com base no senso comum. Dessa forma, a noção de verdade é compreendida como intrínseca às experiências dos indivíduos, uma noção vinculada ao seu íntimo, evidenciando o caráter individualista dessa definição. Diante disso, percebemos que o tema da verdade está diretamente ligado com a sinceridade, como uma perspectiva desenvolvida a partir de elementos íntimos do autor do documento.

Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” – como a literatura tem designado –, que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões “íntimas e profundas” do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade (GOMES, 2004, p. 14).

¹¹⁶ “lectura como actividad no sólo recomendable, sino obligada, para quien pretenda hacer algo más que transcurrir, recorrer un paisaje” (NART, 2002, p. 241).

Reconhecendo a verdade como uma possibilidade que se exprime pela categoria da sinceridade, percebemos que ela não é mais unitária, mas “passa a ser pensada em sentido plural, como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida” (GOMES, 2004, p. 14). Então, a escrita de Javier Nart em primeira pessoa assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela uma verdade baseada nas suas experiências e embasada na sua própria biblioteca, escolhida de forma partidária. O que é transmitido não está baseado no que se ouve, mas o que o autor diz ter visto, e, por isso, não explicita exatamente o que se sentiu e experimentou em relação aos acontecimentos.

Fica evidente que esse viajante lança, em maior ou menor nível, seu olhar colonizador sobre o Brasil e, conseqüentemente, sobre tudo o que nele existe, que são descritas pelos aspectos simplistas e superficiais, preconceitos instituídos pela mídia nacional e internacional. Dessa forma, ele assume nesse contexto o papel protagônico, colocando-se em uma posição privilegiada, o que lhe permite apresentar informações que se configuram como a única realidade, determinando, por meio dessa visão única e direcionada, a perspectiva do que está sendo relatado.

Para tanto, Nart utiliza majoritariamente referências militares, o que exibe a presunção de superioridade moral e consciência suprema dos fatos, postura que parece resistir também dentro das Forças Armadas. Essa posição ideológica faz com que, supostamente, essas referências ganhem maior credibilidade, confiabilidade e legitimidade, tornando o discurso mais verossímil. Porém, essa postura evidencia somente o preconceito do viajante, uma vez que ele acredita que os militares em geral possuem qualidades superiores se comparado aos cidadãos comuns.

Faz-se necessário recordar que o viajante esteve inserido no mundo militar em seus “vinte anos como correspondente de guerra¹¹⁷” (NART, 2002, p. 224), fato que evidencia a sua impossibilidade de se manter totalmente fora da órbita de interesses estratégicos dessa classe e a dificuldade de se distanciar dos pensamentos que permeiam os indivíduos inseridos nesses grupos hegemônicos. Por consequência, podemos depreender o relato de viagens como um texto composto pela representação produzida pelo autor e, ao mesmo tempo, como um autor que está sendo representado no texto. Isso significa que a escrita de si está formulada a partir da identidade do seu autor e também do próprio texto literário, visto que é constituída de imagem e representação, experiência e intertextualidade.

¹¹⁷ “veinte años de corresponsal de guerra” (NART, 2002, p. 224).

Nessa perspectiva, diferentemente de Nart, Bernardo Gutiérrez parece entender o caráter literário do gênero a que se dedica e, por isso, desenvolve uma narrativa preocupada com os aspectos sociais da população visitada, ressaltando a tentativa de se produzir um texto que apresenta as experiências advindas da viagem vinculadas com a sua imaginação, utilizando imagens poéticas, entendendo o caráter ficcional desse gênero literário. Todas as opiniões dos indivíduos encontrados pelo caminho são associadas às imagens construídas a partir de estudos anteriores com base em relatos de viagens, documentos históricos e textos literários.

Em síntese, o objetivo de Gutiérrez parece ser a produção de uma narrativa consciente, baseada nas suas referências literárias, históricas e pelo contato com os seres humanos que povoam o território visitado. Isso se concretiza graças ao distanciamento desse viajante de sua identidade europeia e o mergulho na nova realidade encontrada. Essa posição exemplifica a segunda função da releitura do mito que é a atualização da memória que esse ato produz. De acordo com Samoyalt,

É assim que o mito se nutre de si mesmo; passando de memória em memória, deixa e retém coisas, sem perder nada de seus traços constitutivos. A passagem de tempo na retomada é a única garantia de transformação, que é frequentemente alteração por efeito de dessacralização (SAMOYALT, 2008, p. 119).

Considerando o Código de Ética Jornalística¹¹⁸, percebemos que Gutiérrez se comporta de acordo com a sua profissão, prestando informações coerentes que podem produzir efeitos positivos na sociedade, visto que é direcionada aos seus conterrâneos. Mesmo em seus intentos ficcionais percebemos essa preocupação, pois, tanto para ele como viajante-narrador, quanto para os leitores que têm contato com os escritos, “sair de si mesmo, ser outro, ainda que ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade¹¹⁹” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 24). Então, percebemos que a atividade exercida tem uma natureza social e, por entender o caráter ficcional do seu produto, insere as suas impressões sobre o país visitado, mas sem causar prejuízos a essa sociedade, uma vez que ele procura se afastar de preconceitos que possa ser (re)produzidos a partir do contato intercultural promovido pelo deslocamento físico e psicológico.

Retornando à questão dos mitos, percebemos que tanto em um caso como no outro, a operação de transmutação assegura a sua sobrevivência e proporciona sua contínua reprodução. A

¹¹⁸ Fonte: <http://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-19852007/>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

¹¹⁹ “Salir de sí mismo, ser otro, aunque sea ilusoriamente, es una manera de ser menos esclavo y de experimentar los riesgos de la libertad” (VARGAS LLOSA, 2007, p. 24).

diferença se dá justamente pelo trabalho realizado a partir da intertextualidade e os objetivos pretendidos por cada viajante. Assim, entendemos que a literatura não existe sem intertextualidade, uma vez que uma produção será sempre baseada em uma referência anterior. Essa posição vai de encontro com o conceito clássico de intertextualidade, entendido como a “companheira servil de um estruturalismo abusivo, que isola definitivamente a literatura do mundo” (SAMOYALT, 2008, p. 143), configurando-se como a multiplicidade de textos que respeita a subjetividade da escrita, indicando que a fronteira de uma obra para outra é tênue e a integração é inevitável. Em algum grau sempre haverá um jogo com a biblioteca entre os textos, um jogo de referências.

Esse jogo de referências é característica intrínseca da literatura memorialística que se baseia “em três níveis que não se recobrem jamais inteiramente: na memória trazida pelo texto, a memória do autor e a memória do leitor” (SAMOYALT, 2008, p. 143), possibilitando a multiplicidade de interpretação de um referente, indicando que a sua representação pode se dar tanto pela relação quanto pela transformação, exemplificado pelas duas obras aqui analisadas. Essa questão também prova que a tradição não é historicamente estável, uma vez que ela pode sofrer desde pequenas alterações até total transfiguração.

Com isso, resta-nos discutir a questão da originalidade do texto, uma vez que ele sempre se constitui de uma biblioteca. Recuperando a discussão de Samoyalt (2008), devemos considerar duas posições críticas opostas. Por um lado temos uma visão melancólica quando consideramos a impossibilidade de se produzir algo novo na literatura. Por outro, através de uma posição otimista, vemos os textos como uma expressão inédita do escritor que se torna o proprietário de determinado assunto, destinando uma característica própria a um tema muitas vezes discutido anteriormente. Por esse ponto de vista, entendemos que “As ideias não pertencem a ninguém, elas circulam, voam, dispersam-se e pousam, de acordo com os ventos, cuja orientação é preciso medir” (SAMOYALT, 2008, p. 71). Levando em consideração tudo o que foi discutido, podemos afirmar que essa qualidade não tem importância para esse campo de estudos, pois a literatura se desenvolve a partir de uma base de dados compartilhados, configurando-se sempre como representação e re-escrita.

O relato de viagens é, por definição, um gênero que mistura a ficção com o documental. Apesar da busca pela descrição da realidade, sabemos que todas as informações transmitidas se configuram como representação, como uma imagem transformada pelo observador. Nesse contexto, o referente é ressignificado pelo viajante que acrescenta essa informação aos seus conhecimentos previamente adquiridos e externaliza esse conteúdo como uma (possibilidade de) realidade. Por esse motivo ele deve ser considerado como um texto de

alto nível intertextual, pois é produzido a partir de um patrimônio coletivo, recuperando mitos e saberes, configurando-se, assim, como um exercício de transformação determinado pelos objetivos específicos do enunciador.

Desde a sua origem, o relato de viagens está ligado à memória oral e ao conteúdo que se inscreve na memória, transmitido posteriormente como uma ação que pode ser grandiosa ou deprimente. Nesse contexto, explicitamos a ideia que os textos nos quais se inserem a individualidade e subjetividade de uma pessoa não apresentam um autor propriamente dito, mas uma espécie de editor, “como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa” (GOMES, 2004, p. 16). Em síntese, podemos afirmar que o autor é criado no texto, como um personagem privilegiado, e não fora dele.

Em conseqüente, precisamos evidenciar ainda que a “intertextualidade exige um leitor que não seja ‘esquecido’” (SAMOYALT, 2008, p. 94). Isso indica, no nosso contexto de estudo, que o leitor precisa adotar um posicionamento crítico diante o texto literário, visto que a literatura apresenta uma visão de mundo ao mesmo tempo em que faz uma referência a si própria. Dessa forma, cabe ao leitor o exercício de compreender essas referências e desconstruir os mal-entendidos criados e disseminados pelas instituições ideológicas colonizadoras. Para tanto, é preciso entender que a “intertextualidade faz assim aparecer uma primeira hibridez, que é também sua caracterização elementar, justapondo várias falas, vários contextos e várias vozes” (SAMOYALT, 2008, p. 103). Essa heterogeneidade dos materiais faz emergir diferentes discursos que precisam ser identificados, possibilitando a sua reflexão.

O relato de viagens é construído com base em um discurso marcado pelo estabelecimento de relações interpessoais dentro de um espaço limitado. Pensando no caso do Brasil, percebemos que as representações imagéticas podem combinar verdades consagradas com os aspectos fantásticos dos mitos historicamente difundidos, carregados de ideologias coloniais, visto que esse tipo de texto possibilita a conquista e manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas. Da mesma forma, ao entender essas qualidades, os leitores e leitoras podem desenvolver estratégias de desconstrução desses discursos hegemônicos, possibilitando o desenvolvimento de uma imagem mais próxima da realidade e privilegiando questões de ordem social.

Por fim, precisamos estabelecer que o ponto central dessa discussão é a compreensão de que o indivíduo moderno se constitui através desses tipos de práticas culturais e constrói uma identidade para si através de seus documentos. O ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros é um exercício praticado há muito tempo, porém, no caso dos relatos de

viagens, seus significados ganham contornos específicos com a instituição do individualismo moderno, evidenciando que essas produções se configuram a partir da subjetividade do enunciador.

Importante pensarmos também que essas experiências subjetivas são transformadas em documentos, fazendo com que os seus temas se tornem matérias dignas de serem narradas como uma história que merece sobreviver na memória da população como um todo. Essas informações estão em conformidade com as convicções sociais, filosóficas e políticas de uma classe e atendem as necessidades dessa parcela da população. Isso explica o fato dos dois narradores trabalhados construírem imagens diferentes, mesmo pertencendo a uma mesma cultura, inseridos em um mesmo país e em um mesmo momento histórico.

Esses narradores nascem de uma organização social e os registros de suas memórias “são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas” (GOMES, 2004, p. 13). Os documentos por eles produzidos precisam considerar uma nova definição de verdade pautada nas sensações experimentadas por um indivíduo inserido em uma sociedade individualista. Nesse contexto se inserem Javier Nart e Bernardo Gutiérrez, a diferença entre os dois está no nível de demonstração desse individualismo, dessa constante (re)afirmação do poder colonial que priva o primeiro de desenvolver um olhar mais amplo para a realidade visitada, indicando que a sua memória pessoal deva sobreviver na memória dos outros, pois acredita que as suas impressões têm valor e autonomia em relação ao todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após entrar em contato com o imagotipo clássico presente nos primeiros relatos sobre o Brasil e que representam esta terra como um espaço paradisíaco, construído por elementos exóticos e destinado à apreciação exterior, percebemos que essas imagens continuam a vigorar na literatura produzida no presente século. Essas representações fantasiosas transmitidas por diversas instituições midiáticas são formatadas como parte da identidade nacional, tornando-se difícil superá-las ou desconstruí-las totalmente.

É inegável a contribuição oferecida pelos portugueses e pelos espanhóis nos seus relatos de viagens. Aspectos da fauna e da flora desconhecidos pelos europeus foram apresentados com uma precisão quase científica pelos viajantes. Ao mesmo tempo em que informavam, esses textos criavam no imaginário europeu uma visão paradisíaca da nova terra, a partir da rica descrição baseada no encantamento e na ilusão do viajante. Então, desde sempre parece prevalecer o retrato dissimulado do Brasil como insólito e atrativo.

A descrição do Brasil como o Paraíso Terrestre está relacionada com o imagotipo do Eldorado, posição que se consolidou a partir da crença de que existe um lugar perdido em meio à floresta amazônica, onde se pode encontrar uma grande quantidade de ouro, espelhando o sonho de conquista dos europeus. Esse mito foi retratado de diversas formas com o passar dos anos, porém discutimos, neste trabalho, a Amazônia como símbolo de fertilidade e como espaço onde reina a diversidade animal, vegetal e mineral, enfatizando duas posições ideológicas opostas e complementares. A oposição se dá pela opinião sobre o que deve ser feito com a Amazônia: preservá-la ou transformá-la em espaço produtivo integrado à economia capitalista? Posições complementares, visto que ambas denotam uma intervenção exterior sobre esta terra, mostrando domínio estrangeiro e ocidental sobre o que eles consideram inferiores e frágeis.

Por conseguinte, indicamos exemplos de construções imagotípicas da Amazônia como Inferno Verde. Essa expressão, criada no início do século passado pelo escritor Euclides da Cunha, famoso por sua obra *Os Sertões*, indica que a floresta apresenta riscos aos seres humanos, visto que as suas características hostis, além de causarem espanto, provocam também problemas para a saúde das pessoas em geral, principalmente ao estrangeiro que não está acostumado à realidade selvática. Para tanto, apresentamos uma leitura da representação do período em que a borracha se tornou um produto comercializável e fonte de riqueza de uma pequena parcela da população, enquanto muitos seringueiros sofriam com as intempéries

regionais. Em seguida, apresentamos também uma breve discussão a respeito dos contratemplos enfrentados durante a construção da ferrovia Madeira-Mamoré.

É preciso enfatizar que essa posição infernista também prioriza o diferente, desconhecido, distante, afirmando, por uma superficial oposição ao edenismo, a posição do Brasil como excêntrico, extravagante e inferior aos valores hegemônicos europeus, evidenciando a ideia de que também por esse motivo o país deve ser colonizado, para, assim, expurgar-se dos pecados e maldições.

As imagens edênicas da natureza estão vinculadas também ao imagotipo do homem cordial, no qual os habitantes desta terra são representados tendo sua subjetividade centrada nas emoções, configurando-se em pessoas boas, generosas e demasiadamente hospitaleiras. Essa representação, muito disseminada nas diversas instituições midiáticas, sobreleva a ideia de seres humanos passivos, sempre à disposição para servir aos estrangeiros nas suas mais diversas necessidades. Além disso, os brasileiros são ainda vinculados ao imagotipo clássico do “bom selvagem”, designação popularizada por Jean-Jacques Rousseau, na obra *O Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens* (1754). Essa posição ideológica se configura como uma construção que não considera a subjetividade dos indígenas como seres humanos, gerando, por isso, estereótipos simplistas que visam à manutenção do poder ocidental frente aos seres animalizados que povoariam o oriente.

Os brasileiros são comumente representados como tendo suas identidades traçadas por característica própria do ambiente em que habitam. Nesse contexto, discutimos alguns imagotipos clássicos vinculados às pessoas que habitam este espaço, como a figura do indígena como seres idealizados e a população negra brasileira que é constantemente definida pelas suas formas físicas, pelo seu potencial de trabalho e por outras características que a colocam em um patamar inferior aos grupos sociais hegemônicos. Por esse viés, adentrando com maior profundidade na questão das mulheres negras brasileiras, percebemos que elas sofrem com diversos níveis de colonização, uma vez que delas são tiradas a liberdade de agir, o direito a voz e são admiradas pelo sua constituição física considerada exótica, justamente por não serem brancas e não serem homens, ou seja, por não pertencerem às classes que detêm alguns privilégios na sociedade.

Em síntese, percebemos que a população brasileira é sempre considerada a partir de duas generalizações. A primeira diz respeito ao caráter físico e psíquico desses seres que são descritos como eternamente felizes e possuidores de uma vitalidade fora do normal para servir aos interesses alheios. Em seguida, essas mesmas pessoas são apresentadas como possuidoras de características típicas dos animais, sempre dispostos a devorar o *outro*, seja de forma literal

ou metafórica. Essas duas posições se configuram como um paradoxo dualista e simplificador do colonizador que, de forma disfarçada, procura manter a hegemonia europeia.

Independentemente da representação do território e dos brasileiros em geral, precisamos refletir sobre as questões que envolvem a luta discursiva da representação imagotípicas do espaço e dos habitantes desta terra. De qualquer forma, essas construções imagéticas aclaram a ideia de que a natureza e tudo o que nela existe precisa se manter intocada em oposição à concepção de que a riqueza deve ser aproveitada para o benefício da humanidade, assim como os seres humanos precisam ser valorizados pelo caráter exótico que lhe é natural aos olhos estrangeiros, indicando que, independente da forma que se escolhe para conhecer o *outro* e as suas peculiaridades, as imagens construídas serão formatada por aspectos extralinguísticos e comparativos, fazendo referência sempre a algo já produzido anteriormente.

É indiscutível que há diferentes formas de se viajar por um determinado espaço, porém tudo o que se encontra pelo caminho é sempre analisado a partir de um referencial pessoal e de uma biblioteca mais ou menos compartilhada com a comunidade, possibilitando que o viajante realize a tarefa de analisar o que o aproxima e o que o distancia desse novo território. Em uma análise dos habitantes do espaço, bem como dos aspectos da natureza que o completam, é preciso buscar o desenvolvimento de imagens mais amplas e mais humanas do lugar visitado. Para tanto, entendemos que os viajantes precisam se afastar das suas referências pessoais, desvencilhar-se, mesmo que parcialmente, de sua bagagem cultural e viver a nova realidade da forma mais plena possível.

Os dois relatos estrangeiros aqui trabalhados se afastam pela perspectiva lançada sobre o Brasil. Javier Nart se preocupa essencialmente em descrever o espaço e os seus habitantes como exóticos e estranhos, evidenciando sua posição como turista que relata suas aventuras pelo desconhecido. Por sua vez, Bernardo Gutiérrez procura construir uma narrativa com base jornalística, voltada para os problemas sociais vividos pela população visitada, apresentando uma visão mais ampla que soma sua experiência pessoal às necessidades do coletivo observado. É inegável que essas perspectivas são formatadas pela capacidade que os autores têm de viajar pelos relatos produzidos anteriormente, pelas literaturas e pelo conhecimento histórico relativo ao local visitado. Por isso, defendemos a ideia de que quanto maior o conhecimento adquirido nas diversas viagens realizadas pelo indivíduo, mais a sua narrativa fugirá do senso-comum e dos imagotipos clássicos.

Nesse contexto, ao analisar a biblioteca carregada por Javier Nart, percebemos que as imagens por ele construídas não se afastam dos modelos clássicos e simplistas desenvolvidos

no decorrer dos últimos séculos, desde a chegada dos primeiros exploradores a esta terra. Dessa forma, ele não entende que os valores e os discursos são convenções, mostrando incompreensão na construção das imagens em sua narrativa e extremismo na sua posição diante do que analisa. Ao tentar se afastar dos indivíduos que, como ele, habitam os países de primeiro mundo, acaba se aproximando mais. Nessa oposição entre o *eu* e o *outro*, duas figuras básicas da experiência da alteridade, fica evidente o eurocentrismo do narrador que apresenta seus próprios valores como hegemônicos e manifesta a convicção de que o mundo é um e de que todos devem servir aos mesmos deuses.

Sendo assim, gradativamente, vamos percebendo que esse narrador passa do assimilacionismo, que indica uma relação igualitária entre os seres, à ideologia escravagista, apresentando a inferioridade do Brasil e dos brasileiros em gerir suas riquezas. Dessa forma, Javier Nart não reconhece o *outro*, mas lhe impõe os seus próprios valores, advindos do modelo por ele criticado, mas que são disseminados na sua prática e no contato com o diferente. Assim, percebemos que esse viajante não consegue se desvincular de sua ideologia colonizadora, constituída pelo seu contato com o *outro* e pela sua posição no mundo, utilizando-se desse poder para impor sua superioridade sobre os habitantes da terra visitada.

Por outro lado, é possível observar com bastante clareza que a posição apresentada por Bernardo Gutiérrez indica uma maior compreensão dos problemas brasileiros, sustentando a ideia de que o Brasil possui belezas naturais que devem ser valorizadas e engrandecidas, mas também precisa ser avaliado criticamente, de modo a não se esquecer de que edenismo e infernismo são elementos que se somam na construção da identidade de uma nação. É preciso notar que esse segundo narrador também não consegue se desvencilhar totalmente das imagens cristalizadas no imaginário europeu, porém se distancia desses estereótipos na produção de seu relato. Sua visão muda por conta da pesquisa realizada em diversos materiais teóricos e literários, fazendo com que as imagens construídas sejam mais fiéis à realidade social, evidenciando uma preocupação com a construção da sua própria identidade, com a identidade dos seres observados e também com a identidade do seu leitor.

Uma discussão importante neste momento é construída a partir da aproximação entre a realidade e o texto literário. Nessa perspectiva, é preciso afirmar e enfatizar a impossibilidade de apresentar a pura realidade na literatura, uma vez que a ideologia permeia as relações sociais e na língua ela se materializa. Mesmo quando se trata de relato de viagens, gênero limítrofe entre o documental e a ficção, é necessário entender que os significados são múltiplos, eles variam de um discurso para outro, dependendo dos elementos e interlocutores inseridos na comunicação.

Considerando as informações apresentadas neste trabalho, evidenciamos a intenção de realizar uma leitura coerente dos relatos de viagens escolhidos, considerando os conceitos de ideologia e subjetividade, a partir de aspectos de diferentes áreas do conhecimento, questionando, enfim, a posição autoritária que um narrador-viajante-europeu-colonizador pode apresentar nas descrições espaciais e humanas criadas a partir do deslocamento pelo espaço e pelo tempo, somadas a outras tantas viagens realizadas inscientemente pelo indivíduo em trânsito.

Pelas generalizações simplistas aqui discutidas é possível trabalhar a autoestima de um povo tão marcado pelos golpes históricos. Neste momento político específico essa atitude é ainda mais relevante, tendo em vista que ganha força na sociedade os discursos que desvalorizam as culturas nacionais em decorrência da valorização do que vem de fora. Assim, é patente a necessidade de desconstruir paradigmas e normas consideradas hegemônicas, sua função na homogeneização cultural e a violência que se constitui dessa prática.

Por fim, resta-nos somente indicar que este trabalho não pretende esgotar o tema do relato de viagens e seus atravessadores, nem se propõe a ser um manual que aborda todos os aspectos estereotípicos construídos sobre o Brasil durante a sua existência, muito menos buscar respostas definitivas para essas construções através de investigações profundas na história. Com base nos relatos de viagens analisados, percorremos a criação literária e buscamos levantar pontos de reflexão importantes, questões centrais para uma melhor compreensão da construção da identidade nacional, dando preferência para essas duas obras recentes, que não acumularam fortuna crítica até o momento.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.
- AMARAL, A. L.; MACEDO, A. G. (Orgs.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.
- BELLUZZO, A. M. A propósito d'O Brasil dos viajantes. In: **Dossiê Brasil dos viajantes**. *Revista USP*: São Paulo, 1996.
- BELSEY, C. **A prática crítica**. Trad. Ana Isabel Sobral Carvalho. Porto: Edições 70, 1982.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, J. **Modos de ver**. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BERND, Z. (Org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Ed. da UFRGS, 2007.
- BHABHA, H. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLANDA, H. B. de. (Org.). **Pós-modernismo e política**. Trad. Francisco Caetano Lopes Júnior. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- CARRIZO RUEDA, S. A. Construcción y recepción de fragmentos de mundo. In: CARRIZO RUEDA, S. A. (ed.). **Escrituras del viaje**. Buenos Aires: Biblos, 2008.
- ESTEVES, A. R. **A ocupação da Amazônia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- ESTEVES, A. R. Eldorado. In: BERND, Z. (Org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Ed. da UFRGS, 2007.
- ESTEVES, A. R. Inferno Verde. In: BERND, Z. (Org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Ed. da UFRGS, 2007.
- ESTEVES, A. R. A Amazônia revisitada. De Manaus a Belém e Macapá, com interlúdio no Sudoeste do Pará. **Patrimônio e Memória (UNESP)**, v. 7, p. 67-85, 2011. Disponível em <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/119/119>>. Acesso em 16 ago 2018.
- FERREIRA, J. L. **Conquista e colonização da América espanhola**. São Paulo: Ática, 1992.
- GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, H. T. Bom selvagem. In: BERND, Z. (Org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Ed. da UFRGS, 2007.

GUTIÉRREZ, B. **Calle Amazonas**: De Manaus a Belém por el Brasil olvidado. Badalona: Altaír, 2010.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

IANNI, O. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ISER, W. **O ato da leitura**. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MEIRELES FILHO, J. **Grandes expedições à Amazônia Brasileira 1500-1930**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MOTA, L. T. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. **Patrimônio e Memória** (UNESP), v. 10, n. 2, p. 5-16, 2014. Disponível em <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/463/750>>. Acesso em 10 de jul de 2018.

NART, J. **Viaje al otro Brasil. Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico**. Madrid: Punto de lectura, 2002.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo, Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: USC, 1999.

PRESTES, A. L. **Uma epopeia brasileira: a coluna Prestes**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RAMA, A. **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

RAMOS, A. R. N. Homem cordial. In: BERND, Z. (Org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Ed. da UFRGS, 2007.

RANCIÈRE, J. **O destino das imagens**. Trad. Mônica Costa Netto. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012.

SAID, E. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMOYALT, T. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SILVA, P. V. B. da; ROSEMBERG, F. Brasil: Lugares de Negros e Brancos na Mídia. In: DIJK, T. A. van (org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, C. H. M. R. de. **Do cá e do lá: introdução à imagologia**. São Paulo: Humanitas, 2004.

TACCA, O. O narrador. In: **As vozes do Romance**. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Almedina, 1983.

THEODORO, J. Visões e descrições da América: Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). In: **Dossiê Brasil dos viajantes**. Revista USP: São Paulo, 1996.

TODOROV, T. **A conquista da América. A questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TODOROV, T. El viaje y su relato. In: **Las morales de La historia**. Trad. Marta Beltrán Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993.

VARGAS LLOSA, M. **La verdad de las mentiras**. Madrid: Punto de lectura, 2007.